



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

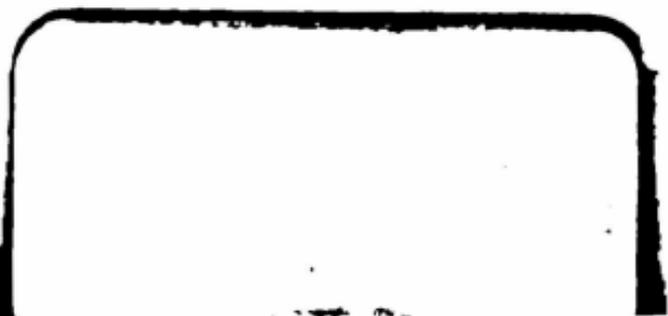
- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

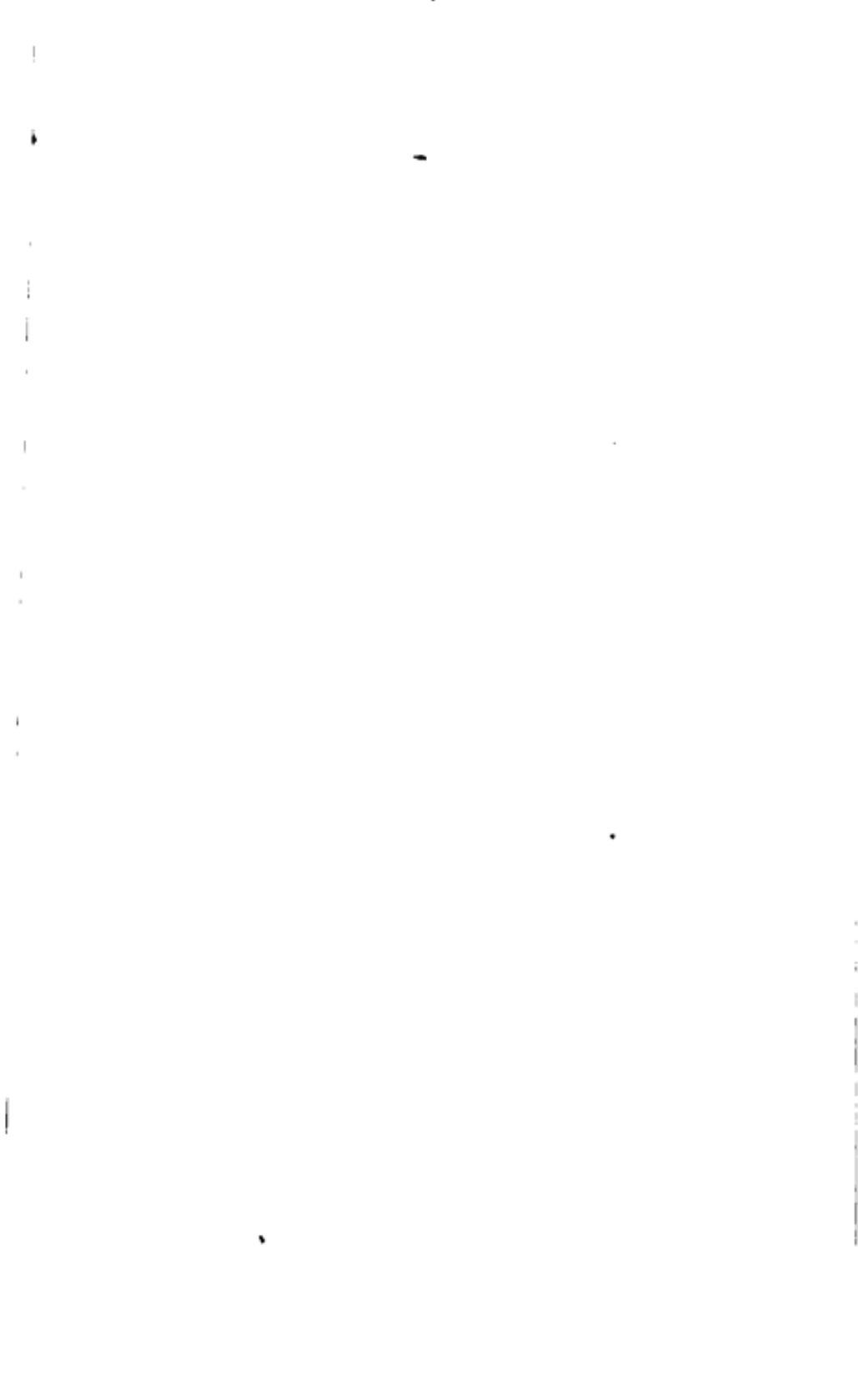


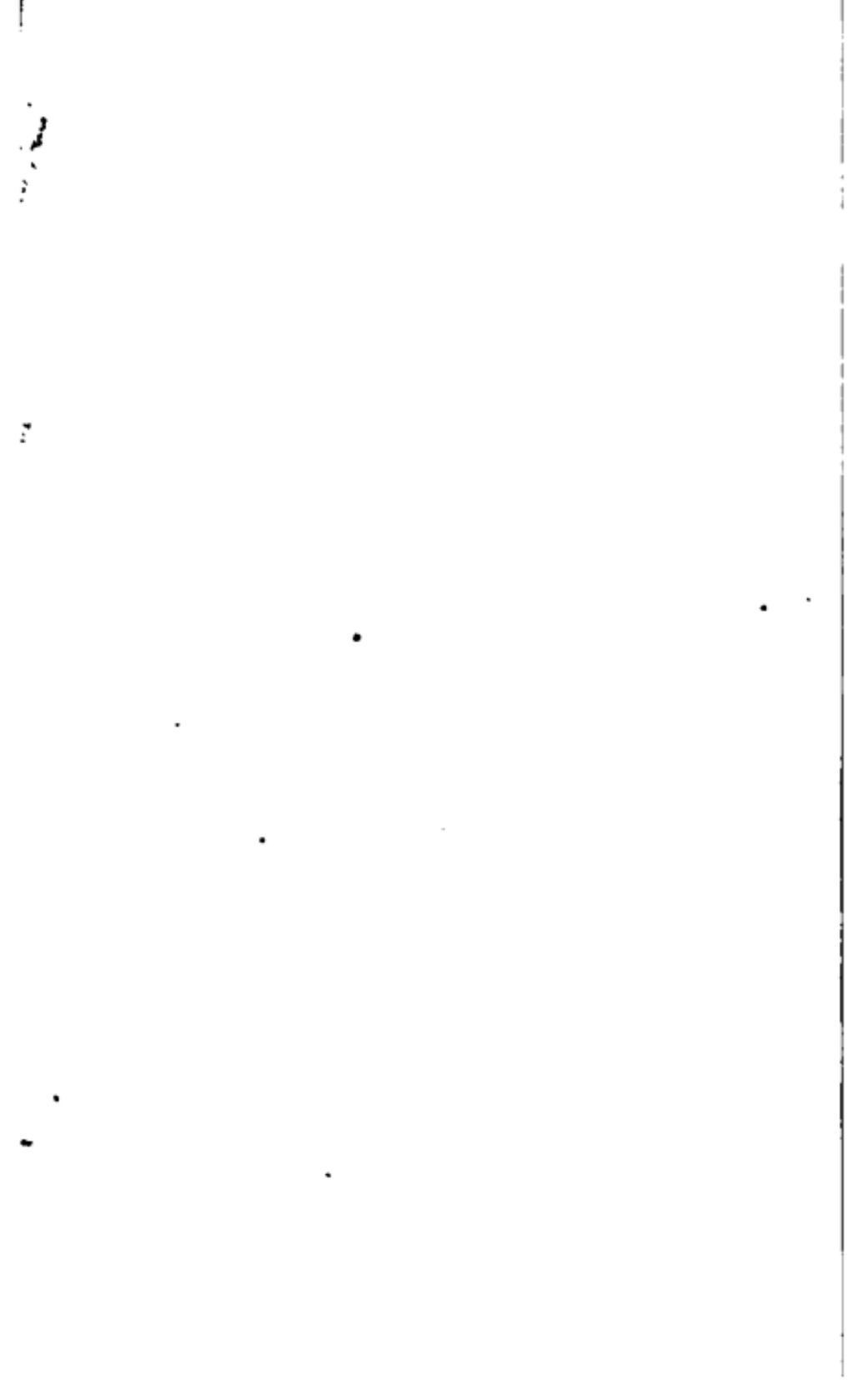
Vet. Port. III A. 16











Parnaso Lusitano

ou

Poesias Selectas.

**PARIS. — DE L'IMPRIMERIE DE RIGNOUX,
rue des Francs-Bourgeois-S.-Michel, n° 8.**

Parnaso Lusitano

OU

Poesias Selectas

DOS

AUCTORES PORTUGUEZES ANTIGOS E MODERNOS,

ILLUSTRADAS COM NOTAS.

PRECEDIDO

DE UMA HISTORIA ABREVIADA DA LINGUA
E POESIA PORTUGUEZA.

TOMO IV.

PARIS,

EM CASA DE J. P. AILLAUD,
QUAI VOLTAIRE, N^o II.

M DCCC XXVII.



PARNASO LUSITANO.

Lyricos.



ODE XV.*

AOS NOVOS GAMAS.

... *Nil mortalibus arduum est,
Cælum ipsum petimus.*

HORACIO.

Assim deixou de Creta as cem cidades
O fabuloso mestre, **.
As estranhadas nuvens dividindo
Com atrevidas pennas;

* A admiração deu o nascimento a esta ode, e com effeito a grandeza, e a novidade do spectaculo, dera assumpto a melhor canto, se a veia do poeta fôra de mais alta classe.

** *Dædalus, ut fama est, fugiens Minoia regna
Præpetibus pennis ausus se credere cælo*

VIRGILIO.

Assim nos ensinou a ser monarchas

Do ligeiro elemento:

Mas, do arrojo agastada a natureza,

Sob alçapão ferrado

O temerario arcano poz seguro,

E aos seculos vindouros

Com manto espesso de nublada treva*

Lhe encubriu o jazigo.

Que não vence indefesso improbo studo,

Que põe na glória o fito!

Que marcos não transpõe esporeado,

-Destemido desejo!

Viram da morte a hedionda cãadura,

(E com pausados olhos)

Os heroes arrojados, que na lança

Levaram sanguinosa

* Alguns meninos, inda boçaes em poesia, me censuraram de ter eu usado *treva* no singular; porque talvez so se lembraram da *quarta feira de trevas*: aos taes lhes aponto aqui (além de outros que não screvo) estes tres logares de Camões, que tenho á mão:

Acorda e ve ferida a escura *treva*.

Cant. II, est. 64.

Todos nus, e da cõr da escura *treva*.

Cant. v, est. 30.

Divina assim tirou da escura *treva*.

Cant. III, est. 15.

Conquistados imperios , e deixaram
 Impróvida memoria.
 E os que , seguindo as leis da ardua virtude,
 Calcaram denodados
 O collô insidioso da Calumnia ,
 Dragão de atro veneno.
 Ja tinhã em fragil lenho submettido
 Os reinos de Neptuno,
 Mortal , desprezador de dubia morte;
 E , alongando a carreira ,
 Da roixa aurora visitado o leito;
 Do tardio Boótes *conceitos*
 Penetrado os gelados escondrijos
 C'o sagaz Astrolabio.
 Ja devassando os terminos do mundo ,
 Inquietos humanos
 Tinham serras longinquas , invios ermos
 Trilhado aventureiros ;
 Com mão profana as lobregas entranhas *dark*
 Da terra reyolvido....
 E tu , Vulcano, que as Lipareas ilhas
 Regias indomavel ,
 Regido foste , e a sábias mãos sujeito ,
 Para os humanos Joves ,
 Em dura schola , trabalhaste os raios ,
 Que estalam com ruína
 Nas cerradas phalanges , nos reparos
 Das munidas cidades.
 As estrellas , os orbes despedidos ~

Reconheceram regras; *

E o raio assustador, que vago e solto

Estendia ou quebrava

O roixo trilho do farpado incendio,

Hoje a Franklin submisso,**

Pela perita barra, *** ingrata via,

Reluctante discorre.

So resestia ufano e mal-soffrido

Ao tentame frustrado,

Do vasto Eolo o imperio mal-seguro,

Diaphanas campinas.

Os rijos Aquilões, Euros fogosos

* Não tinha ânimo, nem paciencia (n'êsta *ode* que primeira imprimi em França, como tambem n'outras que lhe seguiram as pegadas) de pôr notas em semelhantes bagatellas; mas como tanto me tem soado nos ouvidos, que acham escuros alguns logares d'ellas, me sinto no lance de pôr mais patente o que me parecia trivial e claro. Assim direi, que as regras de que fallo, são as de Newton.

** De quem disse Turgot: — *Eripuit caelo fulmen, etc.*

***A barra do *paratonnerre* não tem mais sciencia que qualquer outra barra de ferro; mas foi o perito Franklin, que ensinou com ella a dirigir o raio para onde queiram. Assim o pente de que falla o Garção na *ode* ao Delphim, não era mais destro que qualquer outro pente de cornio, e ainda mesmo da mais fina tartaruga, mas na mão de Gabilhon fazia maravilhas.

C'o sópro amedrentavam
 A progeñie arriscada de Japeto:
 Añ aguas infamadas,
 C'o nome do mancebo * mais-que-afouto,
 Com descorados médos
 A empresa ambiciosa represavam.
 Debalde a natureza
 -Ao pertinace esforço se esquivava,
 De sustos povoando
 O largo plaino dos desertos areas,
 Desemparadas quédas
 Oppondo, escarnecidas, por barreiras!
 O desvelo incançado
 Que aguça a vista á sensação reflexa,
 Arremessado rompe
 Pelos montões de obstaculos, e investe
 C'os penetraes vedados,
 A arrancar o segredo perigoso.
 Para escalar os astros
 Intexe um globo **, imitador dos orbes,
 Que gyram no ar vasio....
 Ea mesmo o vi. *** Obediente ao mando

* Icaro.

** *L'invention des aérostats est due aux Français. Le poète anglais Darwin, dans son poème des Amours des Plantes, en fait une très-belle description.*

*** Em quanto o globo de *messieurs Charles e Ro-*

Deixou airoso a terra ;
 Sôbre as frentes dos homens assombrados
 Levantado planeta
 Sulcava as raras ondas magestoso :
 (Em suberbo triúmphi
 A regrada sciencia aos ceos subia)
 E furtando-se aos olhos
 A nova estrella prefazia o gyro.
 Tal Jupiter subido
 Tira bizarro, pelo ethereo campo,
 Os satellites fidos,
 De um Pólo, a outro Pólo, * passeiando,
 Na clara estiva noite.

bert, subia mui sereno entre aclamações e assom-
 bro de todos os que o viam, tecia eu ésta *ode*, quasi
 tal que aqui vai impressa, salvo as correções que
 lhe fiz ao screve-la.

* Não me amofinem com astronomias, nem com
 Pólos d'aqui, nem Pólos d'alli, que muito bem se
 sabe que os planetas não correm de Pólo a Pólo.
 Leiam Camões, e verão que elle mette Pólo a toda
 a casta de môlho.

ODE XVI.

AD SODALÈS.

*.... Jure perhorruì
Late conspicuum tollere verticem.*

HORACIO.

La vem a Aurora , o manto apavonado
Lançando pelas croas dos onteiros ;
Soprando os brandos zephyros lhe ondeiam

As faldas roçagantes :

Orvalhadas boninas .

Cubiçam de enfeitá-la ;

Do verde leito dẽ enleuada murtha
Se ergue a sauda-la o Rouxinol canoro.

Campos , com que prazer , com que saudade
Buscar-vos corro , escravo fugidio
Do imperio duro da violenta córte!

Sêde-me asylo, oh bosques

De afortunada sombra!

Contra as douradas mágoas ,
Contra o riso traidor da vil lisonja,
Contra a voz indigente da cubiça.

Verdes álamos tremulos , cubri-me

*adone
Eubayle*

De sombrio socêgo; e tu, ribeiro,
Que entre pardos penedos te espedaças,

Manda esquecido somno,
Com teu rouco murmúrio,
À mente inda abalada

Dos crebros sobresaítos veladores,
Dos turvos médos, subitas justiças.

No seio d'éstas placidas campinas,
Que bordou Flora com mimoso studo,
Venho despir os trajés dos desgostos.

Aqui renasce o sabio;
Aqui, das mãos graciosas
Da alegre Liberdade,

Rebo em rustica taça, escarimentado,
Do tranquille prazer o nectar puro.

Não venha aqui com as servis riquezas
Assuberbar-me ufano esse válido,
Que a tantos cortezãos azeda os dias;

** N'espérez plus de candeur, de franchise, d'équité, de bons offices, de services, de bienveillance, de générosité, de fermeté dans un homme qui s'est livré à la cour, et qui secrètement veut sa fortune. Le reconnaissez-vous à son visage, à ses entretiens? Il ne nomme plus chaque chose par son nom: il n'y a plus pour lui de fripons, de fourbes, de sots et d'impertinens. Celui dont il lui échapperait de dire ce qu'il en pense, est celui là même, qui venant à le savoir l'empêcherait de cheminer.*

Pensant mal de tout le monde, il n'en dit de per-

Que aos pés do idolo cego
 Da privança, recuso
 Lançar dons, nem serviços.
 Fechada a estrada tenho de ser grande;
 Porque nunca aprendi a envilecer-me.

Vai, avarento; vai, ambicioso,
 No culpado regaço colhêr honras,
 Colhêr os dons, que arroja desvairada
 Sôbre os maus a Fortuna;

Porque possas suberbo
 Calcar do virtuoso

A singela confiança, e dar ao vulgo
 Mais uma státua, que insensato adore.

Ama o vulgo a riqueza, inveja as honras;
 Porque esquivo da luz da sapiencia,
 Dos verdadeiros bens não ve o trilho:

Per entre lidas, médos
 Se arroja extraviado,
 Após um bem nocivo,
 Após uma chymera enganadora,

sonne, ne voulant du bien qu'à lui seul, il veut persuader qu'il en veut à tous, afin que tous lui en fassent, ou que nul du moins ne lui soit contraire. Non content de n'être pas sincère, il ne souffre pas que personne le soit: la vérité blesse son oreille: il est froid et indifférent sur les observations que l'on fait sur la cour et sur le courtisan; et parce qu'il les a entendues, il s'en croit complice et responsable, etc.

LA BRUYÈRE.



Que em pouco vai soltar-se em vago fumo.

Eu , ao pé d'êsta fonte saúdosa ;

Deitando ao longe os repousados olhos ,

Per entro os arcos dos annosos freixos ,

Contente me divirto

C'o cordeiro, que affaga

A retesada ovelha ;

C'o cabrito saltão , que pendurado

Treme no agudo serro , aventureiro.

Em quanto spero pela branda musa ,

Que benevola os ceos às vezes deixa ,

Por vir-me acompanhar n'este retiro.*

Então me adestra os dedos

Sóbre as divinas cordas ,

E me entoa as virtudes

Do honrado Mathevon , ou de Dorindo ,**

Ou de outro nome que ao olvido arranca.

Alguma vez Amor vem, não-pensado ,

Troca-me a lyra , e põe-me inda defronte

** La gloire se nourrit du silence et de l'ombre.
Sans de profonds loisirs et des veilles sans nombre,
Képler, Bayle, Descarte, et Corneille, et Milton,
N'eussent jamais loin d'eux fait éclater leur nom.
Sans éveiller l'Envie, inquiète, alarmée,
Long temps ils méditaient leur vaste renommée ;
Mais ils laissaient à peine échapper leurs travaux,
Qu'un éclat imprévu foudroya leurs rivaux.*

LEBAUN.

** Amigos do poeta.

O rosto meigo da gentil Marfisa ;
 E despertando, no peito
 Ja quebrantado e frio,
 Adormecidas brazas,

Love cool

Revolve o cofre das amantes notas,
 E manda á boca deslembraços versos.

Se, da cova de Caco, os bens roubados, *
 Me salva amiga mão de Hercules novo,
 E posso, n'estas veigas, nova choça,

Em aurea mediania,[†]
 Erguer desassombrado ;
 Em são defeite e puro

*True friend
 care*

Involverei alegre os justos dias
 De benefica vida descançada.

Porei por guarda á porta a Experiencia ,

* Perdi, pelo terremoto, quantos livros então possuía. Pela segunda vez perdi quanto meu pae ganhou no serviço d'el-rei, em 60 annos que foi marítimo, e os bons livros classicos gregos, latinos, italianos, alguns francezes, castelhanos, e muitos portuguezes, que com bem custo e trabalho tinha juncto, la m'os sequestraram em Portugal. Pela terceira vez perdi moveis e 700 volumes o mais injustamente, desde que o mundo é mundo, penhorado per sentença de Juizes. Pela quarta e última vez (digo última, porque ja não tenho que me penhorrem) a minha tal e qual livraria, fato e moveis os perdi, pela perfidia d'uma mulher, que tomei para me servir, a qual os Juizes condemnaram a restituir

† medicina

C'uma longa alabarda , que afugeste
A cohorte importuna dos cuidados ,

A ambição insoffrida ,

E os vesgos longos olhos

Da descarnada inveja.

Marfisa , amigos poucos , poucos livros

Me ampararão do enosso enfadamento. †

tudo, e a dous annos de prisão; e outros arbitraram,
que ella ficasse com tudo; e, a querer eu resgatar o
que era meu, pagasse 940 francos, que eu nunca
devi.

† ...

ODE XVII.*

A LIBERDADE.

Jupiter illa piæ secrevit littora genti.

HORACIO.

Que é o que en ouço, oh deuses!
 A minha eburnea lyra,
 Que repousa, depois que a clara glória
 Cantei superbo, do Albuquerque duro,
 Não tocada resoa,
 E, do vate incurioso, a mão convida?
 Respeitavel prodigio,
 Acceito o auspicio fausto:
 Feitos altos, a musa, que te excita,
 Em grandiloquo metro me apparatus.
 Ja me assignala as cordas,
 E ao meu sujeito ouvido o canto ajusta.
 Qual, da Sicyonia praia,

* Grandes ideias, optimas elegancias, bello colorido e language purissima, constituem o merito d'êsta ode.

Parte o Agenorio,* incerto,
 Buscando a linda irman, mal-confiada
 No fallaz touro de nevada fronte;
 E dobra ancioso as crespas
 Pontas dos alongados promontorios.
 Per insolitos máres,
 Calcando insanos médos,
 D'além Colomb, d'aqui o inclyto Gama,
 Vão tremolar Occidentaes bandeiras
 Entre povos, que ajoelham
 Ante homens numes, do trovão senhores.**
 Os tritões insoffridos,

* *Cum pater ignarus, raptam perquirere Cadmo
 Imperat, et pœnam, si non invenerit, addit
 Exilium, facto pius, et sceleratus eodem.
 Orbe pererrato (quis enim deprendere possit
 Furta Jovis?) profugus patriamque, iramque parentis
 Vitat Agenorides.*

OVIDIO.

** Pintura sublime no sentido e no estylo!
 Seja-me licito expor aqui outro rasgo de poesia
 sublime :

. . . De igual modo
 De Saragoça nos alluídos muros
 Torreia Palafox; d'alli fulmina
 Bellico Adamastor, e estende a espada
 Cubrindo toda a Hespanha, e deixa aos tigres,
 Do pósto, que defende, o sítio apenas.

J. M. DA C. E SILVA, *Epist. a Thomi*

Que os não-rompidos ináres,
Com desatado arrojo, assim devasse
Do extremo Occaso o morador afouto,
Depoem a ingrata nova
Ante o throno do cerulo tyranno.

Neptuno enfurecido

Do solio se arremessa,
E c'o braço potente abala o fundo
Do mar, que se amontoa, e se espedaça;
Que encapellado atira
De serra a serra, os descorados lenhos.

Eis ja, Cabral, descobres

Os Brasis não-buscados:

C'os salgados vestidos gotejando,*
Pesado beijas as douradas pralas;
E aos povos, que te hospedam,
Ignaro do vindouro, os grilhões lanças.

A bondade, a innocencia,

Que immemoriaes imperam

Nos reinos não avaros de aurea veia,
Dos costumes da Europa espavoridas,

As gentes desemparam

Miserandas... Então a Liberdade,

As azas, não manchadas

De baixa tyrannia,

Soltou isenta pelos ares livres;

* Com o mauinho das ondas embatidas trazia os vestidos humidos e pesados quando desembarcou.

Mal que avistou a escravidão ao longe,
 Roupas trajando sanctas,
 Vir estes climas demandar ditosos.
 Ao vento se desfraldam,
 E as vélas ja branquejam,
 Que as leis escuras trazem, sanguinosas,
 Trazem cordas, grilhões, trazem seguras,
 (Da liberdade em trôco)
 Para as nações, que o crime mal conhecem.
 Geme a America ao péso,
 Que insolente lhe agrava
 Dos vícios a cohorte maculosa : *
 O veneno da Europa se derrama,
 E os mudos valles trôam
 C'o tremulo fragor do bronze rouco.
 Themis, co'as mãos ao rosto,
 Subito os olhos cerra,
 Quando encara as fogueiras flammejando,
 O rei maniatado, o algoz sedento,
 Pelo ouro mal-devoto **
 Decepando as cabeças innocentes.
 Mas... Que doce violencia
 Me retira de tanta
 Scena de horrores ? Qual me sparges nectar,

* *Maculosum nefas.*

HORACIO.

** Que não tinha sido té então empregado em pagar missas e outras devoções.

Musa, pelos mortaes pesados membros;
 Que mal toco, ligeiro,
 As azuladas transparentes ondas?
 D'este licor banhado,
 O dalcisono Orpheu,
 Assim seguia a próvida Calliope,
 Desde os máres da Grecia, ao Nilo ignoto;
 Quando o mysterio egypcio
 Quiz registrar, do alto saber avaro.
 Salve, copado bosque,
 Salve, placido asylo
 Da casta foragida Liberdade.
 La vejo o templo seu apríco, immenso,
 Que encerrar-se não deixa *
 De bronzeas portas, artezoados tectos.
 La vejo, inda entalhado
 N'essa árvore robusta,
 De humanissimo Penn o nome grato:
 Inda os costumes são, que elle plantara,
 Recendem n'estas veigas,
 Orvalhadõs de amiga tolerancia.
 Aquí, nos terrões toscos
 Sentados, acceitavam
 Os selvagehs indigenas o preço **

* Como antigamente se não fachavam em Roma as portas das casas, em que moravam os Tribunos dos povos.

** *Le gouvernement avait donné au père de Guil-*

Da terra ja além-dada : exemplo insigne,
 Que inculpirá infamia
 Nos que as plagas, não suas, captivaram.
 No mais, no mais, * oh musa!

Jaume Penn, en 1680, au lieu d'argent, la propriété et la souveraineté d'une province d'Amérique, au sud de Maryland. Cet homme juste eut la bonne foi de traiter avec les tribus indiennes comme avec un peuple indépendant et souverain de sa terre natale.

DEC. DOS HOM. ILLVS.

* Veja-mos o reparo que fez um crítico (dos que censuram de afogadilho, sem examinar ou entender o que censuram) a este *no mais*, que o illustre José Maria de Souza (na rica edição de Camões que deu á luz) não quiz alterar :

• Uma lição conservou da edição primeira de 1572, contra o parecer dos mais edictores, que não obstante o que diz em abono d'ella, me parece inadmissivel, pela melhor de todas as razões, que é o não offerecer sentido. Ésta lição duas vezes se acha repetida, e consiste em conservar *no mais* em vez de *não mais*. Eis aqui a primeira estancia em que se encontra :

Sendo estes, que fizeram tanto abalo,
 No mais que so sessenta de cavallo.

Lus. cant. III, est. 67.

No mais, musa, no mais, que a lyra tenho.

Lus. cant. x, est. 145.

Se aomenos o edictor suppozesse que Camões escrevendo ora *não*, e ora *nam*, poderia ter tambem

No mais furor me accendas.
 Sinto o sangue correr atropellado,
 O cerebro assaltar-me aguda chamma
 De fatidico incendio:
 Ja, do futuro, a Jove arranco as chaves.
 Como risonha e déstra
 Treze regiões discorre :
 Como co'as alvas mãos lhe quebra o jugo,

escripto, como fizeram os nossos antigos, *nom*, ou *nõ*, então poderia achar-se razão em escrever a palavra *no*; mas em caso nenhum *no*, contracção de *em o*.

Ora para lhe mostrar que não é contracção de *em o*, nem erro typographico, mas sim um modo d'expressar d'aquella idade, citar-lhe-hei os seguintes lugares :

No mais afflicta musa,
 Que ja não póde mais o rouco alento
 Soluçoso e cançado.

LUIZ PERRERA, *Elegiada*, pag. 236.

• Para os Portuguezes, que o acompanhavam, e estiveram no convite, cabalias de setim de côres *no mais*. •

F. M. PINTO, *Perigr.* pag. 370.

• Ora *no mais*, *no mais*, intendida sois senhora. •

J. F. DE VASCONCELLOS, *Euphros.* pag. 159.

Eis como ficam logo colhidos ás mãos os que, sem ler os classicos, se mettem a fallar de language antiga (Veja-se o *Hyssope de Diniz*, pag. xx.)

E as toma , a Liberdade, em anel firme!
 Como as déstras lhe enlaça ,
 Sopra em seus peitos brios, esperanças!
 Soltam-se os pendões livres
 Ao teu sisudo aceno,
 Philospho Franklin, que arrebataste
 Aos ceos o raio, o sceptro á tyrannia ; *
 E ao teu aviso, em Boston
 O lirio adjudador ** tremola, ovante.
 De honra e valor armado,
 Washington, alli te ergues,
 E ao Congresso indeciso a fe abonas :
 Tu es sua muralha, e seu escudo;
 Qual, outrora no Lacio,
 O Fabio tardador, *** á afflicta Roma.
 Os socios protegidos,
 Os tyrannos exhaustos
 São eternos brazões da tua glória,
 Que cresce triumphal na redondeza,
 Como os circnlos crescem
 Em lago, que no centro foi ferido.
 N'este limpo terreno

* *Eriquit caelo fulmen, sceptrumque tyrannis.*

TURCOT.

** A armada franceza, que foi logo em seu socorro.

*** *V'istricesque moras Fabii.*

PROPERCIO.

Virá assentar seu throno
 A san philosophia, mal-acceita;
 E leis mais brandas regerão o mundo,
 Quando homens mais humanos,
 C'o raio da verdade, a luz espalhem.
 Ja de sapiencia ricos,
 Enxames philadelphios
 Vão conqúistar com almo ensino a Europa;
 Sem bayonnettas, sem canhões escravos,
 Vão plantar generosos
 Ramos da restaurada Liberdade:
 Qnaes, do florido Hymetto,
 Mellificas abelhas,
 Entre as azas do zephyro amparadas,
 Vão demandar, com voo desejóso,
 As remotas devezas,
 Que hão de adoçar c'os fabricandos favos.*

* Se os leitores acharem algumas alterações n'estas *odes* e outras peças de Francisco Manuel, tornolhes aqui a repetir o mesmo que ja disse nas paginas cxxxij e cxxxiv, do I volume d'êta escolha, e é — Que me servi de um exemplar da primeira edição correcto e annotado per esse poeta, e com o qual me elle brindou pouco antes de fallecer. —

FONSECA.

ODE XVIII.*

*Nam quis iniquæ
Tam patiens urbis, tam ferreus ut teneat se?*
JUVENAL.

Vejo apontar o inverno pelos cumes
Dos hyperbóreos serros;
Com elle apontam procellosos ventos,
Truculentos negrumes;
Roucas rajadas de saltão granizo,**
Com fragor se desatam
Pelas roturas do arrastado manto.
Lambem-lhe emroda a grenha
Roixos coriscos, rapidos relampagos;
O desabrido Bóreas
Lhe faz côrte, a geada arrebanhando,
Que hade espargir a froxo
Pelas nuas campinas descontentes.

*Esta bellissima ode foi dirigida ao Snr. Timotheo
Lorussian Verdier, antigo e prezadissimo amigo de
Francisco Manuel.

** Quando leio este verso onomatopelco, lembra-
me est'outro na versão do poema.—*As Plantas*.—feita
per Bocage:

Nos tectos *saltinando* a pedra soa.

Já hirsuto o arco atésa
 Para os farpões de tremedores gelos
 Nos disparar agudos.
 Ei-lo que estala, e os crepitantes frios
 Me açoutam as vidraças.
 Todo me encolho, todo me arrepio,
 Já so de ouvi-lo e vê-lo.
 C'os olhos cerco os desprovidos cantos
 Da casa, e das gavetas,
 Por ver (desabrigado, tiritando
 C'o penetrante frio)
 Se, para lhe aparar as estocadas,
 Aeho de prata escudo,
 Forrado casacão ou pilha de achas,
 Hivernifugo couro
 Mas, ai de mim! que tudo stá despido!
 O lento crebro sópro
 De desgraça, aferrada em meu alcance,
~~Vatrá~~ sem piedade,
 Quanto viu, quanto achou. Quanto é ditoso
 Quem ve sôbre o cabide
 Da rica e recheiada guardaroupa,
 Tufar empaturrado
 Pelludo gabinardo zebelino!
 Ve, no redondo estojo, *cade*
 Regalo aquecedor! no lar ardente
 Ondadas labaredas!
 Cuidar, que hei de ir, com harretada humilde,
 Pedir, co'a bolsa em punho,

Ao suberbo estanceiro, repimpado
 No throno mercantil,

Carrada escassa de velhaca lenha : *

Porque não venha a Parca

Co' as fadadas tesouras, c'os novellos

Visitar-me immatura....

Ver que o quente sertum acolchoado,

O lanoso vestido,

O lusitano tepido copote

São de subido preço,

Que a bolsa engelhada em vão escorro

Sem que dête chôrume ,

São flechas mais pungentes, que as do inverno.

Hoje virei-lhe o buxo;

E ella do çujo esfarrapado fôrro,

Entre cotão sedição,

Dés réis vomitou sos, muito esfalfados.

E vós, cré-lo-heis, vindouros!

Eu que não vira nunca da Pobreza

A magra catadura: **

* Medem tam velhacamente a lenha, que buscam
 as achas mais tortas, para as pôr no meio da me-
didada, e deixa-la quanto mais vasia podem.

** *Ainsi les maîtres de la lyre,*

Partout exhalent leurs chagrins :

Vivans, la haine les déchire ;

Et ces dieux que la terre admire,

Ont peu compté de jours sereins.

DE FONTANES.

Que á sombra dos herdados arvoredos
 Descançado dormia
 No regaço da intacta Probidade:
 Eu, que no altar da Honra,
 Do rígido Dever, queimava incensos;
 Que á patria, aos meus, * sem termo
 Dei quanto pude e sube; e dera o sangue,
 Se o sangue meu podera
 Resgata-la do ignaro captiveiro.... **
 Eu vivo desterrado,
 Roubados os meus bens, roubado ainda
 O prémio da virtude!

* Ainda hoje conservo o mesmo amor da patria, a mesma ardeur de viver, de tractar os com Portuguezes. O meu summo desejo fôra formar na minha vizinhança uma colonia de meus patricios, com quem sempre fallasse e convivesse.

** Eis a expressão de uma alma virtuosa e toda inflammada em patriotico amor! Este grande homem, não obstante, os perigos que correu em Portugal; não obstante o desarrimo em que se achava n'um paiz estranho, onde vivia quasi ignorado ou esquecido d'aquelles que outrora se diziam *seus feis amigos*: sem mesmo se eximirem de tam ingrato olvido certos Portuguezes, então residentes em Paris; e que bem poderam adoçar-lhe a amargura da velhice, e do exilio com algumas visitas; indifferença ou desleixo, de que eu fui testemunha, pois assisti a Philinto até o ultimo periodo da molestia que, pouco depois da minha chegada a Paris, o lançou no tumulo; não

E o General dos Bernardos , * que so teve

Por desvelo e doutrina,

Anafar brando as rosas do cachaço,

Rode sege e dobrões,

Dê roupas, dê brilhantes, jogue rijo!...

Oh, terra amaldiçoada!

obstante (torno a dizer) todos os vexames e perseguições com que a injusta patria galardoou os 60 annos de trabalhos e vigílias, que tanto hoje a illustram e ennobrecem; e, não obstante, alfim, o desamor de seus ingratos filhos para com o melhor d'elles; que jubilo não era o d'este respeitavel velho, quando me fallava das cousas patrias, ou me lia essas *odes* que o levaram á immortalidade! E qual prazer não foi tambem o seu, quando em 23 de dezembro, dia de seus annos, e pela última vez, recitou á meza perante mi, e o seu íntimo amigo o Snr. João Nepomuceno Bertrand aquella *ode* offerecida ao mesmo, e que assi começa:

Ser-me-ha feliz este anno oitenta e cinco

Que, de hoje, avança? ou tem de vir cortar-me

A morte co'a luzente fouce a trama

Da desbotada vida?

Mas esse prazer foi de pouca dura: a inexoravel Parca em breve cortou o fio de tam preciosa vida, e me arrebatou esse sabio amigo, o único que eu conversava a miude, e com o qual me instruía acerca do nosso tam rico, quam deestimado idioma.

* Fallo do antigo, que eu conheci, e que scandalizou muita gente de juizo.

primeira edição

LYRICOS.

27

Qual cheiroso ananaz, se foi plantado

Entre aldeanas couves,

Esmorece, definha e não dá fructo,

Ou dá-o ensosso e pêco;

E finalmente morre atassalhado

Das rusticas raizes:

Tal vive o sabio, peregrina planta,

Em terreno ignorante.

cabos
de um
unçavou
ant

ODE XIX. *

A NOITE.

Sudden to heaven

Thence weary vision turns, where tending soft

The silent hours, and from her genial rise

Whay day-ligth sickens till it springs a fresh.

THOMPSON.

Deusa que espalhas pela etherea zona

No mudo carro de evano brunido

As sombras repousadas, os amores

De furtivo decoro;

ebony
barril

*Quam maviosos são os affectos que n'êsta ode pa-

Tu que acompanhas, com fiel escolta,
 Ao prazo dado o amante impaciente,
 E c'o piedoso manto encobres roubos
 De divinaes prazeres;

Que as doces leis de Venus, de Cupido
 (Almo recóbro da vivaz natura)

Benigna estendes nos calados tectos,
 Nos namorados bosques:

Que pedes ás estrellas mais propicias
 Um froxo raio * de modesto brilho,
 Com que os rubis da boca, com que os lirios
 Do peito entrever deixas:

Por tanto ouves os gratos murmurios
 Dos amantes ditosos, que redobram
 Em teu louvor, pelo macio amparo
 Que em tua sombra encontram.

Ouves o som do trepido ** ribeiro,
 Que inflammado dos meigos ais vizinhos,

tenteia a candida alma de Philinto! e quam feiti-
 ceiros os seus versos! Tudo n'elles respira a paz, e
 a innocencia. O poeta nos arrebatá, nos commove,
 nos interessa, e quasi nos fórça a tomar parte nas
 diversas sensações que o agitam.

* *A faint erroneous ray*

Glanc'd from th' imperfect surfaces of things

Fling half an image on the straining eye.

THOMPSON.

** *Lympha fugax trepidare rivo.*

HORACIO.

Novo Alpheu se apresara namorado,
Após nova Arethusa.

São mais doces de noite, e mais mimosos
Os afagos de Amor. A luz patente
Do sol constrange o gosto, e sóta ao pejo
Mui reservadas redeas.

E a nympha, que ólha pelo ceo luzido
Aqui Leda; * alli Io, ** além Calisto, ***
E o cortejo de estrellas, com que as honra
Não deslembrado Jove.

Que, como ella, nas selvas, juncto aos rios,
Outrora essas estrellas se humanaram,
E os troncos, como a ellas, que a convidam
C'o susurro das folhas;

Toma a Leda ou Calisto por traslado,
Cerra ao Recato a rabujenta boca
Co' a mesma mão com que ameigara a face
Do porfiado amante.

Noite melhor que o dia, quem não te ama?
Quem não vive mais brando em teu regaço,

* Mulher de Tyndaro, com a qual Jupiter, em fórma de cysne, dizem teve ajunctamento, do qual pariu dous ovos, e de um d'elles nasceu Pollux e Helena; e do outro Castor e Clytemnestra.

** Filha do rio Inacho, amada de Jupiter.

*** Filha de Lycaon, rei de Arcadia, mudada em urso per Juno, e depois em estrella per Jupiter, a qual se toma pelo Norte.

Despindo da alma, e dos cançados membros
O dia afadigado?

Tu dás vida aos vergeis com teu suave
Prolífico lentor; a curva rosa,
O lirio, a quem pendeu o sol ardente,
Se erguem, e se retoucam.

As penas, e os cuidados que os humanos
Corações remordiam como abrolhos,
As ambições, os perennaes processos,
(Cruéis aquileos da alma!)

Ao ver descer o Somno, que a teu lado
Vem reclinado no tardio coche,
E derramar nos ares o recreio

Do placido socêgo;

Afroxando os cordeis ja manso e manso
Descaiem mão dos infernaes supplicios,
Que dão, antes da morte, aos imprudentes,
Que espanca-los não ousam:

Que não sabendo pôr honras, riquezas
No merecido grau, são desditosos,
São baldões da Fortuna, são captivos
Dô insolente Orgulho.

Vem estender sôbre o meu leito, oh Noite,
Com mão amiga, o manto do socêgo,
Negado a camas regias, e a bordadas
Cubertas oppressoras.

Vem consolar do acinte dos destinos,
Das invejas dos maus, o assiduo Vate,
Que trabalhou por ser aos seus proficuo,

quiet

afreito

Enfeitando a virtude.

Tu, em teu seio o toma, e lhe refresca
Com leve sópro a frente, e a face roixa
Das chammas, que no sangue lhe ateiara
Apollo enfurecido.

Vem, Noite amena, vem, traze contigo
Os sonhos agradaveis, que o ceo brando,
Por prémio guarda mais mimoso ás nobres
Fadigas do Parnaso.

Vem spargir pelos olhos, pelos membros
As mãos cheias as languidas papoulas,
Que escolhera Morpheu nas descuidadas
Ribanceiras do Lethes.

Que eu, com grinaldas, com festões das flôres
Que ao teu surgir despontam do casulo,*
Sempre a ti grato, em quanto alento a vida,
Cubrirei teus altares.

* Todos conhecem os *suspiros roixos* e amarellos,
que não abrem senão ao pôr do sol; e tambem as
viúvas, e outras flôres mais, que so de noite desu-
brocham do botão.

ODE XX.

*. . . Te doctus prisca loquentem,
Te matura senex audiat.*

CLAUDIANO.

Floreça, falle, cante, ouça-se e viva
A portugueza lingua.

FERRERA.

Irritado da dor de ver zombada
Per insulsos pechotes,*
A lingua de Camões sonora e pura,
Que nos deu tanto nome;
A phrãse nobre e tersa com que a Castro
Derramava seu pranto;
Chorando o fado dos alados cysnes,
Que do Parnaso as sendas
Nos calcaram com tam gentil despejo,

* Francisco Manuel foi incansavel em inculcar a lição de nossos classicos, e em zurzir com o latego do ridiculo os admiradores e introductores de gallecisanos na lusa falla e scripta; mas se algumas pessoas se corrigiram d'èsta vergonhosa mania, inda outras muitas (sem dar ouvidos a seus brados) continuam a erriçar seus scriptos de infindas phra-

E com tanta opulencia
 De eloquente riqueza nos fizeram
 Herdeiros sumptuosos,
 Fui sentar-me cuidadoso e magoado
 Nas ribeiras do Tejo :
 E, a mão na face, descaída a frente,
 Lançava ao longe a vista
 Pelas aguas do rio caudaloso,
 Outrora tam cantadas,
 Tam famosas na Europa, e no Oriente.
 — Quem vos viu n'outras eras
 Tagides nobres, celebres nos hymnos,
 Levantar triumphantes
 Nas claras ondas o suberbo rosto,
 Entre as do Alpheu, do Mincio,
 Na Italia e Grecia tam gabadas nymphas?
 Hoje, de deslembadas,
 Não atreveis erguer-vos, pôr os olhos
 Nos cantores de Elysia.... —

ses e termos spurios, taes como *engajar, massacre, tiroteio*, etc.

. . . É gran' desgraça
 Que a Real-Académia não fabrique
 Para estes empestados de ruim phrase
 Um Lazaretto e boa quarentena,
 Onde per doctas mãos curados sejam
 Com xaropes de corda ou de azorrague,
 Como doudos de nova phrenezia.

FRANCISCO MANUEL.

N'isto... sinto um rumor... turbam-se as ondas;
 Borbulham, formam cercos,
 Que vão, uns após outros, estendendo-se;
 E entre a miuda espuma,
 Que alveja pelas lisas verdes tranças,
 Diviso o lindo côro
 Das graciosas nymphas, escoltadas *escor.*
 De tritões escamosos *Tejo*
 Com a forcada cauda o mar varrendo.
 No meio tam soberano
 Ancião de branca barba ondeiada e longa,
 Que branda lhe descia
 Pela cerulea toga auri-brilhante. *
 De nereia em nereia
 Os verdes-mares olhos perpassando,
 Curva real aceno
 Á mais bella das nymphas, que responde
 A meus vivos queixumes.
 Callou-se o vento, e as ondas alizando-se,
 Como em luzente espelho
 Tritões espadaúdos retrataram,
 E o Tejo e suas nymphas.
 Então em mim fitando a clara dea
 O angelico semblante :
 « Philinto, com razão, mui justas queixas
 Apaixonado spalhas
 Pelas nossas ribeiras saúdosas,

* Tudo n'este retrato é propriissimo.

Depois que a morte era
 Segou, com fonce avara, aquelles grandes
 Espritos excellentes *
 Camões sublime, altilloquo Ferreira,
 E quantos a era augusta
 Criou com leite são, clara doctrina,
 Que a patria acreditaram :
 E n'um tutelâr, benigno Phebo,
 De accender não cessava
 Divino fogo nos ingenhos lusos,
 Mostrando-lhes croado
 De illustres ramas o desejo de honra

* De bonnes études faites dans les livres des anciens, le désir de les imiter, une certaine hardiesse de pensées et de style, voilà ce qu'on aperçut dans les auteurs qui font encore aujourd'hui la gloire de la littérature portugaise. Il est curieux de voir dans les poésies de ce temps-là, les épanchemens de cœur de ces hommes vraiment estimables et remplis de zèle pour la gloire de leur patrie. Ils sentaient que les lettres seules pouvaient lui assurer les avantages dont elle jouissait alors sur toutes les nations de l'Europe, en éclairant la conduite du gouvernement si sujet à être trompé, parce qu'il est investi de gens qui ont intérêt à ses fautes. Ils songeaient à répandre les lumières dans la nation; ils conspiraient ensemble pour son bonheur, et ils auraient eu la gloire de réussir, sans de fatales circonstances qu'il était impossible de prévoir.

COURNAND.

Ganhada por bons versos.
 Este ar, troando ainda c'os furores
 Da bellicosa tuba
 Que immortal aquecia o vate ousado,*
 Quando lançava o brado
 Que per esse Universo se estendia,
 Mostrando os máres da Asia
 Trilhados das afoutas proas lusas,
 E os feitos memorandos
 Que inda echo fazem nos auritos montes,

* *Que de beautés dans la Lusiade, dans ce poëme ois la force s'unit à la grace par des nuances douces et imperceptibles, où l'art est si bien caché par le naturel, où le style familier ne dépare point la dignité du sujet, où brillent tant de morceaux de la plus grande force, tels que le discours du vieillard qui voit partir avec chagrin la flotte portugaise destinée à la découverte des Indes, et aux périls de tant de mers, l'apparition soudaine du géant protecteur et gardien du Cap de Bonne-Espérance, le dévouement de Nunes, l'épisode d'Inès de Castro, des peintures gracieuses comme celle de l'île enchantée, comparable aux jardins d'Alcine et d'Armide, une foule de traits vifs et pressans, des comparaisons heureuses dans le récit des combats, que le Camoëns fait avec bien plus de précision et non moins de force, que l'auteur de l'Iliade et de l'Énéide! Le tendre, le pathétique, le gracieux, le sombre, l'élégance, la naïveté, toutes les qualités qui constituent le poëte, il les a possédées au plus haut degré. Le continent de l'Espagne n'a rien qu'on puisse lui opposer dans la*

Despertam insoffridos
 Ardentes peitos de renome eterno
 A treparem com ansia
 Pela scabrosa encosta do alto Pindo,
 E n'elle cortar louros.
 Inda ha pouco Garção, Elpino, * Alseno
 Per Apollo animados,
 E nos nossos regaços instruídos,
 As lyras receberam
 Dos cantores mais altos do Parnaso,
 E sôbre as doctas cordas
 Ja renovaram as canções Dirceas;
 E as musas, que corridas

poésie héroïque . et ce beau génie n'a pas moins bien réussi dans la poésie légère. Il avait une souplesse de talent qui se pliait à tout.

COURNAND.

* Um vai caminho recto ao fim do curso,
 Igual e facil, natural e grave,
 Gracioso, elegante e meigo e terno;
 O outro forte, magestoso e altivo,
 Tira sons varonis da eburnea lyra,
 Sem regra ás vezes corre e se devolve
 Per cem fozes, que o luso campo alagam:
 Aquelle nos seus versos delectosos
 Serenos raios de splendor esparze,
 E em doce luz os Orbes allumia:
 Este incendido e fulgurante ton,

Da turbosa academica * cohorte,
 Fugiram enojadas;
 Que, de mil semi-vates aprosados,**
 Escuros e spinhosos,
 Desdenharam influir os anagramas,
 Acrosticos e enigmas, ***
 Ou gothicos freiraticos conceitos;
 Ja canoras do Pindo
 Vinham descendo a bafejar os hymnos

Despede labaredas, que inda abramam :
 Aquelle salva sem ruido a méta,
 No leve carro placido suave :
 Este enovela o po do olympio cnrso,
 Faz resoar estrepitosas rodas,
 E dos ferventes eixos fogo exhala.

A. R. DOS SANTOS.

* Fallo da antiga.

** Eu de mim sei que muitas obrigações devo á *Henriqueida*. Nas minhas maiores insomnias acudia ao Menezes, que sempre me acalentou de modo, que se fallia á primeira oitava, mal que eu entrava pela segunda, vinha logo apontando o somno, e com seus surrateiros dedos me ia grudando as pestanas.

*** N'um soneto *enigmatico*, *anagramatico*, etc. que fiz (e cuja difficulosissima *glossa* me pareceu a quinta essencia dos trabalhos poeticos, e da erudição recondita) o que mais me custou foi arrumar o *acrostico*, que era ao mesmo tempo *labyrinthico*, *rabiforcado* e *retruso*. Nunca presumi do meu estro, que lançasse tam longe a barra metrica. Adjudou-me

Dos viçosos alumnos.
 Nos gregos prados, nas latinas veigas
 Medrados co' a cultura
 Do apurado saber, ferrenho studo....
 Eis que de negros corvos **
 Um bando iniquo emtórno d'elles grasna
 Invejoso, molesto,
 Moteja a lingua de aspera, e de antiga;
 De sentido enleiado;

porém muito com-seus conselhos (*veritati fides habeatur*) um padre-mestre capucho, que toda sua vida empregou em *finuras predicaveis*, e em *acrosticos de enigmas*. Elle mesmo me tinha dado o mote, para tomar o pulso ao meu talento, e, com effeito, não se descontentou da *glossa*, que quasi comprehendeu do primeiro lanço de olhos. D'onde colhi, com grande assombro meu, a perspicacia de seu ingenho.

O AUCTOR.

* *Les bons poëtes modernes n'ont-ils pas de ces mouvemens heureux, de ces traits animés, de ces éclairs inattendus que vous admirez dans les anciens poëtes? Oui certes, ils en ont, et beaucoup; mais toutes ces beautés sont les fruits d'un long travail, et non de l'inspiration; elles ne sont ni spontanées, ni involontaires: elles naissent journellement, et seulement à force de méditations, de combinaisons et de recherches.*

C. PALMEZEAUX.

** *Sitôt que d'Apollon un génie inspiré
 Trouve loin du vulgaire un chemin ignoré,*

Acha bronco o Camões, charro o Ferreira; *
 Camões! a nossa glória!
 Por quem somos so lidas e studadas
 Nas terras mais remotas!
 Regitem no povo rudo alto ruído
 Contra os novos Orpheus.
 E assim como as Bistonides ** raivosas
 O canto lhe afogaram
 Quando no Hebro a dulcisona cabeça
 Arrojaram dementes;
 Taes contra os meus alumnos, essas gralhaes
 Os gritos desentoam:
 D'ellas te queixa, n'ellas ceva as iras;
 Que as flechas do ridiculo

*En cent lieux contre lui les cabales s'amassent;
 Ses rivaux obscurcis autour de lui croassent;
 Et son trop de lumière importunant les yeux,
 De ses propres amis lui fait des envieux:
 La mort seule ici-bas, en terminant sa vie,
 Peut calmer sur son nom l'injustice et l'envie;
 Faire au poids du bon sens peser tous ses écrits,
 Et donner à ses vers leur légitime prix.*

BOILEAU.

* *Les jugemens dictés par la jalousie ou par l'ignorance, ne font aucun tort aux bons ouvrages, et ces ouvrages reçoivent un nouveau lustre des critiques les plus sévères, quand elles sont éclairées.*

RACINE. (filho)

** Bacchantes.

Horacio e Juvenal te afiam promptas...
 Que não temos as nymphas
 Mais armas que as do verso acicalado
 Que rasga o amago d'alma.
 Não somos Jove atirador-de-raios,
 Nem Phebo arci-tenente,
 Que contra esses, que a pura veia turvain
 Da Pegasea Aganippe,
 E as estradas do Pindo o passo impedem
 Aos mimosos das musas,
 Disparemos bombardas. Mas tu podes,
 Novo Boileau severo,
 Cortar per Scuderis, Cotins, La Serres, *
 Descoser seus scriptos;

* Mediocres e pessos scriptores francezes. Eis os versos com que Boileau os satyrisa :

*Bienheureux Scuderi, dont la fertile plume
 Peut tous les mois sans peine enfanter un volume!
 Tes écrits, il est vrai, sans art et languissans,
 Semblent être formés en dépit du bon sens:
 Mais ils trouvent pourtant, quoi qu'on en puisse dire,
 Un marchand pour les vendre, et des sots pour les lire.
 Et qui saurait sans moi que Côtin a prêché?
 La satire ne sert qu'à rendre un fat illustre.
 Mais combien d'écrivains, d'abord si bien reçus,
 Sont de ce fol espoir honteusement déçus!
 Combien, pour quelques mois, ont vu fleurir leur livre,
 Dont les vers en paquet se vendent à la livre!
 Vous pourrez voir, un temps, vos écrits estimés*

Ou novo Lobo, de engraçado pico, *
 Pô-los tam despreziveis,
 Que nem os olhos levantar se atrevam
 Para os que os sons mellifluos
 Ansiosos bebem na agua do Parnaso
 • Alta speranza lusa. »

*Courir de main en main par la ville semés;
 Puis de là tout poudreux, ignorés sur la terre,
 Suivre chez l'épicier Neuf-Germain et La Serre.*

* Uma cousa vos confessarei eu, que os Portuguezes são homens de ruim lingua, e que tambem o mostram em dizerem mal da sua, que assi na suavidade da pronunciação, como na gravidade e composiçã das palavras é lingua excellente. Mas ha alguns nescios, que não basta que a fallem e screvam mal, senão que se quèrem mostrar discretos dizendo mal d'ella: e o que me vinga de sua ignorancia, é que elles acreditam a sua opinião, e os que fallam bem desacreditam a ella, e a elles... E para que diga tudo, so um mal tem, e é, que polo pouco que lhe querem seus naturaes a trazem *mais remendada que capa de pedinte.*

F. R. Lobo, *Côrte na Aldeia.*

ODE XXI.

A VENUS.

*St. . . . mavis Erycina ridens,
Quem jocus circumvolat et Cupido.*

HORACIO.

Se ao teu nume off'reci piedosa Venus,
O coração estreito em prisões de aço,
E se amorosas lagrymas sentidas
Verti em teus altares;

Se assiduo servo, em teu sonoro templo,
Maviosos hymnos te enviei alados
Entre cheirosas enroladas nuvens
De estremados perfumes;

Se a bemaventurar baixas-te outrora
C' um almo riso, c' um divino beijo
De requintado mimo, affavel, meiga
Teus leaes amadores...

Lembre-te o louro filho de Cinyras,*
Quando as selvas pizas-te em seu altance,

* Adonis.

E quando so de o ver terçar um dardo ,
Te estremecia o peito.

Falle o Simoente, e os ulmos piedosos
Que, curvados, os ramos enlaçavam
Para acoutar os sofregos abraços
Dò mui ditoso Anchises. *

No Ida ovante Páris te olhou nua... **
Possue Anacreonte a vocal pomba ,
Que em galardão d'um hymno lhe cedeste
Voluntaria servente... ***

* Filho de Capys , e pae de Eneas , havido em a deusa Venus , juncto do Simoente, rio de Troia.

** Aconteceu que stando um dia as deusas Juno , Venus e Pallas em grande paz e união , a deusa da Discordia (por entre ellas haver desavença) lhes lançou , sem ser vista , uma maçon de ouro , com umas lettras que diziam — *dê-se á mais fermosa* — intendendo cadaqual que nenhuma a merecia mais , chegaram com inveja a grandes contendas ; até que de commum acôrdo , vieram a se louvar em Páris , a quem escolheram por seu juiz arbitro ; para que julgasse a dúvida ; e querendo cadauma d'ellas te-lo propício , Venus lhe prometteu a mulher mais fermosa , Juno um reino , e Pallas grande sabedoria . Páris julgou por Venus , que lhe fez haver a Helena , a mais fermosa de toda Grecia , e a origem da ruína de Troia .

J. F. BARRETO.

***A pomba, de que Venus fez mimo a Anacreonte, se lhe offerecia , muito de sua vontade , a servi-lo.

E eu, que antigo devoto me acobarde
 Ante ésta tua imagem fria, escassa
 De teu meigo fallar, meneio airoso,
 Teus olhos derretidos!

Eu, que a teu filho, e a seus farpões prolixos
 Abri no peito campo á aljava inteira;
 Que a ti, que ás tuas nymphas, da aurea lyra
 Votei todas as cordas!

Porque não peço, que te a mim descubras,
 Qual em Paphos reluzes, quando cmtôrno
 Do césto poderoso te surriem

As nuas lisas Graças?

Mas sou eu digno!.... Dobrarei offrendas;
 Votos pendurarei cheios de affecto;
 Escreverei nas immortaes paredes

— *Escraviddo devota* —

Encurvando os joelhos importunos,
 Teu nuue dobrarei. Que assim foi digno
 Esse sculptor * rebelde aos teus festejos,

Quando te orou prostrado,

« Que, esquecida do atroce menospreso,

Que differença d'éstas pombas francezas, que agora
 servem os Anacreontes! Senão, diga-o eu! A pri-
 meira me fez penhora polo que eu não devia, e a
 segunda, que me devia tudo, me deixou nu e cru.

* Pygmalion, o qual amou de tal sorte uma stá-
 tua de Venus, que a sposou. Instantemente pediu
 a Venus que a dicta státua fosse animada, o que
 ésta deusa lhe concedeu.

Na fria estátua spiritos soprasses »
 Ja se aquece o marfim , azues as veias
 Entre a pelle resaltam.....

Ja a boca se avermelha , os olhos luzem....
 La se descurva o braço retardio....
 Na lingua inerte a voz atropellada
 Prova encetada a vida. —

Eu devaneio ! O dardo flammejante
 Que me varou o peito , Amor iniquo,
 Em lagrymas de amantes delirosos
 O tinhas temperado.

Tanto não peça, oh deusa ! so supplico....
 Oh musas, adjudae-me ! Aquí comvosco
 A dulcisona voz ameigadora
 Trazei do brando Phebo :

Aquella mesma , que soltou suave
 Nas ribeiras do Amphryso, quando a Jove
 Derreteu as cholericas vinganças
 A quebrar-lhe o destérro.

Essa voz peço; e se outra inda ha mais doce,
 Essa requeiro. Co' ella intento, anhele
 Supplicar, ameigar a Cytherca,
 Que aos votos meus aspire.

Venus ! Venus ! Oh deusa da ternura ,
 De branda compaixão perenne fonte,
 Senhora das benevolas florestas ,
 Das sombras namoradas ;

Desce a meus olhos das olympias nuvens ;
 Faze feliz com teu divino rosto....

Ver ti, oh Diva! endeusado seja
Teu servo ardente, assiduo.

Não temas o sorriso malicioso

dos invejosos deuses. Se o receias

Porra, forma de Anarda, que a miudo

For Cypria a teve o Orbe.

Elas têm as douradas molles tranças

Que Adonis tantas vezes, pelos bosques,

Te desembaraçou de humida relva,

E de amassadas flôres:

Seus olhos, como os teus, dardejam gosto

Que aquece, que inquieta o assento d' alma;

Da boca virginal correm-lhe algemas

Quaes as com que tu prendes.

Da-me que eu possa, em teu disfarce illuso,

Beber dos labios seus o amante riso,

E ás pudibundas rosas de seu rosto

Chegar a accessa face:

Dá a meus famintos braços, que lhe cinjam

O eburneo collo, voluptuoso golpham

Onde acerbos ondeiam separados

Os não-tocados pomos.

Mas que estranho som se ouve no templo!...

Que incanto em meus sentidos!... Eis que as aras

Mor perfume recendem!... (Que alto assombro!)

Volvem mais clara flamma!

Faustos signaes os ares alvoroçam;

Despem os ceos as nevoas descontentes;

O sol accende em chamma auri-rosada

O festivo horizonte :

Os prados se ornã de matiz estranho ;
Nova esmeralda vestem as campinas ;
E os troncos desabrocham novas flôres
Pela copada rama.

Que ouço ! La soa a porta do alto Olympto,
Sôbre os burnidos quicios bîpatentes :
As columnas avisto de diamante ,
Os solios de carbunclo.

Os deuses assentados radiosos
A attenção immortal com gôsto inclinam
A celeste harmonia ; a vista pascem
No subjacente mundo.

Levantam-se as menores divindades ,
E em longo fio aos porticos caminham :
Toda a turba divina corre, voa,
E correndo recresce.

Os atrios , as arcadas se povoam ;
Mil fileiras de aligeros Cupidos ,
Flóreos arcos travando, os ares rasgam ,
Cortejo abrindo alegre.

Per entre elles , em rapidas chorêas ,
Os Jocos, os Prazeres vêm dançando ;
Diviso as pombas, e o dourado coche
Com a bella Erycina.

Eis da alta concha assetteando airosa
Vem, * c'os raios azues dos olhos lindos ,

* Para contentar grammaticos, devera o poeta

Homens e numes. Que gentis feridas!...

O filho desinvolto,

Aqui, alli o sceptro meneiando,
Manda aos Amores despejar aljavas,
Sacudir pela sphaera os fachos vivos,
Té que os ares se inflammem.

Como vem sóbre nós a ardente chuva!
Amorosas faíscas nos reluzem,
Nos accendem, nos lavram pelo seio,
A dar rebate ao sangue!

Qual vívida influencia omniparente
Se spalha e desce aos penetraes ansiosos
Da Madre-terra! Oh como ariva e enfeita
A innúmera pro genie!

Retnmbam nas lidadas officinas
Echos gostosos de nascentes almas,

mui chanmente dizer—*A bella Erycina vem atrosa
assetteando homens e numes com os raios azues dos
lindos olhos.* —

Estes perluxos Francezes, com as suas clarezas de
stylo, c'o seu pautado nominativo, verbo e caso,
com seus cadilhos de pronomes, articulos, suas du-
plices negativas, teem encandeiado muitos bons in-
genhos, e malquistado com elles as inversões tam
contínuas no verso, e engraçadas, muita vez, na prosa.
Inversões (digo) tam acceitas, e tam bem casadas
com a língua latina, e per conseguinte com a nossa
sua primogenita e principal herdeira. E que se se-
gue d'ahi? — Que se lhes damos ouvidos, em logar

Que novos corpos a animar concorrem;

Acode vida aos gomos :

Nos dobradiços ramos balançando-se,

As ternas aves, enlaçando os bicos,

Pre-sentem ja no estremecido arrulho,

Os propinquos prazeres :

Co' as auri-verdes caudas escamosas

Os tritões arrasando as ondas crespas,

Trás as bellas nereias se arremessam

Em concertados pulos :

Os felpudos capripedes silvauros,

Afitando as cornigeras orelhas,

Chammas os olhos, descomposto o passo,

Se entranham pelos bosques. —

de dar-mos poemas, que retratem a formosura, e o
 numero dos Virgílios, nos desbotaremos em pro-
 sissimas prosas deslavadas.

*Elle (la langue française) n' ose jamais procéder
 que suivant la méthode la plus scrupuleuse et la plus
 uniforme de la grammaire ; on voit toujours venir
 d'abord un nominatif substantif qui mène son ad-
 jectif comme par la main ; son verbe ne manque pas
 de marcher derrière, suivi d'un adverbe qui ne
 souffre rien entre eux ; et le régime appelle aussitôt un
 accusatif qui ne peut jamais se déplacer. C'est ce
 qui exclut toute suspension de l'esprit, toute atten-
 tion, toute surprise, toute variété, et souvent toute
 magnifique cadence.*

EÉNÉLON.

Salvae-vos d'este abrasador desejo,
Nymphas, que os lisos membros de alabastro
Banhaes na lympha pura, ou mal da vista

Os recataes dançando...

Aqui descem, (que instante deleitoso !)
Os alegres Amores, que saltando
Se estreñam pela relva, e com ligeiro

Travêso riso me olham.

Com mil settas subtis, que humedeceram
No mel hymetto, e na acidalia fonte,
Me emplumam todo, embebem-me as entranhas

De insolita doçura.

Eis desce contra mim buscando a terra,
A cypria concha... Amor! que affabil me olhas!
Co' a ponta da aza, a pomba do alvo jugo

Me afaga meiga a face.

Amor! Amor! Que vejo! quem conduzes!
Venus tomou de Anarda o gesto lindo?
Não. — É Anarda! Anarda! São seus olhos:

É seu grato sorriso.

Não sou em mim! Oh deuses! acudi-me!...
Tanto prazer no seio não me cabe;
Pela alma me transborda; á boca estreita

Vem de tropel as vozes.

Ah! que incerto não sei per onde encete...
A Gratidão... o Amor... tanta estranheza —
Venus, em meu enleio, não nas fallas,

Ve meu saneto respeito.

Jove a teus votos sempre amigo, affabit...

Ah! nunca Adonis, nunca Marte frios...
 Nunca o sol vingativo te descubra
 Mal-roubados deleites.

Nova Psychis Amor, não-curiosa
 Te abraçe eternamente afortunado...
 Cupidos adjudae-me a agradecer-lhe
 Favor tam pre-excelso.

FRANCISCO MANUEL.

. . . Eis Phillinto em quem unido fulge
 Quanto nos dous¹ se admira! A' similhaça
 D'esses sabios museus onde se encontra
 Quanto o vasto Universo enriquecendo,
 Per ares, terras e aguas em diversos
 Climas oppostos espalhou natura!
 Ou como o mar, que em si resume e acolhe
 Rios mil, que um so d'elles nos assombra
 Co'as que volve fartissimas correntes!
 Eis de Apollo o valido, que á nascença
 Erato recolheu no alvo reçoço,
 E, os labios em seus labios imprimindo,
 N'elles o nectar lhe influiu dulcissimo
 Com que o mundo infeitiça! Ou quando, acc²
 De amorosa paixão, em brando metro
 Canta os agrados da gentil Marfisa;
 Ou quando fervoroso, os olhos fitos
Na longa experiencia, que prevista
*No antemural dos seculos se ençosta,*²

¹ Diniz e Garção.

² Versos de Francisco Manuel.

**Da eloquencia e verdade arroja os raios
Ao torpe abuso, que embrutece os homens,
E ímpio degolla a candida virtude.
Oh Genio illustre! com que pasmo observo
Como, as azas batendo, astros transcendes,
A's vezes desleixado, e grande sempre!
Bemcomo o sol, que, pôsto lhe notemos
Manchas no luminoso disco ardente,
Sempre é bello, e profuso derramando
Océanos de luz, de luz á fôrça
Os mais astros obscura! Eia, de flôres
Tagides lindas enlaça grinaldas,
E ao vosso vate coroa com ellas.**

J. M. DA C. E SILVA.

ODE I.

Ps. Beatus vir qui non abiit...

Feliz aquelle que os ouvidos cerra
 A malvados conselhos,
 E não caminha pela estrada iniqua
 Do peccador infame,
 Nem se encosta orgulhoso na cadeira *S: A.*
 Pelo vício empestada;
 Mas na lei do Senhor fitando os olhos
 A revolve e medita
 Na tenebrosa noite e claro dia.
 A fortuna, e a desgraça,
 Tudo parece ao seu sabor moldar-se:
 Elle é qual tenro arbusto
 Plantado á margem de um ribeiro ameno,
 Que de virentes folhas
 A erguida frente bem depressa ornando,

* Este *psalmo* não tem titulo; mas do seu contexto se depreheende que David é seu auctor. O seu sentido mystico, segundo a opinião dos mais sabios interpretes, é relativo a Jesu Christo; não obstante que a lettra parece fallar somente de David.

STOCKLER.

Na sazão opportuna,
De fructos curva os succulentos ramos.
Não sois assim, ó impios!
Mas qual o leve po que o vento assopra,
Aos ares alevanta,
E abate e espalha e com furor dissipa:
Por isso vos espera
O dia da vingança; e o frio sangue
Vos coalhará de susto:
Nem surgireis, de glória revestidos,
Na assembleia dos justos.
O Senhor da virtude é firme esteio;
Em quanto o impio corre,
De horrisonas procellas combatido,
A naufragar sem tino.

ODE II.

Ps. Quare fremuerunt gentes.

ESTROPHE I.

Que fremito e bramido emtórno soam!
Que vãos conselhos as nações meditam!
Os principes se ergueram,
E os réis da terra contra o Deus supremo,

E contra o seu unguido!
 « Quebremos as algemas que nos prendem,
 E o jugo sacudamos,
 Com que a cerviz indomita nos rendem. »

ANTISTROPHE I.

Assim disseram; mas a sua ousada
 Infame rebeldia o Deus eterno,
 Sôbre as nuvens sentado,
 Com riso mofador encara e insulta: *see*
 Já de ira lhes prepara
 Abrasados discursos, já castiga
 No seu furor invicto,
 E espalha a imbellê desgraçada liga.

EPODO. I.

Então, a voz alçando,
 Assim fallou o Christo do Deus vivo:
 « Eu sou monarcha, sôbre o monte sancto
 A frente me coroa
 O mesmo Deus; e suas leis sagradas
 Às gentes annuncio
 Da Zona ardente té o Pólo frio,

ESTROPHE II.

Não duvideis, ó povos! pois me disse
 O Nume soberano: Tu, meu filho,
 Tu es o meu amado;
 Eu hoje te gerei: pede, e o imperio

Do Orbe quero dar-te;
Com ferreo sceptro rege a redondeza;
Qual de vil barro nm vaso,
A po reduzirás sua dureza: »

ANTISTROPHE II.

Ouvistes estes sons, ó réis suberbos?
E vós, juizes que julgais a terra,
Instruí-vos agora,
E da justiça meditae as regras;
Perante o rei supremo
Abatidos, curvae excelsas frentes,
E com júbilo sancto
Alegres exaltae e reverentes.

EPODO II.

A lei divina e eterna
Abraçae; que não se ire o Omnipotente,
E com justa sentença, do caminho
Vos lance da virtude.
Quando breve raiar de sua ira
O temoroso dia,
Venturoso o que n'elle so confia!

ODE III.*

Á EXISTENCIA DE DEUS.

ESTROPHE I.

A luz se faça; e subito creada
 A luz, resplandecendo
 A voz ouvia que aviventa o nada;
 D'entre as trevas se foi desinvolvendo
 O chaos, que estendendo
 A horrenda face, tudo confundia,
 A terra, e o mar, e os ceos, e a noite, e o dia.

* Aindaque, cedendo á vontade de meu defuncto amigo, resolvi fazer algumas pequenas correccões em suas obras; não é justo que o público deixe de ser informado das principaes alteraçõs, que practiquei, e das razões em que me fundei: assim de que, se com algumas das emendas a que me resolvi, deteriorei as composições de um poeta e scriptor tam distincto pelo seu saber e gosto, os meus defeitos lhe não sejam attribuidos, antes sim se considerem meus, como na realidade são, e possam merecer a indulgencia a que lhes dá direito a escassez de meus talentos, e a pureza dos sentimentos que os dictaram.

STOCKLBA.

ANTISTROPHE I.

Mas tu quem es, ó chaos tenebroso?

De quem o ser houveste? *

De algum Deus per ventura poderoso,

A cujo aceno tu tambem cedeste?

Ou acaso nasceste

De ti mesmo ante o tempo? e a tua idade

Tem por termo e principio a eternidade?

EPODO I.

Resoa altiva lira

De novo, entre os meus dedos vencedores,

Dos suberbos altisonos cantores

Que em seus muros ouvira

A Grecia fertil em saber profundo,

E a bellicosa capital do mundo.**

ESTROPHE II.

Ó necessaria e immortal verdade

*Este verso stava no original da maneira seguinte:

D'onde o ser recebeste.

Não tendo eu porém jamais encontrado o adverbio de lugar — *onde* — figurando no discurso, como um relativo pessoal, intendi ter havido inadvertencia da parte do auctor, e por isso lhe fiz a pequena mudança com que vai no corpo da obra.

** Roma.

Dos seres creadora,
 É possível que involta em scuridade
 Apar de ti, a vil destruidora
 Da ordem, da beldade,
 A negra confusão a frente alçasse,
 E contigo, ante o tempo, se avistasse!

ANTISTROPHE. II.

Que mortal, da razão as leis pizando,
 Igual a natureza
 Da ordem, da desordem reputando,
 Da fealdade e divinal belleza,
 Da fôrça, e da fraqueza,
 Chamou o inerte chaos *existente*
Necessario, qual é o Omnipotente?

EPODO II.

O peito se embravece:
 Voraz zêlo as entranhas me consome.
 Ah! fuge, êrro feroz, respeita o nome
 D'aquelle a quem conhece
 Por Senhor o Universo; e em vão gemendo
 No abysmo esconde teu furor horrendo.

ESTROPHE III.

Faze, ó Razão, soar a voz augusta
 Que as rochas desaferra,
 E que as fôrças do Averno abala, assusta.
 Escutae, altos ceos: ergue-te ó terra!

A fronte desencerra ;
 Attenta de meus versos a harmonia ,
 De novos pensamentos a ousadia.

ANTISTROPHE III.

Jnda o sceptro chymerico empunhava
 O Nada , avassallando
 Informe reino e vão, que dominava
 A seu lado o Silencio venerando ;
 E tudo repousando
 No seio incerto e immenso do possibil,
 De existir era apenas susceptibil.

EPODO III.

Somente a Eternidade
 Concentrada em si mesma , em si contida ,
 Em si gozando interminavel vida,
 Perenne mocidade ,
 Com infinitas perfeições brilhando,
 Sotopunha os futuros a seu mando.

ESTROPHE IV.

Ao som de sua voz omnipotente
 O possibil se aterra ,
 E nada se fecunda ; e derepente
 Attonitos produzem ceos e terra ,
 E o espaço que os encerra :
 Começa então o Tempo pressuroso
 A curva fouce a manejar iroso.

ANTISTROPHE IV.

As agitadas ondas se separam
 Da terra que cubriam,
 E no vasto Oceano se abrigaram:
 As fructiferas árvores nasciam:
 De pennas se vestiam
 As animadas aves; e de vida
 Animaes de grandeza desmedida.

EPODO IV.

O homem apparece,
 Alçado o nobre collo, e vendo ao lado,
 Da mulher o semblante lindo e amado,
 Por quem morrer parece:
 De raios, e de luz se rodeiava
 Phebo que almo calor a tudo dava.

ESTROPHE V.

Sem ti, Eterno-Ser, ninguem podera
 O veo mysterioso
 Que encobre a criação, com mão sincera
 Rasgar; e descobrir maravilhoso
 Princípio luminoso,
 Que a origem fecunda da existencia
 Do Orbe faça ver com evidencia.

ANTISTROPHE V.

Tece embora, scriptor endurecido,

Philosopho arrogante,
 Extenso fio nunca interrompido
 De seres que perecem : se um instante
 Vacillas inconstante
 Sem novo anel prenderes á cadeia,
 Do teu mundo desfaz-se até a ideia.

EPODO V.

Abre os olhos e stende
 Do frio norte ao sul tempestuoso,
 Ou antes ao logar onde fermoso
 O louro sol descende,
 Com passo agigantado mede a terra,
 E com raios a noite escura aterra.

ESTROPHE VI.

Um pouco te levanta ao firmamento ;
 Nos astros que o povoam
 Prende o teu vagabundo pensamento :
 Conta-os, se a tanto os teus desejos voam :
 Ah! ve como pregoam *

* Tambem este verso foi per mim alterado. No original lê-se :

Ah ! ve como *resoam*.

Regeitei ésta lição, por não ter jamais encontrado em classico algum nacional o verbo — *resoar* — em significação activa.

Em voz sonora o nome triumphante
D'aquelle que os sujeita a lei constante.

ANTISTROPHE VI.

O verme que no campo resvalando
Ergue á mobil cabeça,
A aguia sôbre as nuvens remontando,
E do ar retalhando a massa espessa;
A garganta travessa
Do leve ronxinol, e o peito forte
Do leão que esbraveja e insulta a morte;

EPODO VI.

O mar embravecido,
A terra de mil fructos que a guarnecem
Toldada, com que as fôrças reverdecem
Do homem atrevido:
Tudo aponta a Suprema-Intelligencia,
Adoravel auctora da existencia.

ESTROPHE VII.

Qual o dourado habitador de Quito,*
(Morada da cruza,
Onde em ferreo grilhão suspira afflito
O doce Indio, desgraçada preza
Da Europea avareza)

* Capital do reino do Peru.

Se ve tremer a terra e abrir-se, corre
Fugindo em vão, que entre as ruínas morre:

ANTISTROPHE VII.

Assim vaidoso atheu , que maneatando
A razão, se adormenta;
Se mēdonho trovão ouve troando,
E irada a natureza um pouco attenta,
Espavorido intenta
Fugir em vão á luz, que um Deus potente
Per toda parte lhe faz ver presente.

EPODO VII.

Furioso procura
Embrenhar-se em veredas não-trilhaças:
Alli de novo afia armas usadas
Com que a razão escura
Abate quasi; até que enfim na morte,
Do Deus, que nega, encontra o braço forte.

ESTROPHE VIII.

Ó tu, reconcentrado immenso Oceano
De desejos ferventes,
Insaciavel coração humano,
Que debalde com ansias sempre ardentes
Forcejas por contentes
Passar da vida fugitiva e escaça
Os momentos, que a Parca ao longe ameaça.

ANTISTROPHE VIII.

Se o cego Pluto todo o seu thesouro
 Desfechasse brioso,
 E te assentasse sôbre a prata e ouro
 Que n'elle encerra; se Mavorte iroso,
 Guerreiro mentiroso,
 De louro em mil conquistas te croasse,
 E a teus pes o Orbe inteiro ajoelhasse:

EPODÓ VIII.

Se a perfida belleza
 De graças, e de risos brincadores
 Rodeiada, e de férvidos amores,
 Per toda a redondeza
 Te idolatrasse so: tu gemerias
 Ainda, ó coração! suspirarias.

ESTROPHE IX.

Mais alto é teu magnífico destino.
 Mas onde achaste, ó lira!
 Este som que hoje sóltas, som divino?
 Novo abrasado espirito me inspira,
 Sublime fogo gira
 Vivido em minhas veias; escutae-me,
 Ó mortaes! e de croas adornae-me.

ANTISTROPHE IX.

A ave pelos ares pressurosa

Contente se abalança :

Desprende em paz a voz harmoniosa
Sem temor, sem sentir outra esperança :

Se ingrata fome a cança,
Aqui, alli pousando o bico agudo,
Satisfeita vegeta e esquece tudo.

EPODO IX.

Rumina o boi pesado
Na estreita manjadoura a leve palha,
E o seu carnosso coração encalha
No círculo acanhado
Que a fome lhe traçou ; tal é a sorte
Do animal, seja fraco, ou seja forte.

ESTROPHE X.

O infinito, ó ideia soberana!
Eis o termo anhelado,
Que so póde faltar a mente humana.
Ó Deus! ó Providencia! assim gravado
Teu nome sublimado
Em lettra, mais que o bronze duradora,
No intimo de nós altivo mora.

ANTISTROPHE X.

Ó ceos! de um Deus morada, onde se ostenta
A inexhausta riqueza,
O eterno prazer com que alimenta
Os varões, que com solida grandeza

A bruta natureza

Fortes domando, a Deus so aspiraram,
E á virtude so votos consagraram.

EPODO X.

Dia grande e fermoso

Aquelle que findando o tempo, e a porta
Da Eternidade abrindo, deixa absorta

Em pasmo delicioso

A alma nobre do justo, que abysmada
Ve raiar do seu Deus a face amada.

ESTROPHE XI.

Onde, ó homem ! ser fraco, onde encontraste
A imagem do infinito ?

Ou d'onde ao coração a transplantaste,
Para deixá-lo a suspirar afflito ?

Se o mundo, circunscrito

Em limitado espaço te estreitava,
E teus vastos desejos encurtava ?

ANTISTROPHE XI.

Ergue as mãos, de amargura penetrado,
E com fervente pranto

Os teus olhos no chão fita humilhado :
Entoa magoadó, triste canto,

Ao veres com espanto

Como, ingrato, te esquece o prénió eterno
Com que te atena o alto Ser superno.

MODO XI.

Os ceos, a terra, os mares,
 Do Creador á lei obedecendo,
 Se stão nos seus limites revolvendo
 Per modos regulares :
 O homem so, rebelde as leis despreza
 Do supremo Senhor da natureza.

ODE IV.*



O HOMEM SELVAGEM.

ESTROPHE I.

Ó homem, que fizeste? tudo brada;
 Tua antiga grandeza
 De todo se eclipsou; a paz dourada,

* Ésta ode, onde brilha um estro superior ao que se distingue nas mais bellas composições d'este genero scriptas na lingua portugueza e talvez mesmo que em todas as linguas vivas, foi composta no anno de 1784, tendo o auctor apenas 21 annos de idade.

STOCKLER.

A Liberdade em ferros se ve preza,
 E a pallida tristeza
 Em teu rosto esparzida desfigura,
 Do Deus, que te creou, a imagem pura.

ANTISTROPHE · I.

Na cythara, que empunho, as mãos grosseiras
 Não poz cantor profano;
 Emprestou-m'a a verdade, que as primeiras
 Canções n'ella entoara; e o vil engano,
 O erro deshumano,
 Sua face escondeu espavorido,
 Cuidando ser do mundo emfim banido.

EPODO I.

Dos ceos desce brilhando
 A altiva Independencia, a cujo lado
 Ergue a razão o sceptro sublimado;
 Eu a ouço dictando
 Versos jamais ouvidos: réis da terra
 Tremei á vista do que allí se enoerra.

ESTROPHE II.

Que montão de cadeias vejo alçadas
 Com o nome brilhante
 De leis ao hem dos homens consagradas?
 A natureza simples e constante
 Com penna de diamante

Em breves regras escreveu no peito
 Dos humanos as leis, que lhes tem feito.

ANTISTROPHE II.

O teu firme alicerce eu não pretendo,
 Sociedade santa,

Indiscreto abalar : sôbre o tremendo
 Altar do calvo Tempo se levanta

Uma voz que me espanta,
 E aponta o denso veo da antiguidade,
 Que á luz esconde a tua longa idade.

foundation

EPODO II.

Da dor o austero braço
 Sinto no afflicto peito carregar-me,
 E as trémulas entranhas apertar-me.

Ó ceos ! que immenso espaço
 Nos sepára d'aquelles doces anos
 Da vida primitiva dos humanos !

STROPHE III.

Salve, dia feliz, que o louro Apollo
 Risonho allumiava,

Quando da natureza sôbre o collo
 Sem temor a innocencia repousava,

E os hombros não curvava
 Do despota ao aceno enfurecido,
 Que inda a terra não tinha conhecido.

ANTISTROPHE III.

Dos férvidos Ethontes debruçado
 Nós ares se sostinha,
 E contra o Tempo de furor armado,
 Este dia alongar por glória tinha;
 Quando nuvem mesquinha
 De desordeus sens raios eclipsando,
 A noite foi do Averno a fronte alçando.

EPODO III.

Saiu do centro escuro
 Da terra a desgrenhada Enfermidade,
 E os braços, com que unida á Crueldade
 Se aperta em laço duro,
 Estendendo, as campinas vai talando,
 E os miseros humanos lacerando.

ESTROPHE IV.

Que augusta imagem de esplendor subido
 Ante mim se figura!
 Nu, mas de graça, e de valor vestido
 O homem natural não teme a dura
 Feia mão da Ventura:
 No rosto a Liberdade traz pintada,
 De seus serios prazeres rodeiada.

ANTISTROPHE IV.

Desponta, cego Amor, as settas tuas:

O pallido Ciúme,
Filho da íra, com as vozés suas
N'um peito livre não accende o lume.

Em vão bramindo espume,
Que elle indo após a doce natureza
Da phantasia os erros nada preza.

EPODO IV.

Severo volteiando
As azas denegrídas, não lhe pinta
O nublado futuro em negra tinta
De males mil o bando,
Que de espectros cingindo a vil figura,
Do sabio tornam a morada dura.*

ESTROPHE V.

Eu vejo o molle somno susurrando
Dos olhos pendurar-se
Do froxo Caraíba, que encostando
Os membros sôbre a relva, sem turbar-se,
O sol ve levantar-se,
E nas ondas, de Thetis entre os braços,
Entregar-se de amor aos doces laços.

ANTISTROPHE V.

Ó Razão, onde habitas?... na morada

* Verso algum tanto escabroso no encontro syllabico da dura.

630
 Do seio seu lançando
 Os cruéis erros, e a torrente impia
 Dos vícios que combatem noite e dia.

EPODO VI.

Cubriram-se as Virtudes
 Com as vestes da Noite; e o lindo canto
 Das musas se trocou em triste pranto:
 E desde então so rudes
 Ingenhos cantam o feliz malvado,
 Que nos roubou o primitivo estado.

A. P. DE SOUZA CALDAS.

químicos

ODE I. *

Qual Genio, ó musas ! inspirou sublime
 Um novo pensamento d'honra e brio
 Ao grande heroe da lusitana gente,
 Que inda hoje ouvido assombra
 A patria Elysia, e o mundo?

Mui leaes a seu rei os nobres lusos,
 Sem as armas depor, sem dormir somnos,
 Velando no espigão do muro firmes
 D'esse asperrimo cerco
 Feros combates soffrem.

Tu, claro Monda, os duros males viste:
 Curvados anciões, sagrados vates,
 Candidas virgens, pavidos infantes
 No regaço da fome
 Morriam cruas mortes. **

Juncada de cadaveres a praça,
 Faltava pia terra, que os cubrisse,
 Faltava pyra funeral ardente,

* As odes de A. Ribeiro, pelo seu assumpto e correccão d'estylo, tornam-se recommendaveis aos que prezam a lingua patria, e os altos feitos de nossos antepassados.

** *Morrer morte e dormir somnos*, não são pleo-

Que em chammias devorasse
Os insepultos corpos.

Poucos varões, que restam, so lamentam
De não morrerem na campina rasa,
Em cheio guerreando, não fraternas
Hostes, mas tropa imiga
De estranha gente e reino.

Assim os deuses sem piedade os Lusos,
Entre apertos de morte, ou d'honra, deixam;
Porém constante e forte em taes extremos *can. 3. 6. 04*
Não cede aos duros astros
O valoroso Freitas.*

Nem séde ou fome, ou barbaro trabalho,
Nem fatal riseo, nem funesto nuncio
Da morte de seu rei, o faz descer-se
D'altas tenções fidalgas
De peito excelso e firme.

Sustenta a voz por Sancho; não consente
Míngua em seu nome, que a algum outro ceda,

nasmos, são elegancias antiquissimas na lingua;
exemplos:

* Se o posso, ou devo dizer, Jesu Christo
N. S. não morreu morte tam honrada. *

PINA, *Chronicas.*

*Dormimos somnos alheios,
Os nossos nan os dormimos.*

SA' DE MIRANDA.

* Martim de Freitas, alcaide-mor de Coimbra.

Esse castello, por que fez menagem,
 Té que vejam seus olhos
 Do rei defuncto o corpo.

Este o pacto : per entre armadas filas
 D'esse attonito conde ; com semblante ,
 Qual o de Jove quando desce o Olympto ,
 Ja parte o heroe sublime ,
 Maior do que os seus fados.

Entra em Toledo ; abre a fria campã ;
 Seu rei ve morto ; o regio corpo adora ;
 Põe-lhe as chaves na mão , e desobriga
 Mais puro que as estrellas ,
 Sua palavra d'honra .

« Guardei-te , ó rei , a fe ! » (disse medonho
 Com voz que o peito a todos estremece)
 E vem mais magestoso , do que fôra ,
 Entregar do castello
 Ao novo herdeiro as chaves .

Espanta-se do feito o bravo Afonso , *
 Não visto d'antes ; e invejando a Freitas
 A glória , com que vem ; por tam formosa
 Acção trocar quizera
 O novo sceptro augusto .

* D. Afonso , conde de Bolonha .

ODE II.

No recontro fatal vencido e prêso
O forte capitão em duros ferros
Ante o castello de Faria trazem
Os ferozes inimigos.

Com torvo aspecto, que ameaça o mundo,
O alfange nu na crua mão alçado,
Manda o barbaro ao pae, que persuada
Ao filho seu, se entregue.

O grande Nuno* o chama; elle apparece
No tope das ameias: c'um semblante
Mais medonho que a guerra, os bravos olhos
Põe n'elle o pae severo.

« Filho! (bradou) esse castello guarda
Sé fiél a teu rei, a mim, e á patria:
Se a não pódes salvar contra os inimigos,
Co' a espada em punho, morre.»

E comtudo sabía a dura morte,
Que ja sóbre a cabeça lhe pendia;
Porém não de outra sorte a espera, armado
De intrepida constancia,
Que se de louro marcial croado
No carro triumphal entre os applausos

* Nuno Gonsalves.

Subisse vencedor ao Capitólio
Da rainha do mundo.

ODE III.

Fervia ao longe, com fragor medonho,
O mar caliginoso: horrenda fama
Desde a origem do mundo apregoava
Do inaccessibil pégo
As férvidas voragens.

Desastrados successos agourando,
Pavido nauta trespassar não ousa
O Bojador sanhudo, que guardava
Entre feros horrores
Os não-surcados máres.*

Tu filho caço da natura, ó Genio !
Que tardaste em formar per tantos evos
O lusitano Henrique , ** alfim um dia

* Assi fomos abrindo aquelles mares
Que geração alguma não abriu ,
As novas ilhas vendo, e os novos ares
Que o generoso Henrique descubria.

CAMÕES, *Lusidas*, cant. V, est. 4.

** Este Infante, não so foi um dos maiores homens
de seu tempo em Portugal, mas um dos mais excel-

A empresa lhe inspiraste,
Que enche de glória a Lysia.
Eis elle na mão toma ardente facho,
Que desde o Sacro-Promontorio fulge;
Tiro de luz despede, que allumia
Do tenebroso Oceano
Os pelagos immensos.
« Ide romper os máres (disse aos Lusos)
Com chaves immortaes té-qui fechados:
Ide alargar per nova maravilha
À patria Lysia, á Europa

lentes que se teem visto em todas as nações, e em todas as idades. E pôstoque isto é muito dizer em seu louvor, todavia não exageramos nada, nem affirmamos cousa que não seja mul somenos de seus merecimentos. E seja qual for a differença que ha entre o stado da Europa agora, e o em que se achava nos tempos de D. Henrique, é indisputavel, que todas as vantajens procedidas do descobrimento da mor parte da Africa, e da India Oriental e Occidental, e todas as que d'ellas se derivarem té o fim dos seculos, se devem ao genio e diligencias d'este príncipe, a não as quereremos attribuir, em parte, a el-rei D. João seu pae, que vendo a propensão, que elle tinha para a mathematica, lhe deu na mocidade bons mestres, e depois foi accrescentando nas rendas do Infante, com que elle pôde aproveitar-se de seus conhecimentos.

MORAES.

Os terminos do mundo. »

Gente animosa invicta as vozes ouve;
A angra deixa da marinha Sagres;
E em promptos barineis * ás ondas descem,
Deuses do mar potentes,
Os novos argonantas.

Ja la longe das praias, onde Alcides
Poz balizas ao Orbe, as proas surcam
Vastos desertos de profundas aguas:
E as barreiras quebrantam
Dos resguardados máres.

Que espectáculo grande a natureza
Aos Lusos apresenta! Quaes portentos
Não sabidos dos seculos amostra!
Quanto mundo encuberto
Aos olhos seus descerra!

Novos tritões na azul campina lhe abrem
Facil estrada: novas aves voam,
E ja proximas terras lhe annunciam:
Novos benignos astros
De estranhos ceos lhes brilham.

Eis d'entre as ondas ja la véem surgindo
Novos montes e cabos, novas praias,
Terras de vario clima, de diversos

* Embarcação usada no Mediterraneo.

• Mandou armar um *barinel*, que foi o maior navio que até então tinha enviado.

BARROS, *Decada* I, liv 1.

Productos da natura,
De ignota gente e nome.

Como do meio das cerradas nuvens
A atlantica Madeira sai formosa
De verdejante folha a trança ornada;
E vem com brando gesto
Saudar os lusos nautas!

Correm pelo ceruleo campo a vê-los
As mais filhas de Thetis cubiçosas:
As Graças, Arguim, e as que guardavam
Hesperides formosas
Os ricos pomos d'ouro.*

A torrida Ethiopia, ao sol visinha,
Desdobra o escuro véo, que a fronte cobre,
E amostra a face magestosa: vê-se
Vir receber os Lusos
O Arsinario cabo:

Ve-se mais ledó ao mar co'a gran' corrente
Ja vir o Sanagá, e o curvo Gambea:
Ve-se o filho do grande Nilo, o Zaire
Contente devolvendo
Ao alto golpho as aguas.

Da intrepida façanha desusada
Os maritimos deuses se espantaram,
Mas não Protheu, que próvido sabia
Do immobil fado eterno
Os divinos arcanos.

* Bellissima pintura!

Mal viu de longe as cortadoras proas,
Co' a fatidica voz, que tudo assombra,
« Ó lusos nautas! (clama) ó vos ditosos,
Que os fados ca vos chamam
Do mar ao novo imperio.

Per éstas ondas, ora povoadas,
Té-qui em solidão desertas, cedo
N'esses ousados lenços do Oriente
Virá toda a fortuna
Do aureo Indo ao Tejo.»

Souu mui longe a voz do vate: ouviu-a
O roixo-mar e estremeceu; e o Nilo,
E a suberba Damasco, e a syria Alepo,
E o grande egypcio Cayro,
E a rica Alexandria.

Ouviu-a, e estremeceu a gran' rainha
Do Adriatico golpham: do alvo collo
Çai-lhe o collar de nitido diamante;
Çai-lhe da altiva fronte
A croça d'ouro fino.

ODE IV.

Aos lusos soberanos não bastaram
Os triumphos do mar, quando, saindo
De Sagres,* e do Tejo aventureiros,
A estranhos ceos e ventos desfaldavam

Das cavas naus suberbas

As atrevidas vélas.

Co' as intrepidas proas diamantinas
Romperam fortes os cerrados muros
Do reservado reino Neptunino,
Alto senhor de peiagos immensos,
Que o azul tridente volve
Do Atlante ao Indo, e ao Ganges.

Sem medo o Bojador bramar ouviram;
Troar o carro dos tremendos deuses;
Rugir a serra asperrima Leoa;
E assobiar com silvos horrorosos
O Drago das Hesperides,

* O Infante D. Henrique fundou esta villa, distante algumas milhas do cabo de san' Vicente, e fez ali um dos melhores portos e praças do reino, a respeito do stado da marinha d'aquelles tempos.

As víboras das Górgonas.

Nem temeram tocar as bravas costas
Da adusta região, que o mundo parte;
Onde visinho o sol do carro ardente
Raios dardeja, alto terror aos nautas,
De Gregos e Romanos
De longo tempo herdado.

Mas não reponsam animos constantes
Em buscar honra a si, e á cara patria;
Ja sublimes maritimas empresas,
Maiores, que as primeiras d'alto espanto,
Impavidos commettem
Os lusos argonautas.

Preside á nova acção o claro Dias *
Filho das astros: eis trespassa tudo
Quanto undívagas naus ja descobriram
Té onde as arenosas praias correm
Que o longo Zaire ** inunda,
Da torrida Ethiopia.

Então com qual corajem denodado
A outro immenso golpham se arremessa!
Quam senhor das procellas, bravos Euros, .

* Bartholomeu Dias descobridor do cabo de Boa-
esperança.

** Rio grandissimo de Africa, cuja fonte stá no
sertão do reino de Congo.

Caliginosos vortices vencendo,
 D'Africa a méta occulta
 Vai demandar ousado!

Em vão Neptuna o Tormentorio-cabo
 De sustos povoou: em vão armado
 De morte Adamastor feroz gigante
 De cem braços, e d'olhos cem, do Austro
 Sob a medonha treva
 Guardava os virgens máres.

Calca médos e azares, calca agouros
 O sublime varão; o monstro arrosta,
 E os terminos vedados lhe devassa;
 Alli ergue padrão a Lysia, e arvora
 Os pendões triumphantes
 Das venturosas Quinas.

Assim, de um vasto mar á Europa ignoto,
 Os incantos quebraram grandes lusos;
 E o passo abriram ja, per onde o Gama,
 A volta inteira d'Africa correndo,
 Per novo rumo achasse
 Insolito caminho,

Per onde fosse descobrir a Lysia
 Os immensos thesouros do Oriente;
 Per onde nos trouxesse ao Tejo ufano
 As perolas brilhantes, que adornavam
 Do Sol os ricos paços,
 E os thalamos da Aurora.
 Isto tinhas na mente decretado,

Ó grande Henrique! ó deus dos nautas!^b quando
No lycen Turdetano, onde brilhavam
Tuas sublimes luzes, revelavas
A heroes da lusa gente
Os segredos dos mares.

* Este Infante, não so foi o primeiro descobridor de novas terras, per seus enviados, mas inspirou o gosto dos descobrimentos, com que depois se fizeram grandes cousas. Elle tinha as ideias mais exactas da *sphera*, e mostrou a utilidade da *longitude* e *latitude* na navegação, e o meio de as achar, com o soccorro das observações astronomicas: sabia, além d'isto, muito bem a *architectura-naval*, e conhecia perfectamente quantos frutos resultariam do augmento da navegação, das fundações das colonias, e dos progressos do commercio exterior.

MORAES.

ODE V.

A LISBOA

SÓBRE A DECARENCIA DAS NOSSAS CONQUISTAS
DE ASIA.

Ó tu nos sette montes sublimada,
Mais que do Tybre a lacial rainha,
Clara Ulyseea, que do alto medes
Os ceos e ultimos astros
Do mundo Occidental, onde os brilhantes
Raios depõe o sol, quando, descendo
Com toda a magestade de seus lumes,
Vem dormir em tens máres:
Tu estendes d'ahi ao longe os olhos
Pela esteira, inda impressa n'essas ondas,
Que o Neptunino Gama ousado abraza
Do Tejo ao ludo, e ao Ganges:
Revolves ind' agora n'alta mente
Africos climas, indianas terras,
Aonde teus heroes ja te arvoraram
As triumphantes Quinas.
E que ves tu d'essa grandeza immensa?

Que ves da glória antiga , que ganhaste ,
Cavando máres, superando povos,
Alçando altas cidades ?

Aonde estão os fortes , que venceram
Co' a lança em punho, e o bravo peito á morte,
O Hidalção, Achem, Badur ufano,

O Çamori potente ?

Aonde está a aurifera Malaça ,
Que inda treme do nome de Albuquerque ?
Onde Dabul, Damão, Cochim, Cambaia ,
Tropheos da lusa gente ?

Ja não troa Chaul do morro altivo,
Terror fatal dos indianos povos ;
Ja não troa Coulão, Tidor, Ternate,
Nem Cananor suberba.

Ja não se ve de mar em mar correndo
A grossa armada, que em naval batalha
Espantou tantas vezes o Indostano ,

O Turco, o Egypcio , o Arabe.

Que foi d'esse ouro fino de Çofala?
Dos rubís do Pegu ? de tanta perla
Da piscosa Manar, das ricas télas
Da opulenta Bengalla?

Que foi da muita alfaia , da baixella ,
Dos aromas , das drogas , altas pareas
Que pagavam do Indo subjugadõ

Os réis , a ti vassallos ?

So pelos fastos , que teus feitos guardam,
É que hoje o antigo teu valor sabemos :

So per tuas ruínas te medimos

A passada grandeza.

Que não transtorna o tempo! Oh praza aos deuses

Não percas inda mais! nem que teus, filhos,

Dos paes degenerando, desafiem

Seus iracundos raios.

ODE VI.

Á MEMORIA

DO GRANDE LUIS DE CAMÕES.

O sublime Cantor, que sôbre as azas

Do sagrado poema * leva aos astros

O Gama illustre, e a lusitana empresa

Dos Gangeticos máres;

Dizei, qual digna recompensa, ó Musas!

Teve a seu canto, de que se honra Apollo,

* Os *Lusiadas* foram traduzidos em todas as linguas cultas da Europa, mas nenhuma das traducções, que eu conheço, dá uma ideia do original, e particularmente do estylo de Camões.

Que a tanto feito, a tanto heroe valente
Deu immortal memoria ?

Do rico imperio da gemmante Aurora ,
Onde soltou aos ceos a voz divina,
Nem ouro , nem fulgente pedraria
Lhe deu a sorte avara.

De seus illustres meritos sublimes,
Que as estranhas nações tanto invejaram ,
So teve em prémio e galardão sobejo
A horrida pobreza.

Tu , escravo de Java , ó so amigo
Que o ceo lhe dera em tanta desventura !
Entre as trevas da noite mendigavas
Seu misero sustento.

Lysia , inda então dura ao som divino ,
Cevada so em vil cubiça d'ouro,
Cerrou o peito esquivo aos seus queixumes;
Nem lhe enxugou seu pranto.

Inda agora , oh descuido torpe e cego †
Não saberia com desdouro eterno,
Aonde as sacras cinzas repousavam
Do lusitano Homero ;

Se o generoso inclyto Coutinho,*
Co' a voz magoada os manes invocando,
Não achasse, dos deuses soccorrido,
A desprezada campa.

Assim, assim o cidadão de Arpino**

* D. Gonçalo Coutinho.

** Cicero.

De Syracusa aos espantado povos
O ignoto sepulcro descubria
Do sublime Archimedes. *

ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

* Mathematico syracusano.

ODE I.*

Saudade, messageira
 Dos suspiros de Silvio, vai depressa,
 Ao caro amigo dize:
 « Apalpa, Silvio, o manto inda molhado
 Nas lagrymas de Almeno.
 Fallando-lhe de ti, interrompida
 De seus ais e soluços,
 Eu mesma não podia... Ah Silvio! Silvio!*
 Mui grande amor lhe debes:
 Nem elle me deixou contar-lhe tudo,
 Nem eu de magoada
 O podera fazer. O triste peito

* O P. Fr. José do Coração-de-Jesu, foi tam profundo litterato como (apezar dos latidos do mau gosto) sublime poeta. Impediu-lhe a morte enriquecer a patria com a completa traducção do poema de Ovidio, de que se imprimiram (debaixo do supposto nome de Almeno) os primeiros quatro livros, que são um testemunho authentico de seus talentos e instrueção, e da perda, que foi para a nossa litteratura, não podêr elle levar ao fim aquella ardua empreza.

J. M. DA C. E SILVA.

* D. Fr. Alexandre da Sagrada-Familia, bispo de Malaca,

Trespasado das settas
Em sangue lhe escorria : a cada passo
Ficava sem alentos :
Almeno, ai pastor ! em vão o abalo ;
Muitas vezes o tive
Por morto nos meus braços ; muitas vezes
Meus olhos o choraram :
Os teus o chorariam , se piedosas
As Musas não tornassem
A metter-lhe no corpo a alma fria
Em gemidos desfeita :
Extremosas contigo não soffreram
Que a Parca dura os doces
Futuros dias suspirados córte. »

ODE II.*

A lyra (que desgostos penduraram
Do louro collo da virginea rama ,
Resguardada per Phebo
Dos insultos da fouce
Em obsequio da nympha)

A voz suave novamente sólta ,
A teus ouvidos , Figueiredo , grata ,
No dia venturoso ,
Illustre , memoravel ,
No mais bello dos dias.

Qual se descobre a face rubicunda
Do principe dos astros , que matiza
Os valles , os outeiros ;
Assim as nuvens levas ,
Semeias lindas flôres.

Da cega noite as macilentas filhas
Offendidas da luz , traições te armam :
Á pressa , á pressa Clotho
Ja põe na torpe cinta
A róca ensanguentada.

* Fôz esta ode dedicada ao padre Fr. Dionysio de Figueiredo no dia de seus annos.

Sem atar os cabellos, vem Lachesis,
 E no tetríco fuso o fio enrola :
 Pulando de contentes
 A grandes vozes bradam
 Por Atropos que o córte :
 Eis das mãos lhe arrancou, não sei que deusa
 A tesoura fatal! Com pe soberbo
 Piza do Tempo as azas,
 Cubriendo de viçosas
 Perpétuas a cabeça.
 Trazia na direita, de luzente
 Metal, que o raio matutino imita,
 Um círculo estupendo
 Com letreiro deroda,
 Gravado em várias linguas.
 — *As aureas portas do meu templo augusto*
A famosos varões jamais se fecham.
 Os sabios, perfumando
 Com fragantes aromas
 As minhas aras, vivem.—

ODE III. *

No leito, não-eburneo, aonde os ricos
 No regaço pacífico do somno
 Os seus cuidados saiteadores prendem
 Com suaves cadeias :

No leito de afflicção as noites passo,
 Sem mais allívio que as tyrannas dóres;
 Cadaqual empenhada na raina
 De meus languidos membros :

Zombando altivas dos segredos todos
 Que o divino Esculapio em aureos cofres
 Deixou a seus discipulos dilectos
 Por bem da humanidade.

E d'estes monstros ávidos de sangue,
 Mais ávidos que as feras sanguisugas,
 Como crês de escapar o teu Almemo,
 Ternissimo Ribeiro?

Se as almas nobres, á feição das baixas,
 Se agourassem tambem, dissera, amigo,
 Que á lyra deram, Sulmonense, olhado**

* Esta ode foi dirigida ao doctor Antonio Ribeiro dos Santos.

** Quebranto :

• Se isso não foram algumas amadias que

Os emulos das musas.

A mão rebelde e tremula não póde
As cordas afinar, nem pôr no plectro
Os sons mimosos do poeta estranho,
Que á portugueza soa.

Na traducção que lêste e commentaste,
E de louvores mil, e taes, encheste;
Antes do meio da carreira fico,
Sem animos, sem fôrça...

Querida patria, nunca Ingenhos grandes,
Nunca te faltem cytharas famosas
Entre as outras nações, que te respeitam,
Sejas cantada sempre.

Venham Gregos a ti, venham Romanos,
De louro grinaldados; e seus hymnos
Apar dos lusitanos emmudeçam,
Harmonicos, mais bellus.

te embruxaram, ou algum *olhado*, que te
quebrantou. »

F. R. Loao, *Primavera*.

« Nem dê *olhado*, que é muito de fermo-
sas. »

SA' DE MIRANDA, *Vithalpandos*.

ODE IV.*

Agora, musa, novo canto, novas
 Mais altas odes, inclytas inspira :
 Ja de entre as sombras da calúmnia feia
 Renasce o nome illustre :

Nome banhado em lagrymas tam tristes,
 Trocadas n'um prazer sancto e divino ,
 Levar-te-hão do mundo ás quatro partes
 Meus intrepidos versos.

Não teme a lyra, não, chegar aonde
 Gregas canções pindaricas chegaram :
 Com teu louvor suberba e resoluta ,
 Riscando da memoria

Os antigos heroes, fará que brilhem
 Não virtudes guerreiras, não talentos
 Nocivos aos mortaes, senão a bella,
 A doce humanidade,

A fe, a rectidão, costumes de ouro,
 Que viram nossos paes, e que so vemos
 De dias saúdosos trasladados
 No bispo de Malaca.

O claro resplandor, que o grave e firme

* Em louvor de D. Fr. Alexandre da Sagrada-Família, bispo de Malaca.

Aspecto doura do varão constante,
Como do sol o raio luminoso,
Ousada nuvem rompe.

O torpe aleive desmaion vencido :
A innocência, pizando-lhe a cabeça,
Sobe nos braços da gentil Verdade
Ao carro do triumpho.

Soltae, Musas, soltae o vosso canto;
A voz alçae com toda a valentia;
Espalhae os louvores, da Virtude
Sôbre as nitidas azas.

FR. JOSÉ DO CORAÇÃO-DE-JESU.

Foi Almeno um feliz discipulo da Natureza, e da Arte; que certo ambas de mãos dadas conspiraram para o formar um poeta de genio, e de doutrina. E em verdade, as suas composições denunciam um poeta de singular talento, de sabedoria, e de gôsto, e rico de seu proprio cabedal, e do que houve de Gregos e Romanos, e dos melhores de nossa Lusitania. Facil, natural e engraçado, como Anacreonte, quando cantava os desenfados da vida, e os prazeres da amizade: urbano e sentencioso, como Horacio, quando entre os deleites poeticos involvia as instrucções da razão, e do moral: nobre e sublime, como Pindaro, se exaltava nos seus versos o merecimento, as virtudes, e a sabedoria do homem: assim que todos seus poemas eram peças de muita preciosidade e valia, como scriptas com gran' discernimento, e ascelladas pelas mãos das Musas.

A. R. DOS SANTOS.

ODE I. *

OS AMORES.

Dos malignos Amores
 Gyrava os ares o volatil bando,
 Seus aureos passadores
 Dos eburneos carcazes semeiando.
 O mais destro frecheiro,
 O chefe da invencibil companhia,
 Que tem do mundo inteiro
 A seus pés o destino e monarchia :

* Temos algumas *odes* e canções de Bocage; mas éstas apenas lhe poderão obter o último lugar entre os lyricos portuguezes. Não tinha a flexibilidade e chistoso desalinho que requer o genero Horaciano, nem os vãos sublimes e luminosos rasgos, que formam o character da poesia pindarica; porém a lição de Parny, e as imitações, que fez de alguns versos d'este poeta feiticeiro, influíram seu espirito delicado a ponto de produzir algumas *Anacreonticas*, que o mesmo cantor de Teios invejara, e são como preciosos rubis, que adornam a sua coroa poetica.

J. M. DA C. E SILVA.

Aquelle que em desmaio
 Muda ao tigre o furor, se a dextra move,
 Que até sem medo ao raio,
 Sacrilego farpão cravara em Jove;
 Do azul campo sereno
 Desce, enfim, c'os irmãos a fertil prado
 Vizinho ao Tejo ameno,
 E diz á turma, de que vem cercado:
 « Eu, que não satisfeito
 De combater, de triumphar na terra,
 Comvosco tenho feito
 Aos proprios ceos inevitavel guerra:
 Eu, que prazer sentia
 De forjar aos mortaes mortaes pezares,
 Que ufano, alegre, via
 O sangue borbulhar nos meus altares;
 Eu, que em mavorcia lida
 Tornei purpureo o limpido Scamandro;
 Eu, cruento homicida
 De Hero gentil, do nadador Leandro:
 N'este dia de gosto,
 Em que brotou de generosa planta
 Aquella, cujo rôsto
 Almas captiva, corações incanta:
 N'este bom dia, em que ella,
 Em que Marilia, nossa glória, Amores,
 Apareceu mais bella
 Que a flor de Venus, na estação das flores;
 Do que fiz me arrependo,

Quero afamar-me por mais alta empresa :

Eternizar pretendo

A melhor producção da natureza.

Um de vós, sem demora,

Procure o velho, que em perpétua fome

Rijos troncos devora,

O ferro, o bronze, o marmore consome:

Va dizer-lhe que parta

Logo o instrumento sanguinoso e duro,

A fouee, nunca farta

De mandar os mortaes ao reino escuro :

Que respeite, rendido,

Um dia tam sagrado, e tam jucundo,

Em que deixa Cupido,

Pela primeira vez, em paz o mundo :

E se o monstro faminto

Não dobrar a cerviz no mesmo instante,

Mostrarei que me sinto

Para a vingança com valor bastante :

Farei que saiba o quanto;

Póde o fervor de um amoroso affecto,

Farei que lave em pranto

As cans espessas do medonho aspecto.

O mundo não tem visto

Obrar Amor prodigios cento e cento?

Pois veja agora n'isto

De meus portentos o maior portento.»

Disse, e depois que soa

Tenne sussurro, a ordem se executa :

Um d'elles parte e voa
Do Tempo á carcomida horribil gruta.
O velho injusto e forte,
Consumidor das cousas, encostado
No regaço da Morte,
Fouce na mão, cadaveres ao lado;
Vendo entrar derepente
O bello infante, o nuncio de Cupido,
Alça a rugosa frente,
Em tom lhe diz soberbo e desabrido:
« Infeliz! que arrogancia,
Que imprudencia, que fado ou que desdita
Te guia á negra estancia
Aonde o Tempo com a Morte habita?
Não pasmas, não tens snsto
De olhar-me? de me ouvir? pois eu te ensino
Com meu braço robusto
A acatar-me, a temer-me, audaz menino.»
Disse, e, vermelho o gesto,
Torcendo os olhos, que chammejam ira,
Move o braço funesto,
E c'o a sanguinea fouce ao deus atira:
O ferro os ares mede,
Obedecendo á furia, que o sacode;
Mas eis que retrocede,
Fugindo ao numen, que ferir não pode.
Elle então c'um sorriso
De altivez desdenhosa acompanhado,
Volve os olhos ao liso

Curvo instrumento, que lhe foi lançado :

E ao monstro , que veneno

Vomita da nojosa boca escura ,

« Cessa (diz) eu t'ò ordeno

Em nome de Marilia bella e pura. »

Elle proseguiria ;

Mas os dous feros socios , escutando

Pela voz da alegria

O nome incantador, suave e brando;

Quaes os deuses do Inferno,

Que a fronte, ouvindo Orpheu, desenragaram,

E o ferreo sceptro eterno

Das inflexibeis mãos cair deixaram :

O furor impaciente ,

Que as entranhas lhe roe , subito amañam ;

Erguem-se , e derrepente

Da mimosa deidade aos pés se lançam.

— « Adoravel menino,

(Clamam, tremendo, os dous) tu nos domaste

Quando o nome divino

Da singular Marilia articulaste.

Dize, dize o que intentas ,

Que ja qualquer de nós te está sujeito ,

E as nossas mãos cruentas

Tremulas ves de affecto, e de respeito. »

— « Quero ja destruido

(Torna o menino) em honra d'este dia

Esse ferro buído ,

Que com vipereo sangue a morte afia.

poesias

Marilia , cujo agrado
 Desencrespa e serena o mar, e o vento ,
 Hoje ve renovado
 Seu natalicio festival momento.
 A déstra natureza
 De regosijo, de altivez se cobre,
 Por crear tal belleza,
 Alma tam pura, coração tam nobre :
 Até Venus benigna
 A disputar-lhe os cultos não se atreve, 107
 A louva, a julga digna
 Dos cysnes , e da concha côr de neve.
 Eia , pois , bumilhados
 De Marilia ante os olhos vencedores ,
 Ante os dous adorados
 Ninhos das Graças , ninhos dos Amores :
 Sacrificae-lhe as furias,
 As furias , que defeza não consentem ;
 Nunca , nunca as injurias
 Do Tempo ou Morte profana-la intentem. »
 Com isto os labios cerra ,
 E logò o Tempo dos nervosos braços
 Arroja sôbre a terra
 A fouce, que entre as mãos fez em pedaços :
 Depois , inda curvado,
 Diz : — « Está transgredida a lei da Sorte ;
 Amor, vai descançado ,
 Que a Marilia veneram Tempo e Morte. »
 Ao seu gentil monarcha

Torna o menino aligero, e lhe conta ,
 « Que o Tempo achou , e a Parcha
 Prompto a seu mando, a seus desejos pronta.»
 Junctos então revoam ,
 E de Marilia proximos aos lares ,
 Os Amores enteam
 Hymnos canoros nos ceruleos ares.

ODE II.*

Zoilos , estremecei , rugi , mordei-vos :
 Philinto o gran' cantor, prezou meus versos.
 Sôbre a margem feliz do rio ovante ,
 D'onde, arrancando omnipotencia aos Fados,
 Universal terror vibrando em raios ,
 Impoz tropel de heroes silencio ao Globo,
 O immortal Corypheu dos cysnes lusos ,
 Na voz da lyra eterna , alçou meu nome.

* Ésta ode foi feita em resposta a est'outra de
 Francisco Manuel :

Lendo os teus versos , numerozo Elmano,
 E o não vulgar conceito, e a feliz phrase,
 Disse entre mim : Depõe Philinto a lyra
 Ja velha , ja cançada ;
 Que este mancebo vem tomar-te os louros
 Ganhados com teu canto na aurea quadra,
 Em que ao bom Corydon , a Elpino, a Alfeno

Adejae, versos meus, ao Sena ufano
 De altos, fastosos, marciaes portentos
 E, ganhando amplo vôo após Philinto,
 Pousae na eternidade, emtôrno a Jove.

Eis os tempos, a inveja, a morte, o Lethes
 Da mente, que os temeu, desaparecem.
 Fadou-me o gran' Philinto, um vate, um nume:
 Zoilos! tremei. Posteridade! es minha.

Applaudia Ulyssea.

Rouca hoje e sem alento a minha Clio
 Não troa sons altivos, arrojados:
 Vai pedestre soltando em froxo metro
 Desleixadas cantigas.

Descêa Apollo, e o côro das Donzellas
 A' morada d'Elmano; e esse, que outrora,
 Canto nos dava nome, o poz na boca
 Do novo amado cysne.

ODE III.
ANACREONTICA.

A ROSA.

Tu, flor de Venus,
Corada Rosa,
Leda, fragrante,
Pura, mimosa:

Tu, que envergonhas
As outras flores,
Tens menos graça,
Que os meus amores.

Tanto ao diurno
Sol coruscante
Cede a nocturna
Lua inconstante,
Quanto a Marília

Té na pureza
Tu, que es o mimo
Da natureza.

O buliçoso
Candido Amor

Poz-lhe nas faces

Mais viva cor :

Tu tens agudos

Cruéis espinhos ;

Ella suaves

Brandos carinhos :

Tu não percebes

Tornos desejos ,

Em vão Favonio

Te dá mil bejos :

Marilia bella

Sente, respira ,

Meus doces versos

Ouve, e suspira.

A mãe das flores,

A Primavera ,

Fica vaidosa ,

Quando te gera :

Porém Marilia

No mago riso

Traz as delicias

Do Paraiso.

Amor que diga

Qual é mais bella ,

Qual é mais pura ,

Se tu, ou ella :

Que diga Venus..

Ella ahi vem...

Ai! enganei-me ,
Que é o meu bem.

ODE IV.

Poupando votos
Á loura Isbella ,
Se Amor fallasse
Nos olhos d'ella ;
De almos Prazeres
Me pousaria
Candido enxame
Na phantasia.

Outros que as almas
Tambem teem prezas ,
Se regosijam
De ouvir finezas :

Eu antes quero
Muda expressão ;
Os labios mentem ,
Os olhos não.

BOCAGE.

ODE. *

A
SÓBRE O AMOR,

CONSIDERADO COMO PRÍNCIPIO E ESTEIO
DA ORDEM SOCIAL.

Não foram, caro Souza,** as lyras de ouro
De Orpheu, e de Amphion, que os leões bravos,
E os indomitos tigres amansando,
As cidades fundaram.

Embora finjam mentirosos vates,
Que as torcidas raizes desprendendo
As árvores annosas, que os penedos,
Após elles correram.

Tu, so tu, puro Amor, despir podeste
Da stupida bruteza a humana especie;
So tu soubeste unir em firmes laços
Os dispersos humanos.

* Nem ficarão tambem ao tempo occultos
De Stockler os talentos singulares,
Que promettem fazer-lhe altos insultos.

F. D. GOMES.

** O padre Antonio Pereira de Souza Caldas.

Sem ti insociaveis viviriam,
 Nas escarpadas serras, embrenhados;
 Ou nos sombrios verde-negros bosques,
 Em pasmada tristeza.

As fugitivas horas passariam
 Em languido lethargo submergidos,
 Té que o pungente estímulo da fome
 Lhes espantasse o somno.

Os singelos prazeres da amizade;
 Prazeres suavissimos, so dados
 Aos peitos generosos e sensiveis,
 Provar não poderiam.

As sciencias, as artes sepultadas.
 No seio da ignorancia inda jazeram;
 Que inerte e froxo a nada se atrevera
 Um peito enregelado.

As bellas Marcias, as gentis Lycores,
 Em vão dos vivos olhos fuzilaram
 Accesos raios, com que audaz fulminas
 Rebeldes esquivauças.

Suas vermelhas engraçadas bocas
 Em vão meigos sorrisos soltariam,
 Tingindo as juvenis mimosas faces
 De pudibundas rosas.

Anhelantes suspiros, brandas queixas,
 Ternos agrados, carinhosos gestos,
 Nada mover os peitos poderia
 Dos animados troncos.

Dos Risos, e das Graças rodeiada

Venus com farta mão não derramara
Em seus rusticos leitos brandas flôres,
Flôres que tu so colhes.

O gôsto de abraçar a cara esposa,
De se ver renascer nos doces filhos,
De educar cidadãos, nutrir virtudes,
Coitados! não sentiram.

Víra-se em breve, c'o volver dos annos,
Ermo-de novè o povoado mundo,
Té que do seio da fecunda terra
Outros homens brotassem.

Ah! cré-me, Souza, Amor, Amor somente
A vasta natureza vivifica:
Amor nossos prazeres todos gera,
Nossos males adoça.

O soldado animoso, que se arroja
Com brio denodado a expor a vida
Em defesa da patria ameaçada
De inimigas phalanges;

Depois de haver soffrido longas marchas
Per aridos sertões, per frias serras,
Arrastrando cançado os cavos bronzes
Nas pesadas carrêtas;

Depois de ouvir nas horridas batalhas,
Troando a furiosa artillheria,
Pelos ares silvar os ferreos globos
Que a morte involta levam;

Depois de ver os rapidos ginetes
Atropellando os salminados corpos

Dos caídos guerreiros , que em vão pedem
Vingança ou piedade;

Entre os braços da tímida donzella ,
Que amor lhe promettéra , prompto esquece
As passadas fadigas , os horrores
Da guerra sanguinosa.

O misero cultor , que industrioso
Do fértil seio da benigna terra
Faz abrolhar os preciosos fructos ,
Que a vida nos sustentam ;

Ou já soffra no frígido janeiro ,
Em quanto o arado rege , os finos sopros ,
Com que lhe tolhe os calejados dedos
O gelado nordeste ;

Ou já soporte no calmoso estio
Do abrasado Suão o ardente bafo ,
Cuidoso o louro trigo debulhando
Nas pulverosas eiras ;

Apenas desinvolve o denso manto
Sôbre a face da terra a noite amiga ,
Se o repouso procura aos lasso membros
Na rustica morada ;

Vendo a fiel consorte , que saudosa
Ao encontro lhe sai , e o caro filho
Que largando da mãe o doce peito ,
Lhe estende os tenros braços ;

Em ternura suavissima desfeito ,
Que o casto amor no coração lhe entorna ,
Contente ja de sua humilde sorte

19
23
35
40
flood

Bem diz a Providencia.

Assim, ó Souza! na fiel balança,
Onde a razão os bens, e os males pesa,
Se ve que, sem Amor, a vida humana
Seria insupportavel.

STOCKLER.

Ou tu pretendas nos olympios campos,
Traspondo a méta na carreira ousada,
Correr parelhas com o Eolio vate
Em lyricas fadigas;

Ou ja folgues c'o a cythara suave,
Qual o Teio cantor, brandos prazeres
Da natura, e de amor louvar, e as graças
Da candida Dione;

As nove irmans do Patarea Apollo,
Tantos brios te inspiram no teu canto,
Que atrás deixas c'os sons harmonicos
Os Argolicos cysnes.

Em teus versos gentis, divinos versos,
Com maior energia os rasgos sólta
Uma alma nobre, um coração sensibil,
A rica phantasia.

Teu estro é mais sublime, a voz mais doce;
O sorriso de Venus é mais grato;
Amor é mais pudico; são mais lindas,
Mais melgas as tres Graças.

A. R. DOS SANTOS.

ODE
ANACREONTICA.

PYRAMO E THISBE.

Ao pé de uma serra
Ingreme e fragosa,
Por Pyramo espera
Thisbe carinhosa.

Mas eis que descobre,
Da lua ao clãrão,
Rugindo de raiva
Sanhudo leão.

Da cruenta boca
Se ve claramente
Pingar, oh rigor!
Sãgue ainda quente.

Qual a pomba vendo
Açor inimigo,
De uma grutta busca
O prospero abrigo.

C'os pés delicados
Duras pedras piza;

drip

Pizadas de amor,
Que amor eterniza!

O véo delicado
Lhe cai na fugida,
Em que tinha a loura
Madeixa escondida.

Eis Piramo chega,
De Thisbe em procura,
Acha o véo rasgado
Sóbre a espessura.

Que a cruenta fera
O despedaçara,
E de rubro sangue
Todo o salpicara.

Pallido o semblante,
De dôr trespassado,
Ja pensa que Thisbe
Havia expirado.

E tirando a espada
No cruel transporte,
A crava, e se envolve
Nas sombras da morte.

Mni sobresaltada
Sai Thisbe da gruta,
Ve que seu anante
Co' a morte inda luta:

No amor excessiva,
Vai terna beija-lo,
Jurando na morte

puerced

PARNASO LUSITANO.

Firme acompanha-lo.

No buído ferro
Com valor se arroja,
Da vida que odeia
Cruel se despoja.

Vós nymphas, que ouvistes
Seus tristes gemidos,
Que de dor lançastes
Ternos ais sentidos;

Choremos, oh nymphas!
A barbara morte,
De amantes tam firmes
A cruenta sorte.

Seus ais, seus suspiros,
Com dor lamentemos;
Seus males, seus prantos,
Com dor recordemos.

Ligeiros regates
Seu curso pararam;
As rochas immoveis
De dor se abalaram.

As cinzas de Nino
La onde jaziam,
Na frigida campa
De pezar gemiam.

Sentida amoreira
Involve de lucto
Com pena, com mágoa,
Seu candido fructo.

melberry

Com tam triste scena,
Da lua chorosa
Cobrira o semblante
Nuvem tenebrosa.

Em memoria, ó nymphas!
Da sua ternura,
Se grave um lettreiro
Sobre a sepultura.

—Aqui jazem junctos
Dous firmes amantes,
Que Amor enlaçava
Com prisões constantes.

Juraram nas aras
Do deus das traições
Eternos affectos
Os dous corações.

Juraram que a Morte
So tinha poder
D'as duras cadeias
De Amor desprender.

Aos dons a Saudade
Deu mortes fataes,
No amor semelhantes,
Nas mortes ignaes.

A ausencia evitando,
Dão provas de amor;
Pois inda se abraçam
Da campa no horror.—

M. M. VIEIRA.

ÔDE. *

Arma, arma tudo soa, tudo guerra;
 Guerra o mar soa, soa guerra a terra;
 E dos valles repulsando nos outeiros,
 Respondem guerra os echos derradeiros.

QUEVEDO.

Estalou, de pavor destemperada
 Rouqueja a minha lira:
 Sôbre as cordas caíndo desmaiada
 A sancta paz expira:
 Ao longe alborotada tumultua
 De Mavorte teroz a prole crua.
 Eis se amontoam serros sôbre serros
 D'horrisona armadura;
 Comidos de ferrugem priscos ferros
 Tomam nova figura;
 Surgem obuzes bombas e bombardas,
 Surgem lanças, espadas, espingardas.

* Como ésta foi a unica peça que me veio á mão, nada posso dizer decididamente acerca dos talentos poeticos de seu auctor; mas parece-me, que fortificados pela lição de bons modellos nacionaes e estranhos, virão a honrar summamente a musa portugueza.

Tineta de sangue, a cauda desenrola
 Tremebundo cometa;
 Qual trovão, que abalando os ares rola,
 Fulminante carreta
 Carregada co'o bronze vai rodando,
 Serras, montes e valles abalando.*
 Alveja dos cavallos quente espuma
 Em fofos vellos solta:
 Das ventas nuvem densa o ar afuma;
 E c'o fumo d' involta
 Sobe d'espesso po crasso negrume,
 Que ergue a planta feroz ferindo lume.
 Longevos cedros, resinosos pinhos,
 Nos montes aprumados,
 Não occultam das aves tenros ninhos:
 A golpes de machados,
 Descendo a povoar salso elemento,
 Em vez de rama, soltam pano ao vento.**
 Apinha-se de naus empavesadas
 O bosque inextricabil:
 As entranhas de raiva revoltadas
 A morte inexorabil
 Enroscando a cerviz em ferrea bala,
 Quanto alcança derruba, rompe e abala.
 Estremece Neptuno ao rouco estrondo
 Dos bellicos ensaios;

* Esta hyperbole parece-me excessiva.

** Elegancia nova no idioma.

E as mãos convulsas nos ouvidos pondo,
 Em frígidos desmaios
 No mais fundo do abysmo cai tremendo,
 E la mesmo rebomba o echo horrendo!
 Que vejo, oh ceos! que maravilha estranha!..
 Nos eixos abalada
 Balança horrendamente ésta montanha!...
 Ja se abre espedaçada!...
 Ja rebenta o vulcão, e d'entre o fogo
 Oh que espantoso monstro aborta logo!...
 Os olhos requeimados e torcidos,
 Tetricos lhe fuzilam;
 Verdes dragões na coma entretecidos
 Arquejando sibilam;
 Os hirtos braços um canhão abrangem;
 E os rijos dentes amarellos rangem.
 Ondequer que revolve a ingente maça *grind*
 Chovem montões d'estragos;
 Arruína, destroça, despedaçã;
 Fervendo surgem lagos;
 E depois de imprimir damnosa planta,
 As cinzas envenena, que levanta.*
 Oh guerra! oh monstro horrendo! que mau fado
 A Lysia te dirige?
 Volve os passos atrás, volve apressado;

* *Quàm benè, cùm ferum nondum prodiret in auras!
 Omnia pacis erant, et sua cuique satis.*

PROPERCIO.

Aquelle embora attige *
 Que folga de vestir lustrosa malha,
 Que se nutre de sangue, e sangue espalha.
 Voa longe de nós, não, não persigas
 A quem te não persegue: **
 Para que a defender-nos nos obrigas
 Á tua sorte entregues?
 Deixa Lysia dormir a solto sono, ***
 Vendo a patria segura, vendo o throno.
 Em thalamos de paz deixa mimosa
 Entre festões de flores,
 Enleuada c'o esposo a cara esposa
 Gozar doces amores;
 Poisque o tempo é veloz, e é curta a vida, ***
 Não interrompas a amorosa lida.
 Não ate as mãos na testa, murmurando
 Do damnoso tumulto,
 Da paz amigo, o velho venerando,
 Banhado em pranto o vulto:
 Dos pobres lares o pastor não saia:
 Não chame pelo filho a mãe na praia.

* Attinge.

** A repetição da voz *persegue*, torna o verso prosaico.

*** Ésta phrase não quadra á elevação que requer a poesia lyrica.

**** *Breve et irreparabile tempus
 Omnibus est vitæ.*

Mas se é fôrça o tolher os cegos paços
 Lysia, que faremos?...
 Sanguentem-se, golpeiando, os limpos aços :
 As armas entreguemos
 Do futuro socêgo á doce esp'rança :
 So pugnando, a perdida paz se alcança.
 Das urnas se me antolha que se ergueram*
 Albuquerque e Castros ;
 Que , bemque tantos annos ja correram
 Sem ver a luz dos astros ,
 Não perderam dos seus inda a memoria,
 Bemcomo não perderam inda a gloria.
 A meus olhos o heroe brandindo a lança
 Na , da patria, defença ;
 Ao monstro aterrador feroz se avança ;
 E , sem que rompa ou vença ,
 Por mais que inexpugnabil lhe resiste ,
 Da gloriosa empresa não desiste.
 Oh exemplo immortal ! nós te seguimos ;
 Sim, ó povos ! mostremos
 Na guerra os claros troncos d'onde vimos :
 Fortuna e valor temos.
 Se, astros da guerra, os Castros no ceo moram,
 Nós Lusos somos , bemcomo elles foram.

J. E. DE M. SARMENTO.

* Este verso achava-se desfigurado na copia, assim como outros mais.



ODE.*

AOS MEUS AMIGOS.

Quid dedicatum poscit Apollinem vates?

HORACIO.

Indaque sei, que pouco ou nada val
 Natureza sem arte, e sem doutrina;
 Que póde, com amor, parecer mal?
 Se tal razão em tal materia é dina,
 Bem vos podem meus versos parecer,
 Pois m'os inspira amor, pois m'os ensina.

BERNARDES.

A madre natureza em seus productos
 Sempre fecunda, rica, inexaurivel,
 Alardeia thesouros, que bem podem
 Tentar mortaes avaros.

Fino buril, palbeta variada,
 Em que apparece o vivo colorido,

* Ésta ode, e as notas que a acompanham, são obra de um philosopho, que cultivando as letras em silencio, e sem vaidade, vai enriquecendo a nossa litteratura com algumas traducções estima-

Obras primas trabalham, com que encantam
Os olhos deslumbrados.

Mas credes vós, que possa arte e natura,
Por mais que seus esforços affervorem,
Abalar de um poeta o sobrio peito,
A estoica pobreza?

Pois que preces, que votos noite e dia
Em meu tranquillo coração se nutrem?
De meu sereno peito, que se exhala,
Ás musas consagrado? *

Ás musas consagrado, á san verdade,
Á ventura dos homens, bemque nescios;

veis. Entre ellas distingue-se specialmente a de Tacito, scriptor philosopho, de que bem carecemos vertido em language; e ninguem melhor que o nosso auctor póde dar-nos uma boa versão d'esse sublime original, vistos os seus grandes estudos dos idiomas portuguez e latino. Compoz tambem um optimo dictionario geographico do reino de Portugal; obra preciosa, por ser a mais bem scripta e exacta que temos; pois o auctor teve a curiosidade de percorrer os sitios que descreve. Quanto ás suas poesias, nada direi aos leitores; mas póso remette-los ao terceiro volume das obras de Antonio Ribeiro dos Santos; o qual nos douz bellos *sonetos* a paginas 106 e 107, dirigidos a Leucacio Fido (nome poetico do auctor) soube tam sincera, como dignamente avaliar-lhes o merito.

* Presumo que ninguem desgostará de ver a bella estancia 10 do canto VII da *Jerusalem-libertada* do

À civil Liberdade, á Tolerancia, *

Direitos sempiternos.

Ah meus amigos! preciosos entes,
 Metade de minha alma, e meus thesouros:
 Vós sois, almas egregias, sois aquelles
 Em quem minha alma absorta,
 Doces delicias gosta sem fartar-se;
 Vérte brandos suspiros, que a consolam;
 E as quentes emoções, que o peito sente,
 O peito me embriagam.
 Sim, meu-Mello divino, que alimentas

Tasso, onde este grande poeta pinta uma parte da felicidade de Erminia, a qual me serviu de fundamento para ésta estrophe.

*Altrui vile, e negletta, a me si cara,
 Che non bramo tesor, nè regal verga;
 Ne cura, o voglia ambiziosa, o avara
 Mai nel tranquillo del mio petto alberga.
 Spengo la sete mia nell' acqua chiara,
 Che non tem' io, che di venen s'asperga:
 E questa greggia, e l'ortice dispensa
 Cibi non compri a la mia parca mensa.*

* Quasi desde o principio do seculo passado se screveu bem sôbre a *Tolerancia*; e me parece ter-se provado que ella é até conforme ao espirito, e á lettra do Evangelho; o qual não é, em grande parte, outra cousa mais que a moral da natureza. Por todos pôde ver-se o *Tractado-da-Tolerancia*, que vem (se bem me lembro) no tomo XVI da grande edição de Genebra das obras de M. de Voltaire. Ahí mesmo

2Jo PARNASO LUSITANO.

No bemfazejo coração virtudes;
Inteireza, razão, beneficencia,
 .Candura e gratidão.

Tu, que em linguagem casta e docta prosa
Nervosa e forte, qual fallou Vieira,
Verdades assoalhas, e apregoas,
 Sem susto, altos direitos:

se scham citados estes vinte versos da terceira parte do poema da *Lei-natural* do mesmo auctor, que commecam no verso 95 :

*A la religion discrètement fidelle
Sois doux, compatissant, sage, indulgent comme elle.
Et sans damner autrui, songe à gagner le port :
La clémence a raison, et la colère a tort.
Dans nos jours passagers de peines, de misères,
Enfans du même Dieu, vivons du moins en frères :
Aidons-nous l'un et l'autre à porter nos fardeaux.
Nous marchons tout courbés sous le poids de nos maux.
Mille ennemis cruels assiègent notre vie,
Toujours par nous maudite, et toujours si chérie.
Notre cœur égaré sans guide et sans appui,
Est brûlé de désirs, ou glacé par l'ennui.
Nul de nous n'a vécu sans connaître les larmes,
De la société les secourables charmes
Consolent nos douleurs au moins quelques instans :
Remède encore trop faible à des maux si constants.
Ah! n'empoisonnons pas la douceur qui nous reste,
Je crois voir des forçats dans un cachot funeste,
Se pouvant secourir, l'un sur l'autre acharnés
Combattre avec les fers dont ils sont enchaînés!*

Que na lingua de Tullio eternizaste
 O tio illustre, sempre á Lysia caro; *
 Oh! praza ao ceo que a candida saúde
 Um dia te bafeje!

Que Minerva te escude, e te defenda
 Co'a temerosa egide, seu alumno,
 Contra dôres cruéis; e a fouce ao Tempo,
 Por ti, arranque e rompa. **

Embora então co'a fome, e co'a miseria
 Fiquem luctando mercenarios Celsos, **
 Viz Esculapios, que abocando a prêsa

* Pascoal José de Mello, cujo elogio recitado na Academia per Stockler, verteu seu sobrinho Francisco Freire de Mello, (bem conhecido na litteratura) em latim Ciceroniano. Este panegyrico latino, ja impresso separadamente em 1802, saiu novamente á testa das obras do tio, reimpressas pela Universidade, expurgadas de todos os erros que as afeiavam nas edições precedentes, e novas notas, n'este anno de 1816. Tudo se póde ver na perfação do primeiro volume em portuguez.

** Barros na decada I, livro 1, capitulo 13, traz
 — *as quebraram e romperam* —

*** Medico e philosopho muito celebre do tempo de Tiberio, cujas obras excellentes (a despeito do que diz Quintiliano) ainda existem. Não é tenção nossa atacar aqui a sciencia da Medecina, nem os respeitaveis medicos, que em todas as idades hão apparecido. Para merecerem nossas homenagens sobriariam, entre muitos outros, um Hypocrates, e do

A chupam, e a devoram.

Depois de ti vem Paes, a quem Apollo
Os sons acordes da sonora frãuta
Á boca applica, porque amores campestres
De Alcina ao ar modules.

Men caro Paes, que dos Beirões antigos,
Herdaste a singeleza, è essa alma nobre,
Que la na serra * alcantilada arream
Seus férvidos colonos.

La d'èsta serra ás fraldas tenho Pinto;
Pinto ás musas acceito, ao vate amigo: **
Prende laço tam forte as almas nossas,
Que nem quebra-lo podem,
Ou venenosa mão da negra inveja,
Ou tempo tragador volvendo os annos,
Ou cadauca velhice aborrecida,
Ou tenebrosa intriga.

Que direi de Jordão, que ao Pindo monta,
E muito bebe da Castalia fonte?
De Ronssado, que agudo farpão crava

modernos um Toderé, um Pinel, um Tissot, e sobretudo um Cabanis; grande philosopho, cujas obras temos lido, e lemos sempre com delicias. So queremos fallar d'aquelles cujos estudos e humanidade se encerram no — *auri sacra fames* — de Virgilio

* A serra da Estrélla.

** Amigo aqui é adjectivo e não substantivo. Vêde *Afonso-africano, canto IV, est 27*; e Francisco Dias Gomes, *elegia I, vers. 198*.

Nos Chirons bastardios ?

E tu, gentil Leucacia, a quem as Graças
Embalaram o berço, e os Risos meigos ;
Ao caro Mello auxílio, a nós abrigo,
Prazer e glória a todos.

Mas ah! que a dor, que a mágoa sem remedio,
Marilia minha, o coração me partem !
Dous annos ha que a Parca em flor te corta,
E sem cessar te choro !

N'essa noite cruel alto piaram
Tristes nocturnas agoureiras aves :
Oh! que não sei de nojo, como em penas
Se não desfaz meu peito !

Choraram-te, Marilia, os fundos valles,
E os altos montes, campos e espessuras:
Chamam-te em vão rebanhos e armentios,*

* Imagens semelhantes acham-se em Virgilio, ecloga I, vers. 39; e em Camões nos *Lusiadas*, canto III, est. 84, e canto X, est. 118. — A respeito das phrases — *rebanhos e armentios* — não sei se os scrupulosos me notarão de pleonasmo. Para elles, e para o commum dos leitores, seja dicto de passagem, que o não é; que não ha vício da dicção de que tanto fujamos; e que o primeiro vocabulo designa — *rebanho de ovelhas e gado miudo*, ainda que muito pequeno seja: e o outro — *rebanho de gado grosso* — Podem-se ver Bluteau, Moraes, e os auctores classicos, não so portuguezes, mas tambem latinos, d'onde se tiraram estas vozes para a nossa language.

E os ais d'êsta alma minha. *

Espirito gentil, alma sem mancha,
Coração bemfeitor, humano e terno;
Á etherea estancia voa; e não te esqueças
De quem sem ti deixaste. **

* Êsta phrase — *alma minha* — tam longe stá de se dever ter por cacophonia, que se toma sempre por uma expressão ternissima; e por este uso até chegou a ser uma elegancia, e a soar como uma specie de euphonia ou melodia. Citarei so dous exemplos: seja o primeiro o de Camões n'aquelle seu tam elegante e simples, como terno soneto XIX, que começa — *Alma minha gentil, que te partiste* — Seja o segundo o de Fernão Alvares do Oriente; poeta que nasceu pelos annos de 1540, e por consequente contemporaneo de Camões, e não suspeito de falta de elegancia, e pulimento; qualidades proprias d'aquella idade. Este na *Lusitania-transformada*, na canção que vem depois da prosa I, verso 272, diz assi:

Perdi a liberdade da *alma minha*,
Captiveiro, que ha tanto a vista chora;
Porque nunca dor grande esquece asinha.

* Este quadro foi ouvido per um grammatico-theologo, alma fria e gelada; e pôstoque fizesse ao auctor a honra de lhe louvar muito êsta pequena peça, pareceu não approvar a materia d'este logar, ou que se scandalizava d'elle (sem razão apparente). Um philosopho sensibil que stava presents, e o percebeu, disse: « *Taes sentimentos fazem honra* »

Oh ! amizade ! oh dádiva divina !
 Tu es minha ambição e meus thesouros :
 Em meu coração puro ergui-te altares :
 Por ti morrer quizera.

Não te conhecem réis ; e não te amimam
 Esses ingratos célebres, que o vulgo
 Felices chama , sem jamais o serem ,
 Bemque árbitros da terra. *

*um, e a outro; e mais ainda ao poeta, que a Mari-
 lia.* * Agora digam os que teem meditado alguma
 cousa sôbre o coração humano, se o genero de
 estudos, a que se dá cadaqual, fórma ou não, em
 grande parte, os principios; se os principios for-
 mam ou não o coração; e se o coração não é o que
 faz do homem, ou um ente brando e humano, ou
 um ente bravo e feroz?

Mas não se lhe podia responder tam bem como
 com ésta sentença :

Com razão logo mal tammanho choro,
 Que nem com tantas lagrymas melhora.

F. A DO ORIENTE.

O melhor porém fôra dirigir, tanto á rudeza do
 crítico, como á dor do auctor o remate da ode de
 Horacio XXIV, do livro I:

*Durum ; sed levius fit patientiâ
 Quidquid corrigere est nefas.*

* Não sabemos se haverá alguém, a quem pareça
 atrevido este pensamento. Queremos assentar que
 não; mas se por desgraça houvesse, tambem que-

Mas eu te afago, oh deusa sempiterna !
 E dentro ao peito meu te acolho e chego:
 Polos amigos meus em holocausto,
 Qual victima, me off'reço.

J. T. CAJUTO DE FORJÓ.

remos satisfaze-lo , dizendo-lhe , que elle , em parte , não é nosso , porém sim da *Henriada* , no canto VIII , vers 317 . Este pedaço é geralmente estimado , tanto polo calor e vida que o anima e vigora , como pola virtude que n'elle celebra seu auctor , e pola personage real que se pinta , Henrique IV ; e como tal tem sido mui citado ; ei-lo aqui :

*Il l'aimait non en roi, non en maître sévère,
 Qui souffre qu'on aspire à l'honneur de lui plaire,
 Et de qui le cœur dur et l'inflexible orgueil
 Croit le sang d'un sujet trop payé d'un coup d'œil,
 Henri de l'amitié sentit les nobles flammes.
 Amitié, don du ciel, plaisir des grandes âmes,
 Amitié, que les rois, ces illustres ingrats,
 Sont assez malheureux pour ne connaître pas.*

Para a segunda parte da strophe , e do pensamento , vêde o poema *Afonso-africano* , canto I , est. 36 .

Como a amizade não é somente a maior das virtudes , mas tambem é a mais necessaria e util á miseravel condição humana , e vínculo mais estreito da sociabilidade ; e como em nossos tempos modernos somos accusados de não sentir-mos , e por consequencia de não celebrar-mos em nossos scriptos com o devido calor os attractivos d'êsta formosa virtude ; não tememos citar aqui outro lugar do

mesmo auctor, e do mesmo calor e vida : é o do discurso IV, sobre o homem, que começa :

*Pour les cœurs corrompus l'amitié n'est point faite :
O divine Amitié ! félicité parfaite !....*

E mormente os seus versos feitos aos manes de seu amigo Genonville, que tanto chorava dés annos ainda depois de sua morte.

Os antigos parece que tinham o coração mais quente, quando celebravam ou cantavam as doçuras, e os sentimentos da amizade; o que prova que a sentiam : e d'isto temos singulares monumentos; ou nascesse isto de suas constituições políticas, que uniam mais os homens uns aos outros com os laços de uma sociabilidade perfeita; ou fosse que a geração humana stivesse ainda menos degenerada, e por conseguinte menos depravada, e mais sensibil. A *Iliada* apresenta-nos em Achilles e Patrocolo dous amigos perfectos; e taes, que d'êsta amizade, levada a um ponto extraordinario, quasi pende inteiramente o exito de todo o pòema. Virgilio traçou um quadro, na verdade perfeitamente bello, dos dous amigos Euryalo e Niso, no livro IX, da *Enxada*. Este logar occupa 327 versos desde o 176 até o 502; e todo elle é a pura expressão da natureza, quando ella se explica nos grandes movimentos d'êsta grande virtude. Mas bemque interessantissimo, elle não é senão um episodio. Vêde este so verso, que é o 182;

His amor unus erat, pariterque inbella ruebant.

Vêde aquelles em que Niso pretende conservar a vida do amigo á custa da sua, que podia salvar; comecem no 427, do livro IX :

*Me, me (adsum qui feci) in me convertite ferrum,
O' Rutull; mea fraus omnis; nihil iste, nec ausus;*

*Nec potuit : cœlum hoc, et conscia sidera tastor :
Tantum infelicem nimium dilexit amicum !*

Poderamos citar alguns outros monumentos da antiguidade, que provariam decisivamente que n'ella se sentia mais a amisade, que em nossos tempos modernos; e entre outros a ode XXIV do livro I; e a XVII. do livro II de Horacio: e todos estes que citámos, quizera-mos imitar na presente composição; vistoque sentimos em nosso coração os movimentos d'êsta deliciosa virtude. Mas não nos permittiu, ou a virtude, ou o genio de tammanhos homens, senão segui-los de longe; e nos contivemos no respeito, que mostrou Estacio no fim do livro XII da sua *Thebaida*, pois fallando da *Eneada*, diz assi :

*Vive precor; nec tu divinam Æneada tenta;
Sed longe sequere, et vestigia semper adora.*

ODE I.*

A PHILINTO ELYSIO,

NO DIA DE SEUS ANOS 23 DE DEZEMBRO DE 1817.

*Rapianus, amice,
Occasionem de dis. . . .
Obducta solvatur fronte senectus*
HORACIO.

Entre horridas funebres ideias,
Imagens tristes, fervidos queixumes
Da humanidade enférma,
Que Delphico delirio me arrebatá..?
Que entusiasmo sancto
Me volve n'alma, o coração m'enleia?...
Onde me fica a terra? onde a mórada?
Ja tam longe de mim que desaparecem?
Novos ares respiro...

* Ésta ode, e as seguintes, pertencem a um discípulo de Francisco Manuel, a um mancebo, a quem a morte veio cortar o fio da existencia, quando elle apenas encetava a carreira poetica. A elevação de

Novas, decorro, sendas, novos climas. . .

Que suaves accentos ,

Doce harmonia fere em meus ouvidos?...

« Aureas lyras cantas , cantas sonoras

Seus faustos annos , seu plausivel dia.

Que no Helicon sagrado

Canções festivas , mais que nunca altiloquas ,

N'este dia resoem. . .

Festeje-se o natal do Horacio luso... »

« Onde me elevas , musa , aonde ? ao Pindo?..

Anhelante seguia... eis d'improviso

Brilhante veo se rasga ,

Objectos mil a vista me deslumbram...

Para que os sons escute,

No rouco peito a debil voz enclaustra.

Além das castas Filhas da Memoria,

Da illustre Grecia e Roma excelsos vates,

O bicipite monte

C'os plectros de ouro candidos adornam;

Stá Camões, Tasso e Milton,

Cingem-lhe a frente verdejantes louros.

Os sons que se ouvem são do deus Apollo ,

seus pensamentos, a pureza do stylo, a cadencia dos versos, e sobretudo a philosophia que elle soube derramar pelas poucas obras que nos deixou, são um testemunho irrefragabil, de que (se mais longa fôra sua vida) sem dúvida offertara á patria composições com que ella, talvez, se vangloriasse e annobrecesse,

Que voltado a Camões sólta este canto :

« Oh cysne d'Ulyssea!

Exulta ! exulta !... o teu Philinto caro ,

Vencendo a Morte, e o Tempo ,

Hoje , feliz , ditosos annos conta. »

Aureas lyras cantae , cantae sonoras,

Seus faustos annos , seu plausivel dia.

Maior do que seu fado ,

Da Inveja as lanças , da Ignorancia as iras

No broquel da virtude ,

Socegado, aprou , baldou superno.

E ousou o tribunal infame e perfido,

Do bom saber algoz tenaz e iniquo ,

Banbar á patria lusa

Tanto splendor e genio , tal triumpho?...
Pargel

Graças ao cauto amigo ,

Que astucias lhe frustrou , burlou desvelos!

Venceu , emfim , zombou de feros Bonzos ;

Aos pés calcou o rude Fanatismo ;

E as Neptuninas ondas

Em veleiro baixel cortando afouto ,

Na valorosa Gallia,

Livre , adoravel paz , contente, goza.

Berço d'heroes , alcaçar de Minerva!

Egregia França ! tu lhe abriste os braços ,

Que a patria lhe negara !...

Placido puro asylo da innocencia!

Ao proferir teu nome ,

Que mágoa extrema o peito me assuberba!

Quantos em ti, fecundos Genios vagam, ^{Wau}
Que em Lusitania reluzir deveram!

Entregues do infortunio

Aos pesados grilhões, a vida arrastram!*

Em erma soledade...

Obscuros vivem; faltam-lhes Mecenas.

E a pujante versucia, o pedantismo

A lisonja venal, o crime infenso,

Alta a cerviz entonam!...

Qual, debatendo as cortadoras plumas,

Manso retalha os ares

Águia altiva, de Phebo escrutadora,

* Citarei estes versos, que bem pintam a sensibilidade de um coração amigo:

*Afflictus vitam in tenebris luctuque trahebam,
Et casum insontis mecum indignabar amici.*

VIRGILIO, Eneada, liv. II.

*Carpitur acclivis per muta silentia trames,
Arduus, obscurus, caligine densus opaca.*

OVIDIO, Met. 2, liv. II.

Quando me objectem que o sabio ama o retiro, e despreza dons que a Fortuna outorga, etc., etc., responderei com uma passagem de Rousseau, que ninguem desconhece:

• *Le sage ne court point après la fortune; mais il n'est pas insensible à la gloire; et quand il la voit si mal distribuée, sa vertu, qu'un peu d'émulation aurait animée et rendue avantageuse à la société, tombe en langueur, et s'éteint dans la misère et dans l'oubli.* •

E, c'os opacos olhos, aves tímidas
 O acelerado trilho apenas seguem;
 Assim caro Philinto,
 Sôbre as, da Fama, penetrantes azas,
 Da Glória ao templo voas,
 Extatica deixando a turba ignara.*

* *Virtus recludens immeritis mori*
Costum

. . . . *Et udam*

Spernit humum fugiente penna:

HORACIO, liv. III, od. 2.

ODE II.*

S Ó B R E

A MORTE DE PHILINTO ELYSIO.

*Immortalia, ne speres monet Annus, et aliam
Quæ rapit Hora diem.*

HORACIO.

Quam rapido, Fonseca, * o velho Tempo
No desenvolto carro ufano voa!

Tudo, tudo lhe cede!

Marmores, bronzes, co'a fulgente fouce
Tyranno gasta, e dos annosos troncos
Arroja aos ares a raiz suberba.

Com que alegria, ha mezes sette, ouvimos
Do bom Philinto as não-fingidas vozes

Attentos escutando

A bella phrase lusa; oh quantas vezes,
D'inveja, as Horas apressando a fuga,
Da noite nos traziam a espessa treva!

* Elle corregiu e annotou as escolhidas peças d'este Parnaso, e o Snr. J. B. L. Garrett compoz o *Bosquejo da historia da poesia e lingua portugueza*.

Oh míseros que somos !... foi-se o instante
Em que eramos ditosos... ja Philinto
Da Morte despiedada
O golpe recebeu que nós sentimos.
Não mais o vemos, nem ouvi-lo é dado L...
Da Eternidade as sombras o involveram !...
Morreu ! morreu ! Em vão por elle choras !
Em vão o chamas... acabou Philinto !...

Mas se a viva saudade
Nos fere tanto o magoadado peito ,
Flóres-colhamos, em silencio triste ,
Espalha-las no seu jazigo vamos.
Traspassados de dor alli gravemos
Na fria campa que lhe cobre as cinzas :

— *Aqui Filinto jaz ,
Vate maior que a Fama , que o pregoa :
Viveu em terra estranha longos annos ,
Fiel amigo, e portuguez honrado. —*

ODE III.
SAPHICA.

... *La tristissima voz al ayre dando
Voy cantando mis quejas desusadas.*
CANÇÕES.

Que bellos são os rapidos momentos
Que aope de Lylia sem temor desfructo !
Seus lindos olhos da tristeza a nuvem
Férvidos rompem.

Em atrevido lenbo córte as ondas,
Ludibrio das medonhas tempestades ,
O avaro mercador que o cego Pluto
Trémulo adora.

Per entre espessos turbilhões de fumo
Ousado rompa o intrepido guerreiro,
Que por tyrannos , mais que pola patria ,
Expõe a vida.

Pelos degraus da perfida lisonja
Aos postos suba o cortezão ignaro ;
Em quanto aos cepos da penuria atado
O sabio geme.

Cinjam coroas os mortaes inuteis
Que so da escrevidão as leis conhecem ;

Tributos soffra , guerras e desprezos ,
Tímido o povo.

Á candida amisade ea so entregue ,
Do mundo esqueço a bem-fanada glória...
Co' a minha triste sorte me contento ;
Placido vivo.

Da cortadora inveja nunca os tiros
A paz me roubam , que me o ceo outorga :
Invejas , ambições , so teem assento
Sob aureos tectos.

ODE IV.

AOS MANES
DE PHILINTO ELYSIO.

Quæ saxo struuntur ; si judicium posterorum in odium vértit , pro sepulcris spernuntur.

TACITO.

Nos mudos sitios que povôa a Morte
Em vão do amigo o caro nome busco !
Parece que o furor de seu destino

Além da campa o segue.

Unica a terra fria cobre as cinzas
Que em urna de ouro repousar deveram?
Indifferente , estranho pe as calca;
Nem as conhece o Luso !...*

E assim premeia a patria o excelso Ingenho
Que seus heroes cantou , e deu á fama ?
Que a lingua enriquecea com novas prendas
De mui sublime escolha ?...

Mas de que servem marmores e bronzes ,
Se a lisonja venal os ergue ás nuvens ?
Por nada em pouco tidos se deslembram :
O crime so confundem !

Tem na virtude o merito a coroa;
Adulações desdenha da vaidade :
Que importão ao luso Homero monumentos ?
A Sócrates estatuas ?

Singelo aqui repousas , oh Philinto!
Qual foi a vida tua , é teu sepulcro...
Mas nada em teus escriptos póde o Fado ;
N'elles eterno vives.

B. L. VIANNA.

* No dia em que , indo ao cemiterio do *Père-la-Chaise* , so pelo número dei com o seu jazigo.

ODE I.

À POESIA.

Não os que enchendo vão pomposos nomes
Da Adulação a boca,
Nem canto tigres, nem ensino ás feras
As garras afiar, e o agudo dente:
Minha musa orgulhosa
Nunca aprendeu a envernizar horrores.
Genio da inculta Patria, se me inspiras
Acceso estro divino,
Os porphydos luzentes não m'o ronbam,
Nem ferrugentas malhas, que deixaram
Velhos avós cruentos:
Canto a Virtude, quando as cordas firo.

* É digno de todo o apreço o livrinho de poesias que o auctor publicou em Bordeos. Deplorámos que o limitado espaço, e o plano d'êsta escolha nos vedem admittir a bella versão da ode primeira das *Olympicas* de Pindaro com as interessantes notas a ella annexas. Mas os leitores studiosos poderão consultar e ler com fructo esse precioso trabalho no mencionado livrinho.

Graças ás nove Irmans! meus livres cantos
São filhos meus e seus!

A lanta meza de baixella d'ouro,
Onde fumezam sículos manjares,
Do vulgo vil negaça,

Mal-comprados louvores não me arranca.

Divina Poesia, os alvos dias,

Em que pura reinavas,

Ja fugiram de nós. — Opacas nuvens

De fumo os horizontes abafando,

A luz serena offuscam,

Que sôbre o velho mundo derramaras.

Á sêde de ouro, e á vil cubiça dados

Os filhos teus (ingratos!)

Nas niveas roupas tuas aljofradas

Mil negras nodoas, sem remorso, imprimem.

Mascarada Lisonja,

Fome, Baixeza os venaes hymnos dictam.

Então que densos bosques e cavernas

Os homens acoutavam,

Pela Musica e Dança acompanhada

Benéfica Poesia a voz alçando,

Do seio da mãe terra

Nascentes muros levantar fazia.

Então pulsando o vate as cordas d'ouro,

A populosa Thebas

Altiva a fronte ergueu, ao som da lyra;

E os horridos costumes abrandando

A sentir novos gozos

spot

doting

Aprende a feroz gente , bruta e cega.

Assim Orpheu, se a doce voz soltava,

Os Euros suspendidos ,

O rio quedo, as rochas attraía :

E os raivosos leões, e os ursos feros

Manso e manso chegavam

A escutar de mais perto o som divino.

O selvagem , que então paixões pintava

Com nívos, e com roncões,

Pelas gentis Camenas amestrado,

Os ouvidos deleita, a lingua enrica;

E com sonoro metro

Duraveis impressões grava na mente.

Qual a tenra donzella branca e loura

Da paphia deusa inveja ,

Os olhos côr do ceo , vermelha a face,

O peito faz sentir que não sentia :

Assim musas divinas,

Corações bronzeados ameigavam.

Entre os frios Bretões, e os Celtas duros

Reinaram as Camenas.

De po, de sangue , de ignominia cheios

Mostra os vencidos Ossian á patria;

E a fronte coroando,

Canta os triumphos, canta a propria glória.

Qual das aves a magica harmonia ,

Que a primavera canta,

Assim teus feitos grandes e sublimes ,

No dia da victoria, hérculeo Fingal,

Teus Bardos celebravam,
E a testa sobrançada desfranzias.
Suberbos templos teve, teve altares
Na Grecia a Poesia.
Genios brilhantes! seus antigos vates
Os sociaveis nós uteis e doces
Humanos apertaram:
Simples, e poucas, sábias leis fizeram.
A frente levantar não se atrevia
O Fanatismo ferreo;
Co' a gotejante espada dos altares
Arrancada, vermelho sangue quente,
Que lagos mil formara,
Dos proprios filhos não vertia a Terra.
Nem absurda Calumnia perseguia
A razão, e a virtude...
Se a Terra via, via heroicos crimes.
Tu monstro horrendo, horrendo Despotismo
Ah! sôbre ti caíram
Accesos raios, que na mão trazias!
Maldição sôbre ti, monstro execrando,
Que a humanidade aviltas!
Possam em novos mares, novas terras,
Per Britannicas gentes povoadas,
Quebrados os prestigios,
Os filhos acoutar da Liberdade!
Então a fome de ouro, mãe de crimes,
Negra filha do inferno!
Não tinha o braço matador armado

Do tyranno europeu. — A Africa adusta,
E a doce patria minha,
Seus versos innocentes entoavam.

Vós lhe dictaveis, Heliconias densas,
Ternos versos chorosos

Do doce amigo morto á sombra ausente!

Outras vezes ás vozes levantando,

A glória dos heroea

Em choréas energicas cantavam.

Então nascendo altiloqua epopea

Celebra os semi-deuses:

Tal da Grecia recente em alvos dias,

A trombeta embocando sonora,

Fex ver a lux Homero,

Que depois imitaste, angusta Roma!

Não mil estátuas de fundido bronze,

Nem marmores de Paros

Vencem as íras de Saturno idoso:

Arrasam-se pyramides suberbas,

Subterram-se obeliscos,

Resta uma Iliada, e uma Eneida resta!

Qual rouca ran nos charcos, não pretendam

De mim vendidos cântos.

Se a cythara divina me emprestarem

As filhas da Memoria, altivo e ledó,

A Virtude cantando,

Entre os vates também terei assento.

ODE II.

À AMISADÉ.

Amitié, don du ciel, soutien des grandes âmes.
VOLTAIRE.

De novo, ó musa! as azas empennemos:
 Firam-se as aureas cordas
 Da lyra abandonada :
 Os frescos valles do sagrado Pindo
 Mais ésta vez trilhemos.
 Novo Alcides a clava sopesando,
 As Hydras, as Chymeras
 Cafam aos pés exangues ;
 A soberba enrugada, a vil mentira,
 E tu, lisonja astuta!
 Musa, filha do ceo! que espirito acceso
 Me allumia a mente?
 Não é furor fingido, —
 Nem são inspirações da velha Delphos,
 É da Amisade o estro!
 Já desce la do Empireo a san verdade :

Fujam, profanos fujam!
Aquelles que sentiram
Uma vez da Amisade os meigos laços,
Venham ouvir meu canto.
Não em dourados tectos levantados
De marmoreo palacio,
Ou doricas arcadas,
Que sustentam as salas magestosas,
Mora a virtude sancta.
Oh doce paz! sagrada liberdade,
Unicos bens do sabio!
Os idolos da terra
Não vos conhecem.—Vós dormis tranquillos
No seio da Amisade.
Em quanto na esquentada phantasia
Creando ocos phantasmas,
Freneticos humanos
Suspiram por privanças e chymeras,
Que os sustos envenenam.
Nos campos innocentes, onde brinca
Zephyro prazenteiro,
O sabio solitario
Ri d'esses doudos, ri do velho mundo
Com o discreto amigo.
Se sisuda tristeza lhe bafeja
Com halito empestado,
Beijando a cara amada,
Em quem moram Copidos cento e cento,

Inveja faz aos deuses.

E la quando do negro throno estende

O plumbeo sceptro a Noite

Sôbre o cançado Globo,

Sentado c'o amigo á parca meza,

Conversa ledamente.

Umaz vez sondando altos mysterios,

Vedados á vil turba,

Deixando o péso inerte,

Nada no espaço immenso, os Globos pesa,

Milhões de sóes encara!

Outras vezes baixando á humilde terra

Contempla a natureza:

As douradas espigas,

Que os prados vestem de formosas ceifas

Observa, e se enternece.

Tu Leibnitz immortal, tu grande Newton

A razão lhe vigoras!

E incredulo admira

Os vastos turbilhões, partos sublimes

Do creador Descartès.

Loke, Montesquieu, Rousseau, Voltaire,

Virgilio, Pope, Homero,

Camões, o padre Horacio,

Repartem os sens dias venturosos

Co'a candida Amisade.

Assim meu bom Philinto, caro amigo,

Com teu amigo Elysio

LYRICOS.

157

**Possas viver teus dias!
E deixa que casquilhos repimpados
Namorem senhoritas.**

J. B. DE ANDRADA.

ODE I.*

À NOITE.

Tu dos amantes silenciosa amiga,
Que d'amor os mysterios apadrinhas
Mais doces, quam difficeis;

Tu de quem o silencio favorece
Meditações profundas; que do sabio
Es o tempo querido:

Engrossa as trevas, ennegrece as ondas,
Noite, outrora de risos companheira,
Sé hoje de suspiros.

Teu manto de brilhantes semeiado,
Que me aprazia contemplar outrora

* M. B., dans ses odes, dans ses épîtres, montre qu'il peut se livrer au genre le plus élevé. Il est à désirer qu'il se livre surtout à la peinture de ces contrées¹ étrangères, si intéressantes pour les Européens: c'est peut-être ce qu'on regrette de ne pas trouver plus souvent dans son recueil.

F. D.

¹ Le Brésil.

Em pensativo arroubo,
De teu estro essa luz tam maviosa
Que aos meus olhos do meu bem mostrava
Mais do qu'ella, suaves.

Os fagueiros melindres, os carinhos,
Mais brandos que do zephyro o bafejo
Que te adoça no estie.

Prazeres e tam vivos, e tam varios,
Quaes em côres os circulos que cingem
De Cynthia a redondeza.

Favores que avarento cala o peito,
Qual o silencio teu então calava,
D'elles so testimunha;

Ah! não me lembres, não, mudem-se ó Noite!
Doces momentos em tristonhas horas,
Em lagrymas os risos.

Ó despotas d'amor! divinos olhos,
Lingua do coração, sim, eu te amo,
Disseste antes que os labios.

Cómo d'amor pintaveis os enlevos,
Extasís que sem vós dentro no peito
Abafados ficaram?

Augmenta-se o prazer, prazeres dando,
E vós da amada delatando os gozos
Junctais ao nosso os d'ella.

Mais o pejo esconder procura os gostos,
Mais indiscretos sois, doces traidores
D'amorosos segredos.

Em languidos requebros quando... oh! longe,

Longe molles lembranças, que enfraqueçam
O peito nos perigos.

Ancioso pola patria, a patria busco:
Quaes d'ella são meu braço, e a vida, sejam
Meus pensamentos todos.

Ó Noite! manda favoraveis auras
Que o espaço encurtem: ah! ja são mui longos
Tam miseros erros.

ODE II.

À VIRTUDE.

O homem c'o a invenção supera o bruto;
O impulso das paixões co'a razão doma;
Amor o faz humano, a honra proba;
Orna-lhe a mente o estudo.

Mas no olvido dos seculos a morte
Tudo some, se vós porção do Eterno,
Vós que ao Eterno similhais o homem,
Não lhe endeusais o sprito.

Da omnipotencia a mão sinto elevar-me;
Fóra me julgo da fraqueza humana,
Quando fallas virtude; e ao mesmo Eterno

Cuido tocar de perto.

Se a fôrça ao cadafalso o justo arrastra,
 Cai das mãos do juiz das leis a espada,
 Cora a injustiça, treme a tyrannia,
 E ant'elle reos parecem.

O perigo, a miseria ant'elle embora
 A enorme catadura assanhe, afeie;
 Baqueie o mundo embora, entre as ruínas
 —Serenos alteia a frente.

A seu mal impassibil, terno ao d'outrem;
 Não goza se outro soffre; a dor espreita;
 E os bens que faz, com lagrymas ornando,
 Nunca insulta o infortunio.

De rôjo, quando vil serpeja o crime,
 Brilha, qual resplandor de luz celeste;
 Na etherea região o espirito adeja
 A tndo sobranceiro.

O que ao vulgo deslumbra desdenhando,
 Da fortuna ouropel a' adversidade,
 De fingidos amigos não espanta
 O refalsado rosto.

Sem ti nobres paixões se tornam vicios;
 É conluio a amizade, amor licença:
 Grasna o remorso, se emmudece o crime
 No peito do perverso.

Na vida o mau do bem goza arremedos;
 Na morte os crimes em tropel o esmagam;
 Todo é remorso então: co'a morte o justo
 Melhor vida recebe.

lecco
É da vida no termo, é na desgraça,
Que desfeitos do engano os vãos phantasmas,
Chorando os devaneios, porém tarde,
Pola virtude exclama.

BORGES DE BARROS.

Dithyrambos.

A BACCHO.

Os brilhantes trançados ennastrando
 Com verde myrtho, com cheirosas flôres,
 Nos lindos olhos vivo rutilando

O doce lume
 Do cego nume,
 Alvas donzellas,
 A quem vos ama,
 Da cressa rama,
 Que Bassareu
 Ao mundo deu,

Co' as brancas mãos no copo crystallino

Lançaê ligeiras

Louro Falerno, rubido Sabino;

Eia, voae
 Deitae, deitae;
 Gro gro, ta tá,
 Que cheio está:

Ora brindemos

As gentis Graças, castos Amores:

No mar lancemos

Rixas, tristezas, mágoas, temores.

Mas de coradas nuvens, afumados

Vejo emtórno gyrrar os negros montes:

Candida espuma

De purpureas fontes

Ferve, e se enleia

Na crespã veia

Com que o ribeiro

Corre ligeiro.

Per entre aveleiras buliçosas

Das balsas espinhosas,

Mil capripedões Satyros auritos,

E mil Faunos brincões,

Ja véem saltando,

A terra c'o ruidoso pe trilhando.

Sincinnas choreias,

Bistonidas feias

Formam bradando

Evohé! Saboé!

Amores inspira:

O doce Leneu,

Amores bebamos,

Do peito lancemos

Os sustos, temores,

Nos copos ja temos

As Graças, Amores.

Evoé.

Ó padre Lyeu!

Saboé,

Evan Bassareu.

As férulas protervas coriscando,
 Entre as cervinas pelles maculosas,
 Derramam brilhantes
 Trémulas estrellas,
 Sôbre as sôltas bellas
 Fulguri-crínantes
 Tranças pampinosas
 Das thyrsigeras Thyadas raivosas,
 Corycio escutando
 O phrygio clamor,
 Está ululando
 Com triste fragor.

Sôbre o prado ameno
 Tremilhicando o pavido Sileno,
 Do ebrifestivo copo, que trasborda,
 Pela micante borda
 Deixa entornar, com rubicundo rosto,
 O cheiroso rubi, o quente mosto:
 Encrespou o nariz, e sacudindo
 Os humidos bigodes, ficou rindo.

Evohé.

Ó padre Lyeu!

Saboé,

Evan Bassareu.

Com thyrsos potente,

Em carro luzente
 De tigres puxado, ¹ *o. i. r. s. - 2*
 Dourando este dia,
 Desterra o cuidado,
 E trazte alegria.

Evohé.

Ó Padre Lyeu!

Saboé,

Evan Bassareu.

Os copos brilhantes
 O bom Nictileu
 Em brindes retinem,
 E Amor adejando,
 C'o as azas rorantes,
 Se está mergulhando
 Em ondas brilhantes.

Evohé.

Ó padre Lyeu!

Saboé,

Evan Bassareu.

GAZÃO.

DITHYRAMBO.

Ludentis speciem dabit, et torquetur....

HORACIO.

Este, que hoje tocar ousado intento,
 Oh pastores de Arcadia !
 Thyrsigero instrumento,
 Que primeiro em minhas mãos soa no Menalo,
 (E talvez espantado o vulgo escute)
 Que um furor desusado me inspira,
 Que me accende, me eleva e transporta,
 A minha não é usada lira,
 Que nas azas suspenso deixa o vento ;
 Mas a que Arion pulsava
 Quando Bromio cantava,
 Ou aquella do Reddi afamado,
 Que soltando a voz soberana,
 Fez entrar Baccho em Toscana
 Das Bistonides cercado ;
 E do Arno florido nas frescas ribeiras,
 Os thyrsos vibrando, saltarem ligeiras.
 Mas ja sinto bramar-me de emtórno
 O rouco alarido de sistros e vozes. *troubadourine*
 Évohé ! resoam do Menalo as gruttas,
 Évohé ! repetem as Melias ferozes.
 Sim, é presente o gran' nume,
 O filho de Jove emberbe,

Que meu peito com seu lume
 Me inflamma, me atíça, e me abrasa.

Tragam-me vinho do turvo Douro,
 Seja tincto ou seja louro;

Que a gran' sêde,
 Em que me accendo,
 N'elle pretendo,
 Hoje apagar.

Eis empunho um grande copo,
 E ligeiro alçando o braço,

Este, que faço,
 Brindes suave,

Pastores de Arcadia,

A vós, que primeiro.

Da prisca Roma,

Da antiga Grecia.

As desprezadas

Naturaes graças.

Do Tejo ás margens

Trazer onsastes :

A vós, que primeiro,

As silvas segando,

Que o luso Parnaso cubriam,

E de agudos abrolhos enchiam,

O grande caminho traçastes,

Que depois seguiram gloriosos.

Outros novos espiritos famosos,

Araudo o mesmo agro;

A vós o consagro.

Oh cepa venturosa ! que produzes

Licet tam saboroso!

De teus ramos, se a ideia me não mente,
Crao o vermelho Bromio a intonsa frente

No estio caloroso,

Quando Syrio ladrando a terra inflama.

Nunca do ardente Clario as claras luzes

Crestem tua rama,

Ou densa novoa em flor teu fructo opprima.

Nunca o maglino capro em tuas vides

O roaz dente imprima.

Outra vez tórno a encher o grande vaso,

Caros pastores!

E em honra vossa,

Outra vez, com a mesma graça, o vaso.

Oh vinho generoso!

Por ti sinto elevar-se o meu espirito.

Ah! se me irrito,

Com ésta lança

Derrubarei per terra

A suberba Inglaterra,

A inconstante França.

Oh! se me eu via

Nas montanhas de Thracia

C'uma mystica audacia

Na Bacchanal orgia

Um thyrsos floreiando!

Que não faria!

Que não diria!

A voz levantando,

Assim cantaria :

Triumphol Victoria !

Cantemos de Baccho

O leuor, e a gloria.

De Baccho que alenta *placida...*

Os membros cançados,

De Baccho que augmenta

Da formosa Venus a graça e belleza,

De Baccho que afasta de nós a tristeza.

Porém que ave estranha nadando nos ares

Estende umas vezes, outras vezes cerra

As compridas aas? Ah! ja chega á terra.

Oh pasmo! oh portento! oh nunca visto caso!

Este é, oh pastores! o gentil Pegaso.

Apollo brilhante (se em tal não te afronto)

Com tua licença sôbre elle me monto.

Eis ja pelos ares me leva voando

Ao monte difficil do sacro Parnaso.

Que novo me abrasa sacrosancto lume?

Poeta me sinto, poeta famoso,

E as plantas estampo no partido cume.

Que fontes de vinho espumoso!

Que ulmeiros de vides cingidos!

Que doce harmonia

Me fere os ouvidos!

Ah! não é este o cume sagrado

Ao louro Phebo;

Mas ao mirrado brinção mancebo,

Que o thyrsos empunhando

Os reinos da Aurora
 Em viva guerra foi devastando,
 Debaixo das heras deitado,
 Dos bailes, das graças cercado,
 Um frasco de vinho brilhante

Chega raião á melifna boca,
 Em quanto Cupido
 A lyra lhe toca,

O suave Anacreonte.

O borracho Cratino,
 Que d'elle está defronte,
 Um copo purpurino
 De vinho generoso
 Da fabulosa Creta,
 Sorvendo está gostoso.

E o poeta gentil do antigo Lacio,
 Ennio famoso,

Rude n'arte no ingenho poderoso,
 N'um odre stá sentado,
 E ao pe d'elle deitado
 O grande Horacio ,

O cysne Venusino.

Oh côro divino!
 De Apollo sagrado,
 As grandes infusas
 Em louvor das musas
 N'ésa fonte enchamos,
 E ledos bebamos.
 As filhas cantemos

PARNASO LUSITANO.

De Jove sagrado :
 E de seus alumnos
 Em honra e louvor
 Qualquer de nós prove
 Do doce liquor.

Ora sus ! levantae-vos em pé
 E clamai sem cessar : Elohé !

Em quanto prostrado , com trémula mão
 Encho ebri-festivo um grande cangirão.

Tu que cantando do grande Gama
 Fizeste eterna no mundo a fama,

Sempre famoso,
 Ou com as trompas
 Os ares rompas,
 Ou dos amores
 A doce pena,
 Que o ceo te ordena,
 Cantes saudoso
 Na branda lira,
 Ou rude avena
 Entre os pastores ;

Tu em meus versos benigno inspira
 De tuas vozes o grato accento :
 E em quanto respeitoso a mente inclino,
 Dóbro o joelho, e o grande vaso empino.

Ésta de roixo vinho taça cheia,
 Sangue espremido da gentil parreira,
 Consagra-la pretendo ao bom Ferreira.
 Ferreira illustre.

Que per modos diversos ,
 Ou deo versos ás leis, ou leis aos versos.
 Ferreira, que assombrando a culta Athenas,
 Calça o cothurno ás Tagicas Camenas:
 E na lyra sonora e som campestre
 É dos nossos pastores sabio mestre.

Tragam-me um copo ja de branco vinho ,
 De liquidos topazios fino orvalho,
 Com que brindar pretendo ao bom Mausinho,

Ante meus olhos
 A todo o instante
 Tenho presente
 Da bella Zara

O sonipede ardente,
 Que o freio mastigando em branca escuma,
 Pelas ventas abertas sopra e fuma;

E com o péso
 Da nympha bella
 Se embrida mais e altera.
 A mesma nympha
 Sôbre elle vejo

A manga a meio-braço recolhida,

E a trança d'ouro
 Aos ventos esparzida :
 Qual Arpalice,

Que ao longo do Ebro
 O ginete lançando
 Á rapida carreira,

Que o veloz vento corre mais ligeira.

Elle ferindo a magestosa cythara
 C'o plectro suberbo ,
 Fez eterno no mundo o Africano ;
 E eu de seu nome em honra agora vaso
 Este odori-fumante cheio vaso.

Este que agora emponho

N'êsta taça,

Derretido rabim,

Este sim,

A ti bebo suavissimo Bernardes ,
 Que nas frescas manhans, serenas tardes,
 Á sombra de altas árvores soltando
 Doces queixas de amor em doce rhima
 Tam célebre tens feito o manso Lima.

Mas onde ficas tu claro Ribeiro ?

Tu que primeiro

No luso campo as canas ajunctas-te,
 E imitar o deus Pan cantando ousas-te?

Este pois vinho cheiroso ,

Saboroso,

Generoso,

Da Madeira

Aqui vindo ,

Para os brodios

De Lencu,

Racimifero

Porta-thyrso,

Rompe terra

A ti brindo.

A ti... mas sinto , sinto
Apollo, que enfadado ja me manda
Outro copo brindar de vinho tinto
Ao docto Sá Miranda.

Nymphas do Aonio coro!
Vêde, que em o fazer, me não demoro.

Outro brindo em continente,
Até ver-lhe o centro oco,
A ti grande Gil Vicente,
Que calçando o humilde soco,
Deixar fazes em silencio
Eupolis e Plauto, Menandro e Terencio.

Venha vinho , venha á preça ;
Que brindar quero tres vezes
Ao illustre Sá Menezes.

Inda agora o manso Leça
Com as nymphas vai dançando
De teus versos ao som brando;
De seus bosques na espessura
Inda o tom suave dura ;
Inda o echo pelas grutas
O repete vezes mutas.

D'outro illustre Sá Menezes
A gran' fama me convida
A beber,
A louvar,
A cantar

Sua glória aos ceos subida.
Quantas vezes

De Thitonia o triste fado,
Em seus versos celebrado,

Tem regado

De sentido

Pranto amargo

Na dourada

Chersoneso

Ena tuc... ..

As fulas filhas da Aurora esfaltada!

Quantas vezes

Fulminar estou vendo em seu canto

De Albuquerque terribil a dextra

O povo infido da fera Malaca!

Ora pois em seu applauso

De bom vinho moscatel

Bebo inteiro um grande vaso.

Esse vinho que brilha

N'essa vasilha,

Que vinho é?

Se não me engano,

Vinho é do Porto,

Que o nosso Baco

Para conforto

Quando está fraco

Costuma usar.

Encham-me pois

D'esse liquido pyropo

Todo este copo,

Que inteiro quero

Bebe-lo em honra

ca. . .

Do grande Andrade.
 De ti Andrade,
 Agora fallo,
 Que de todos o primeiro,
 De Verona o cysne imitando,
 Entre nós gracioso derramas
 Os curtos, mas picantes epigramas.
 So te vejo n'êsta estrada;
 Mas seguir-te a mi me agrada.
 E entretanto de vinho o copo arraso,
 E em louvor de teu nome ja o vaso.

Ontro va igual
 Ao Córte-Real;
 Que ao Monte-maior
 Não hei de brindar.
 Guarde la sua *Diana*
 Para a gente castelhana;
 Se screvêra em portuguez
 O brindára d'êsta vez:
 Mas deixar o doce puro
 Abundante
 Elegante
 E brilhante
 Idioma Lusitano;
 E por quem? polo Hispano!
 Não o soffro, nem aturo;
 Nem Apollo aturaria:
 Porque bemque costumado
 A soltar sua harmonia

Na riquissima Argiva language
(Que de todas as mais tem ventage)

Na Latina e Italiana ;
Quando falla a Lusitana,
E no Pindo n'ella cauta,

Da Memoria as filhas incanta.

Mas oh ! que ja esquecia-me
Do rosado Oriente a joia , a perla ,

Tu Fernando belligero
Que a lança, e a cythara

Vibrando intrepido,
Tocando harmonico,

D'altas palmas á sombra a voz alçaste,
E a Clara *Lusitania* transformaste.

Com este vinho ,

Da cuha vindo ,

Eu ja te brindo.

Mas um novo brindes agora me chama.

Silencio ! silencio ! que Phebo me inspira.

Oh tu Candido divino,

Cujo nome, cuja fama

Pelo mundo se derrama ,

O pastor da Arcadia Elpino,

Que as leis soberanas, que dictas, recebe,

Um eopo brilhante

De vinho fumante ,

De vinho cheiroso,

Emtórno saltando, ja bebe gostoso .

Outra vez a voz levanto,

E com ella um odre, e digo :

A ti Foyos, doce amigo ,

Que nos enches de alegria

Com teu canto,

De suberba malvasia,

Mas que caia aqui de borco,

Esta grande pelle emborco.

As correntes

De Hippocrene

Se turvaram ,

E confusas

Com o susto as ternas Musas

De mão as lyras deixaram :

E o intonso auri-crinito

Porta-lyra ledo Apollo ,

Arrancando o verde louro,

Que a cabeça lhe croava,

Pela terra o arrojava :

E n'um teixo a lyra de ouro,

Que pendente tinha ao collo,

Pendurou

Quando a fama publicou ,

Que a malina

Libitina

Contra ti da fouce armado

Tinha o braço levantado.

Mas na Arcadia inda maiores

Desconcertos se observaram.

Derepente se murcharam.

Do Erimantho nas margens as flores,
 E no Menalo os verdes pinheiros,
 (Quaes se fossem de raio tocados)
 Quasi todos se viram crestados.
 As ribeiras sem chuvas cresceram,
 O campo inundaram,
 As vinhas perderam;
 Perderam-se gados,
 Morreram rafeiros; *mas!*
 E como assombrados,
 Os tristas pastores
 Nem luetas tiveram,
 Nem versos cantaram.
 O mesmo Sileno,

Na grutta mettido, se via sosinho
 Sem molhar os beiços n'um frasco de vinho.

Mas depois que a bella Hygia,
 Dom de Jove o mais precioso,
 Do ceo veio, e estentendo
 Sôbre ti as puras azas,
 Fez fugir a descarnada *deu!*
 Macilenta morte fea,

Os campos brotaram mil cheirosas flores,
 E a formosa Cytherea
 Rodeiada dos Amores
 -Com as nuas Graças e verdes Napeas,
 Alegres choreas
 Formaram ligeiras,
 Ornâmos de rosas as nossas monteiras:

E o velho caprino,
 Saltando de gosto,
 No campo vermelho,
 E tincto de amoras o peludo rosto,
 De forte água-ardente
 Á tua saude
 Ja bebe contente
 De um trago um almude.
 Amigos toquemos,
 Bebamos, cantemos
 O nome de Foyos;
 A Foyos louvemos.
 Com raros encomios
 O seu grande nome
 De Evio Brisseu,
 Do bom Bassareu
 Ás orelhas alegres levemos.

DINIZ.

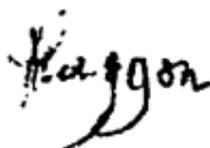
*maior
bairry*

*maior
maior*

DITHYRAMBO.*

TENOR.

Hoje que torna,
Gentil Maria,
Teu feliz dia,
Damon entorna
Do crystallino
Frasco benino
No copo ingente
O reluzente,
O Ebri-festante
Vivificante
Licor dourado,
Que Bassareu
Ao mundo deu:
Como o Universo,
Mais do que Juno,
Mais que Minerva,



* Este é um dos melhores *dithyrambos* de Domingos Maximiano Tórres; e, como tal, o inseriu Francisco Manuel na grande edição de suas obras feita em Paris, em o anno de 1818.

Que o azul Neptuno,
 E a mais caterva,
 Que o Olympo encerra,
 Que habita a terra,
 O mar profundo
 O abysmo immundo,
 O gran' Lyeu
 Enriqueceu !

II^o TENOR.

Aqui tens Alfeno, a ambrosia,
 Que a fertil Chamusca nos manda,
 Moscatel dourado e divino,
 Que alegre e agita a loura Irlanda.

I^o TENOR.

Eis o primeiro copo empino 7221/9
 Dicando-o a ti, linda Maria.

Novos sons nunca escutados
 Soltar vou... fugi ligeiros
 Co' a profana plebe rude,
 Sobrios vates adamados,
 Para os *rancidos outeiros* ;
 Que eu beber quero um almude,
 Té que Baccho facil deça,
 E do Pindo traga as flores
 Com que eu teça
 Os louvores
 Da donzella

Meiga e bella,
 Tenra vara
 Que brotara
 Hoje um ramo
 Que tanto amo,
 Ramo em mil virtudes fertil
 Dos honrados, e dos bons
 Mathevons. *

CÓRO.

Viva a bella Maria! viva! viva!

II^o TENOR.

Agora que a taça nitente
 A escuma transborda fervente,
 Inundo as sedentas entranhas,
 Em que, gran' Leneu, ledo banhas
 O vermelho imberbe semblante,
 E o louro cabello ondeiante,
 Çamo das pingues cepas ramosas,
 Que tu mesmo benigno plantaste

* Familia franceza de quem Francisco Manuel foi constantemente amado. Mathevon era homem de letras dotado de purissimo gôsto. Grande sabedor de Horacio, compoz algumas odes latinas, nas quaes imita a maneira d'esse sabio mestre. As dictas odes foram quassi todas vertidas em language per Francisco Mannel.

Quando á fresca Setubal chegaste ,
 Nas circumstantes serras viçosas.

Oh vati-comada
 Progenie de Jove !
 D'est' alma remove
 E dardeja aos ares
 Os crueis pezares ,
 Malifica praga ,
 Da desgraça filha ,
 Com este que brilha ,
 E o peito me alaga
 Teu sacro licor.

CÔRO.

Desce propício , padre Baccho, desce !

1º TENOR.

Basta ; deixae-me orar ao grande Bromio.

ou

Silencio ; que exorar a Bromio quero.

Adjuda-me , Damon , nos sanctos ritos:
 Primeiro em derredor do altar sagrado,
 De pampanos ornado ,
 Tres vezes move a mystica ciranda ;
 Depois do almo Mação alambreado
 Um cyatho * capaz libando entorna ,

* Copo, taça : do latim *cyathus*.

Em quanto eu outro, que de vinho arraso,
Pela garganta sitibunda vaso,

E os meus rogos envio

Sobre as azas de um hymno alti-canoro;

Té que com este duplicado incanto

O deus deduza do apollineo coro.

Oh padre! ce' a dextra

Digna me fulmina,

E extingue a trilingue

Serpente furente

Da tristeza eterna,

Que n'alma se interna,

E mal n'ella aponta

Gosto ou esperança,

Sobre elles se lança

Famelica e pronta

Com ímpio furor.

CORO.

Desce propicio, padre Baccho, desce!

II^o TENOR.

Damon, Leneu inda não apparece?

Dá-me outro copo d'aquelle que imita

A accessa cór de Ariadne formosa,

Quando passou de amargura infinita *

* Ésta princesa tendo fugido de Creta com Theseu, foi per elle abandonada sobre um rochedo na

Mais que nenhuma mortal venturosa,
 Dos braços invencíveis
 Que mil monstros terríveis
 Votaram a Sumano,
 Do nosso soberano
 O crin-aureo Lyeu;
 E em tal gózo e doçura
 A sua alma engolphava,
 Que attonita e extatica
 A ventura fantastica
 Da irman não invejava,
 E até se deslembrava
 Do perfido Theseu.

CÓRO.

Desce propício, padre Baccho, desce!

I^o TENOR.

Eis empunho o copo brilhante
 Do doce-ambri-fogo ondeiante;
 Eis ligeiro o esgoto de um trago,
 E da sede as iras apago...

Évohé! Saboé!

Ja chegado o deus é!

Ja me offerece as flôres do Pindo,

ilha de Naxos; onde passada a fôrça da dor, com que
 amargamente cherou a sua desgraça, fez-se sacerdo-
 tiza de Baccho, que a sposou.

E o pampinoso thyrsos brandindo
 Ao coração, pela boca, me cala.
 Trás d'elle attenta, Damon adorado,
 Que brincão bando d'espritos abala
 De porta-jubilos settas armado!

Ferve em meu peito
 A alegre tropa;
 E em guerra brava
 Já Bromio trava,
 E o thyrsos ensopa .
 No torpe sangue
 Da vil Tristeza,
 Que sem defeza
 Baqueia exangue
 E a arquejar.

CÔRO.

Evohé! viva Baccho! viva! viva!

II^o TENOR.

Venha a botelha que encerra o rocio
 Que destillou o feliz Lavradio. —
 Que é isto, Alfeno? vasia deixei-a!
 Estou desperto, ou sonhando? Não minto...
 Como tu n'alma tumultos eu sinto...
 Não escutas, não ves, doce amigo,
 Com que tropel Evan triumphante
 Conduz a accesa turba saltante,
 Contra o bruto esquadrão inimigo,

Que se entrincheira no peito chagado
 Dos sengui-sedentos pezarés?
 Zunem settas, cruzam os ares...
 Já trombetas roncadas resoam...
 O estridor, e os roncadas me atroam.

Que ouço! victoria!
 Victoria! grita
 A turba invita:
 E o bando iufando
 Passa, trespassa,
 Escala e estala,
 Que pela boca
 Me desemboca
 A sibilar.

CÔRO.

Évohé! viva Baccho! viva! viva!

I^o TENOR.

Évohé, Nyctileu thyrsipotente!
 Como toda minha alma desassombras,
 Da luctifica turma, que tremente
 Corre a engolphar-se nas tartareas sombras!
 Inunda-me agora
 A mente com teu nune
 Aviva o immortal lume,
 Que no peito infantil me accendeu Phebo:
 E adjuda-me a tecer alma capella
 De sempiternos hymnos

Aos nataes faustos da gentil douzella.

Mais vinho, mais vinho
 D'aquelle côr d'ouro,
 Orvalho da rama
 Que ao tímido Douro
 A urna lhe enrama,
 Que heide embriagar-me
 Té Bromio emprestar-me
 Seu sancto furor.
 Silencio! silencio!
 Já Evio fremente
 Toda me fulmina
 A férvida mente,
 E a lyra me afina
 Do Dirceu cantar.

CÓRO.

Viva a bella Maria! viva! viva!

II^o TENOR.

D'onde, oh deusa da alegre juventude!
 Colheste a ideia, quando te esmeraste
 Em tecer o lindissimo despojo
 Que lhe a alma veste, ninho da virtude
 Da engraçada Maria?
 De que jardins celestiaes roubaste
 Os lacteos lirios, as sanguineas rosas
 D'estas faces formosas?
 Mas já Baccho o mysterio me revella.

Tu mesma, oh Hebe! te desfarças n'ella:

Não, seus labios ardentes

De fendido rubim,

Nem tam nítidos dentes

De burnido marfim,

Bemque lide a natura

Ja mais póde crear.

São das graças so dinos

Os seus olhos brilhantes;

E os subtis ondeantes

Seus cabellos divinos,

Aureo esmalte do collo,

Sem ceder aos de Apollo,

So Amor no alto Olympo

Os podia fiar

CÓRO.

Viva a bella Maria! viva! viva!

I^o TENOR.

Fragam-me vinho da ilha viçosa

Que os mortaes nescios Madeira nomeiam,

E os immortaes nova Chypre formosa;

Que com o nectar mil vezes misturam,

E a Venus lisonjeiam:

Com elle puro brindando á porfia,

Dos sens nataes ao festivo almo dia.

Encham dous copos cadaum raso, raso...

Ja nas ardentes entranhas um vaso

A ti brindando
Tenra donzella,
Affabil, bella;
Antes estrella
Do Tejo louro,
Rico thesouro
Que a lusa terra
Suberba encerra
Roubado ao ceo.
Brindo c'o outro
Ao seu papá
Que rindo está
Como um baxá
No seu sophá,
Juncto á captiva
Formosa e viva
Télli esquiva,
Mas ja não tanto;
Que as faces molha
De dubio pranto,
E a furto o olha
Tincto de pejo
O gesto seu."

CÓRO.

Viva o gran' Mathevon! Maria viva!

Pintura cheia de graças, d'estylo, e de poesia!

TIPLE.

Mas que prodigio subito ineffabil,
 Dos meus olhos, da mente toma o freio!
 Vejo da madre terra roto o seio,
 Que em desmedido bá Rathro se alonga
 Té a sagrada grutta d'onde o Lethes
 Em somnolentas roucas bolhas brota.*

D'ella sai terra informe
 Á minha vista ignota,
 Mais horrenda que o Cérbero triforme?
 Qual serpe vem de rôjo,
 É toda immensa boca, immenso bôjo;
 De continuo devora
 Honras, grandezas, titulos faustosos,
 Sceptros, tiaras, feitos gloriosos,
 Que em tórno o impio tempo lhe rebanha;**
 E so ao seu furor os fados negam
 Quanto as da Aonia ingreme montanha
 Tutelares gentis ao canto entregam.
 Ja para nós dirige o veloz curso
 O monstro detestando,
 Pelas inchadas ventas exhalando
 Espesso o crespo fumo que o ar enluta:
 Eis da garganta bruta
 Fazendo emmudecer de susto ao vento

* Verso que imita bem o que exprime.

** *Lhe ajuncta, apinha.*

Rompe a toante voz , o mundo atroa :
 « Eu sou mortaes , o torpe Esquecimento,
 Filho da tenebrosa Eternidade,
 Que c'o esquadrão dos hymnos que revoa
 Emtórno ás vossas liras,
 Desejo apascentar as minbas iras. »

Que sorte lhes insta !
 Que trance apertado !
 Ja tenho gelado
 O sangue de horror.
 Que mágoa ! que pena !
 Como tal ordena
 Do Fado o furor !

CÔRO.

Accode aos tristes, Baccho invicto, accode!

I^o TENOR.

Damon ! Damon ! oh céos ! oh corre, amigo,
 Sus , * mais vinho... mais vinho depreça.
 A vasta boca a abrir ja começa
 Para os tragar o monstro inimigo.
 Da-me o nectar das cepas de Tires...
 Bom !... eu farei que em vão te retires ,
 Maldicto , urrando ao reino de Dite

* A nossa lingua não é inda tam rica , para abandonar-mos este , e outros termos de que os classicos se serviram felizmente.

Por mais que a Inveja, e o Tempo te incite.

CÓRO.

Accode aos tristes, Baccho invicto, accode!

II^o TENOR.

Eis n'estes copos dous crystallinos,
 Que um frasco inteiro embebem no bojo,
 Vou mergulhar tres vezes os hinos;
 E o resto á vil carranca te arrojô...
 Que é isto? ao Orco foges pulando,
 E o focinho bramindo sacodcs!
 Volta aos hymnos: devora-os se podes.

De corrido embrenha-se

Na grutta sombria

Do Lethes somnifico,*

E sôbre ella o bárathro,

Com fragor terrefico,

Logo se fechou.

O canto grandiloquo

Ouvi, oh vindouros!

A harmonia celica

Que co'as doces Pierides

A Maria angelica

Alçar ledô vou.

* Nova elegancia com que o poeta enriqueccu o idioma.

CÔRO.

Viva a bella Maria! viva! viva!

I^o TENOR.

Quando, oh nympha! do empyreo radioso
 Aos campos tagitanos
 Baixou ufano o instante venturoso,
 Que te deu aos attonitos humanos;
 O altitonante * Jove,
 Sôbre as pennas horrisonas do vento,
 Corre a privar de luz e movimento
 Aos astros d'onde chove
 Maligno influxo sôbre o triste mundo;
 Nem as sanguineas crinas desentrança
 Pelo ether cometa furibundo.
 O oceano lucifero e profundo,
 D'onde o perenne fogo se deriva,
 Que alimenta, que aviva
 A cem sóes, que no ar gyram nadando,

* Nós ja temos muitos vocabulos compostos tirados do Latim, porque não faremos, e adoptaremos muitos outros tam necessarios em poesia? Ousem pois os futuros Ingenhos dar este nobre exemplo, e fico, que apezar de franzirem o beijo puristas acanhados, chegará o Portuguez, ja bello e rico agora, a rivalisar em hardimento e concisão com a lingua latina, de que traz a origem.

J. B. DE ANDRADA.

De alto gózo suberbo transbordando
 Com alma inundaçáo de luz os cobre
 O seu benigno aspecto te descobre
 Dos planetas a turma refulgente,
 E abrindo o cofre seu, de dons sublimes
 Derramam sôbre ti formosa enchente.

Deem-me vinho, que tenho a voz rouca,
 E o divinal furor se me apouca.

Iº TIPLE.

Toma este spumoso
 Líquido rubim.

IIº TIPLE.

Qués * antes do Alambre
 Que vence em fragrancia
 A rosa, e o jasmim?

Iº TENOR.

Venha este. . ceos ! que subtil porta-fogo !
 Basta ; calae-vos e onvi-me, vos rogo.
 Ornada de taes dotes soberanos,
 Lindissima Maria,
 Quaes ja florecem em teus verdes anos,
 Se eu não de balde denodado rejo
 Das nove irmans o carro luminoso
 Pelo reino fragoso

* Por *queres*.

Do futuro nublado,

Ja émulas te vejo

Co'as azas da innocencia , da virtude ,

Longe da plebe cega ,

Os remontados vóos que desprega

O aureo cysne do Loire

Pelo ceo da honra austera.

Alli da Fama o templo demandando,

C'um cheveiro de raios scintillando ,

Que pelo vasto Olympo reverbera ,

Themis vos dá em prémio, oh almas bellas !

As roupas immortaes com que vestira

As tyndareas estrellas.

Serie ínclyta de heroes

Piza os Orbes estrellados,

Cujos feitos em mil soés

São per Jove transformados ,

Que escurecem as de Alcides

Immortaes brilhantes lides :

Pelo Emyreo ja resoam

Festivaes suaves sons.

Juncto aos deuses se recostam ;

Ja o nectar, e a ambrosia

C'os purpureos labios gostam :

Prole é tua , gentil Maria ,

Um e um a ti se humilha ,

A abraçar-te gloriosa

E aos honrados Mathevons.

TODOS.

Viva o gran' Mathevon ! Maria viva !

CÔRO.

Façamos silencio

Que as leves napaças

Co'as nymphas do Tejo

Ja travam choreas ,

Com digno festejo

Honrando á porfia

Da linda Maria

O dia feliz.

DOMINGOS MAXIMIANO TÓRRES.

DITHYRAMBO.

Bacchus reçoit les victimes d'amour.

BERNARD.

Chovendo estragos Orion ensifero ,
 Investe o mundo pavidó ;
 Reveis frementes vortices ,
 Procellas mil horrisonas
 Compoem seu bravo exército.

Não longe o inverno revoltoso assoma
 Batendo as azas frigidás ,
 Rugem-lhe emroda tormentas rígidas,
 E a porta-gêlo emaranhada coma
 Errçam-lhe enraivados
 Nordestes assanhados.

Ó brumal tempó agourando
 Dos Riphêus alcantilados ,
 Em confuso vago bando
 Véem piando

Rubros frios ouriçados ,
 Às pungentes azas dando.

Ah Celia amavel! que somos victimas
 De seus immanes impetus ,
 Volveu-te a força das crueis rajadas
 Os brancos membros trenuolos,

As faces carmesins , as mãos roxeiadas.

Que faremos ?

Como a fria estação fugiremos ?

Eia ledos a Baccho brindemos

De seu fero rigor zombaremos.

Aqui temos

Longo esquadrão de gravidas botelhas ,

Qu'as bocas vermelhas

Tem inda arrolhadas :

Destapemo-las ,

Despejemo-las ;

Eis ja saltam as rolhas !

E involto em alegria

Tres copos coroados

Ja vejo, ó Celia ! de espumosas bolhas.

As Orgias celebremos :

Evohé ! Peian ! Cantemos ;

E c'os braços enlaçados ,

Ledos brindes revezados

Hoje a Bromio tributemos :

Qual de nós libar primeiro

Do seu corpo o nectar puro ,

Tome posse do terceiro...

Evohé ! que fui eu mais ligeiro !

Por mais que afane ,

Celia formosa ,

Por apartar-nos

A sorte aveça ,

Não te pareça ,

*em um
brinde*

Que separar-nos
Hade podêr.

Jamais o liquor placido
Que do almo Dionyso perfuma os altares
Desaloje cruentos pezares ,
Cuidados mortiferos ,
Remorsos anguiferos
D'essas almas obtusas, vulgares,
Que de nós murmuram ,
Que brutais procuram
Um laço desatar, qu'a sympathia
A nossos ternos corações forjara ,
Que protege a razão , que o ceo ampara ,
E mais aperta Amor de dia em dia.

Eis a mente veloz se anuvial

O peito me enfurece

Frenetica alegria...

Evan! que me parece ,

Qu'em sanhudo leão me converto...

Não me halucino , é certo ,

Hispida juba na cerviz me ondeia...

Garras crueis rompentas...

Sanguineos olhos, aguçados dentes...

Ebrio furor me presta.

De me ver minha Celia não fujas,

Que a Niseu na figura imitando

Quando

Ao tonante Jupiter

Os gigantes barbaros

Destronar pretenderam sacrilegos,

Aquillo tyrannico

Heide ataçalhar.

Mas guarida, que estou profligado

Da caterva dos horridos Euros,

Da-me, ó Celia! uma taça depressa

Do liquor de Bordeos nacarado,

Possante,

Brilhante,

Cheiroso,

Gostoso,

Que envergonha ao Balais rutilante

No rubor, no gentil luzimento;

Qu'intento

Vence-los

Prende-los,

Prostra-los,

Deixa-los

Sem vida.

Quando a taça me dás Celia querida,

Não é mais engraçada,

Que tu a linda Aurora

De luzes coroada

No rútilo Oriente.

Da fulgida carroça apavonada

Os frisões auri-roixos

C'o flagello de rosas castigados,

Não teem mais graça...

Mas venha a taça

tran
place of
refuse
mother of
bread

red

Evohé! bebe um gollo primeiro,
 Que mais gôsto, maior fortaleza
 Acharei no liquor lisonjeiro,
 Que das almas alija a tristeza,
 As mágoas suaviza,
 E as rebeldes paixões tranquilliza.

Oh! não ves, Celia mimosa,
 Apinhados

Pelo friso da taça formosa,
 Em tumulto os Amores damninhos,
 Debruçados

Dando sorvos, piscando os olhinhos?

Olha alguns, qu'embriagados
 Com semblante furibundo
 Dentro olhando a propria imagem
 Querem dar-lhe, e despenhados
 Precipitam-se no fundo:

Do marulho, e da voragem
 Os mais ficam salpicados,
 E as cabeças sacudindo
 Dos parceiros se estão rindo.

Ah Celia! Celia amada,
 Ápressa agora empina
 A taça crystallina,
 Se queres ter amor:

Porém se es meiga,
 Terna, constante,
 Fiel amante,
 De que te serve

*est. orio
 board*

*...
 winkina*

*...
 ...
 ...*

*...
 ...
 ...
 ...*

Este liquor?

Silencio ! silencio ! ninguem me perturbe ;

Alto influxo a cantar me afervora :

Ja como a eborea cythara ;

Para a referta impavido

Vos desafio , leves Meonides ;

Sois poucas ,

Sois loucas ,

Sois roucas ;

Meu canto vence-vos , deixa-vos trémulas ;

O vosso é languido , barbaro , frivolo ,

Ah ! vinde ligeiras ser minhas émulas :

Porque meu estro altivolo

Como ás filhas fizeste de Pierio,

E ás gentis Acheloides argutas ,

Se cantar intentardes comigo

Vos fará d'este arrôjo em castigo.

Eia das frias Órcades

O almo sumo vitigineo

Tragam-me ápressa , que nunca embriaga ;

Que pretendo cantar dignamente

O vencedor potente

Dos fulos povos da Memnonia plaga.

Deliro ! não , eu vejo

Esquadrões horridos ,

Turmas armigeras

Nos campos bellicos ,

Movendo escandalo

Aos nunes Celicos ,

São os povos barbaros
 Da zona soligera ,
 Que no carro luminoso
 Vem Titão flammí-crinado,
 Quando ja meio-acordado
 Faz ao dia priguicoso
 Despertar do claro Ganges.

Dor é ver entre as fuscas phalanges
 Como aqui , e alli guerreiro
 Evio ligeiro

Toma a setta , arna o arco , aponta , mata ;
 E as tímidas cohortes ,
 Com repetidas mortes ,
 Suberbo desbarata.

Do Falermo purpurino
 De Mareotis famosa
 Encho um copo crystallino ;
 Ei-lo é teu , Celia mimosa ,
 Acceita-o ,
 Empina-o ,
 Esgota-o ,

Que eu mais dous encho ligeiro
 De outra especie mais gostosa :
 Que liquor tam lisonjeiro !

Na viva côr excede ás vivas brazas ,
 Dous copos tenho , ó ceos ! são duas azas !

Deixem-me ,
 Larguem-me ,
 ... Não me segurem, qu'as fôrças me quebram;

Eu subo ás amplas regiões sidereas :
Ver pretendo se os numes celebram
La no Olympto tambem Antisterias.
Evohé! sacro Osiris potente :
Não ha vinho que mais me cõntente,
Nem que tanto meus olhos deslumbre
Como o do Rheno ,
Suave , ameno :
Nem um vislumbre

Tenho agora dos negros cuidados ,
Que turbavam meus dias cançados.
Saboé ! que furor, me transtorna !

Soccorram-me , adjudem-me
A subir té á boca ésta dorna :
Quero empina-la ,
Quero liba-la ,
Quero esgota-la
Em honra do nome Thyrsigero ,
Que as mágoas adoça ,
A rugada velhice remoça ,
E qu'açaima os pezares cruentos.
Zunam ferozes desavindos ventos ;
Toldem-se os frios ares ;
Rebentem nos recifes pedregosos
Negros revezos mares ;
Troem roucõs trovões estrondosos :
De horror na esphera escura
Os lentos passos mais ligeiras movam
Elice tarda , e a tarda Cynosura

Que nunca as aguas de Amphitrite provam:

Com fragor horrído

Das encontradas nuvens nimbíferas

Chovam trisulcos tortuosos raios:

Echo fragneira desdobre á porfia

O horrisono rebombo

Na ouca penedia :

Qu'eu rio e zombo

Dos soltos ventos ,

Revoltos máres ,

Trovões ruídosos ,

Raios trifurcos ,

Echos medonhos ,

E resupino

Um grato almude

Hoje á saude

Ledo lhe empino.

Evan ! Que vejo ? eu sonho !

Eis se me antolha

De Bacchantes um bando risonho.

Celia , que fazes ? olha...

Não escutas o som nos fundos valles

De tubas clangorosas,

De roucos ataballes ,

De strídulos pandeiros ,

De anafis , de buzinas espantosas ?

Não ves , como ligeiros,

De corymbos e parras coroados,

Dos crespos silvados,

Das lobregas grutas,
 Com tarros de Lyeu nas mãos hírsutas,
 Saltam silvicolas satyros sofregos,
 As plantas caprinas leves trocando:
 E o desenvolto corni-pede bando

Não ouves cantando

Ó Bacchol Evohél

Que refusas ! vamos

De Niseu ás festas ,

As testas

Cinjamos

De verdes pimpolhos...

Mas que vejo ! dous Eus ! duas Celias !

Evohe ! numen Niseno ,

Que meus olhos obumbrados

Fazem-me , tornam-me

Os presentes objectos dobrados :

Pois não é por estar vinolento.

Que dita ! que portento !

O destino endeusou-me ,

Em Baccho transformou-me ,

Sou Baccho , e não duvides..

Das verdejantes vides

Em mim o Nume adora,

Agora

No sacrosancto nectar me embriago.

A azul esphera

Veloz transago;

Por mim , Celia gentil , um pouco espera ,

Qu'a Jove revóo fulminî-potente,
Para que la no Olympo fulgente
D'um throno luzente
A posse me dé.
Ceos ! qu'em prazeres ardo !
Adeus Celia : não tardo.
Peian , Baccho ! Evohé.

B. M. CURVO SEMEDO.

DITHYRAMBO.

*Dulce periculum est ,
O Lenæe , sequi Deum
Cingentem viridi tempora pampino.*

HORACIO.

Vem, vem, potente Baccho,
Vem domador das Indias invencível,
Que os mosqueados,
Rabidos tigres
Reges sob'rano,
C'um açoitado de vides dobradiças;
Que a desdenhada croa da p̃rinceza
(Antes que estrellas fôsse)
Com corymbos, com panpanos ornaste.
Tu, grande rei, governas
Os reinos da Alegria, e do Deleite:
Nossos humores
Punges, refreias :

* *Me juvat in gremio doctæ legisse Puellæ,
Auribus et puris scripta probasse mea.
Hæc ubi contigerint, populi confusa valeto
Fabula : nam domina judice tutus ero.*

PROPERCIO.

Tu animas as danças , os festejos ,
 E ameigas no teu collo as lindas Graças ,
 Que o riso airoso negam
 Aos ímpios, que os altares teus não beijam.

Cai aos teus pés rasgado

A teu aceno o sêllo do segredo;

Francas as portas

Tens dos ministros ,

Dos réis cuidadosos ,

Sê entrar em seus defesos paços dignas :

Tu , se co'a recedente invicta dextra

O coração lhe espremes ,

Pela boca espírrar-lhe o arcano fazes.

Com branda amiga fôrça

Despedes das contentes companhias

Rancor pesado,

Sêcco silencio,

Grave Etiqueta ;

Tinges de meiga côr nossos costumes ,

E a fronte do sisudo desencrespas.

Por ti , ri a Virtude

Ao Amor, e a seus brincos buliçosos.

Vem , Baccho, de mãos dadas

Co'a molle Ociosidade voluptuosa ;

Vimíneos cestos

De almas botelhas

Satyros léves

Dos bombros fulos , ante mim deponham,

Aqui vazem rubí , aqui topazio
De trasbordada escuma ,
Aqui rindo, o sedento seio alaguem.
Oh Nyctileu valente !
So de entoar na lyra os teus louvores ,
Não sei que flamma
Vívida, fulgida
Serpeia e córre
A assettear, c'os petulantes raios ,
As côstas encurvadas dos Pezares.
Eis que trepa... eis que sóbe
À casa da Razão , e m'a allumia.
Novo discernimento
Com novo radio extrema ideias novas.
Cruzam em bandos
Gentis conceitos
Louçãos , garridos.
Nova série de acções de heroes corados*
Passam mostra no espelho do Futuro :
Outro povo , outros tempos
Se me offreceu, me esperam, me convidam.

* Perguntei ao Poeta porque razão chamou *corados* estes heroes; e elle me respondeu, - que nunca vira amante affincado do çumo da cepa, que não lhe saísse pelas faces a côr de çumo. - Ainda me disse mais, - que conhecera elle certo Thesoureiro d'uma Freguezia de Lisboa (que nunca bebia mais agua que a da missa) cujo suor lhe saía do corpo tam verme-

PARNAISO LUSITANO.

Que furor me arrebatá !

Que novos céos descubro, novos mundos!

Tudo são vinhas !

Tudo parreiras...

Um mar vermelho .

Se estende e ondeia , crespo de navios ,

Sem flammulas, sem vélas... Não, são dornas

São frotas , são armadas

De undívagos toneis conquistadores.

Ca descem das montanhas

Despenhadas correntes auri-dulces .

Do Carcavellos ,

Do bom Setubal ,

Que aquece o seio ,

Que ameiga , que aviventa a alma dos velhos.

Aqui dormentes sombras prazenteiras

Se debruçam das parras

Sóbre alastradas moitas de Bacchantes.

Como ronca o Sileno

Entre vasios potes do cheiroso .

Nectar sadio !

Pelos bigodes

Iho, que, no verão mormente, lhe pintava a camisa,
e trespasando a loba , lh'a roxelava. —

E perguntae aos sabios da escriptura

Que segredos são estes da natura.

CAMÕES.

Nota do Editor.

A crespá escuma
 Lhe ondeia ao som do folego cantante.
 Arrepiados stridulos adufes
 Alli jazem cañados
 C'os pampinosos vingadores thyrsos.
 Sôbre esteios nodosos
 Repousa e estende os racimosos braços
 A alegre vide ;
 C'o inchado bôjo
 Regala a vista
 O bago acceso ; guapo as mãos convida ,
 Entre as viçosas folhas reluzindo.
 Que de enfeitados templos
 De devotos, que o bom Evan consola!
 Destemido me assento
 Ante ésta ura divina e rubicunda...
 Como apressados
 Mil sacerdotes
 De pés fendidos ,
 Carregados de victimas undosas
 Vem ornar-me este altar ! Ponde no meio
 A grande , a das quatro azas
 E m'a adornae com bastiões de frascos.
 Pela micante borda
 D'esta bojuda taça espanca-enfados
 Saltam Prazeres...
 Ve como pulam,
 Ve como estoiram ,
 C'os pés brincões , as apinhadas bolhas!

E no meio do lago, que derrama... *

Ólha nadando as nymphas,

As nymphas da alegria galhofeira.

Ólha, a travéz das ondas

Que talham c'oalvo peito la no fundo

Baccho risonho,

Mui recostado

N'um throno de hera,

Que me acena c'o thyrso folheado.

Eu vou, eu vou, Leneu irresistivel;

Nos palacios de seio

Meu hóspede serás. — Entra de golpe.

Oh como nm deus é grande!

Ondequerque aposenta, occupa tudo.

Os quartos da alma,

Os da memoria,

Té-qui tam cheios

De mordazes tristezas, de infortunios,

Tudo desalojou, tudo acha estreito

Para a pousada sua.

Baccho embebeu-me todo, e eu sou um Baccho.

Em fogosos Ethontes

Nos leve a repellões Apollo o dia;

Como uns instantes

As Heras voem:

Tacita a Lua

No carro argenteo acolha o fugaz Tempo

* Derrama, (de muito cheia) o licor que encerra.

Que eu transbordando Baccho, zombo e rio
Do seu bater das azas,
E lhe dou vaias c'o tinir dos copos.
Vaias lhe dou sonoras,
Quando cheio de ti, por ti poeta,
Nos bordões grossos
Da cava Lyra
Dou quatro golpes,
Com que este ar freme, atroa, estruge,
E vai pelas cavernas rimbombando,
Té que acorda a Delmira,
Que do folgado de honte'inda hoje dorme.
Onde foste esconder-te
Deslavado Dorindo,* que os mysterios
Do augusto Bromio
Celebrar hoje
Foges esquivo?
Vem beber côres, vem beber saúde
Nas sacras taças d'este altar perenne:
Afoga-me esses philtros
Com que Esculapio te damnou o peito.
Tu por acaso julgas
Que uma agua sem sabor, sem cor, sem força,
Nas froxas veias
Pinte, apresure

* O Sr. D. P. B. chamo-lhe *deslavado*, não porque elle o seja, mas porque o deslavaram então aqui com. . . .

Pallido sangue?

Encha de ardor o coração ensosso,

E discretas faíscas mande á testa,

D'onde alegrã os olhos

Desça, e desça á boca o dicto agudo?

So foi dado a Lyeu

Povoar de altas ideias o juizo;

No verde Pindo

O docto Horacio

Nunca viu nymphas,

Sem que a mente primeiro confortasse

Com sangue de bacello. * D'alli versos

De atrevida harmonia,

D'alli prazer lhe vinha, vinha fôrça.

Cheio de ousado brio,

Que ésta croa me dá de louro, e de hera.

Aqui aguardo,

E os desafio

C'o copo em punho,

Os duros Valentões famigerados

Da viçosa Chamusca ou Lavradio;

Não ha hi desalmado

Gigante, Incantador, que eu não arrote.

Accende em rodas os fachos

* *Satur erat cum dixit Horatius Evoë.*

JUVENAL.

Horace a bu son saoul quand il voit les Ménades.

BOILEAU.

De resinoso crepitante pinho :

Entre mil lumes

Tremulos , rutilos

Bebo ésta grande

Taça ao grande Evio, est'outra a ti, Delmira,

Que auri-crinante chegas oportuna...

Ai como os campos dançam!

Dança a meza!—Dobrados vejo os frascos!

. . . FRANCISCO MANUEL.

Cantatas.

DIDO.

Ja no roixo Oriente branqueando
As prenhes vélas da Troiana frota
Entre as vagas azues do mar dourado
Sóbre as azas dos ventos se escondiam.

A miserrima Dido

Pelos paços reaes vaga ullulando ,
C'os turvos olhos inda em vão procura

O fugitivo Eneas.

So ermas ruas , so desertas praças
A recente Carthago lhe apresenta :
Com medonho fragor da praia nua
Fremem de noite as solitarias ondas ;

E nas douradas grimpas

Das cupulas suberbas

Piam nocturnas agoureiras aves.

Do marmoreo sepulcro

Attonita imagina

Que mil vezes ouviu as frias cinzas

Do defuncto Sicheu com debeis vozes,
 Suspirando chamar : Elisa ! Elisa !

D'Orco aos tremendos Numens

Sacrificios prepara,

Mas viu esmorecida

Emtórno dos thuricremos altares

Negra escuma ferver nas ricas taças :

E o derramado vinho

Em pelagos de sangue converter-se.

Frenetica delira ;

Pallido o rosto lindo ,

A madeixa subtil desentrançada ,

Ja com tremulo pe entra sem tino

No ditoso aposento ,

Onde do infido amante

Ouviu enternecida

Magoados suspiros , brandas queixas.

Alli as crueis Parcas lhe mostraram

As Iliacas roupas , que pependentes

Do thalamo dourado descubriam.

O lustroso pavez , a teucra espada.

Com a convulsa mão subito arranca

A lamina fulgente da bainha ,

E sobre o duro ferro penetrante

Arroja o tenro crystallino peito :

E em borbotões de espuma murmurando

O quente sangue da ferida salta :

De roixas espadas rociadas

Tremem da sala as doricæ columnas.

Tres vezes tenta erguer-se,
Tres vezes desmaiada sôbre o leito
O corpo revolvendo, ao ceo levanta
Os macerados olhos.

Depois attenta na lustrosa malha

Do profugo Dardanio,
Éstas ultimas vozes repetia,
E os lastimosos lugubres accentos
Pelas aureas abobadas voando

Longo tempo depois gemer se ouviram :

« Doces despojos
Tam bem logrados
Dos olhos meus,
Em quanto os Fados,
Em quanto Deus
O consentiam ;
Da trîste Dido
A alma acceitae,
D'estes cuidados
Me libertae.
Dido infelice
Assás viveu ;
D'alta Carthago .
O muro ergueu :
Agora nua,
Ja de Charonte,
A sombra sua

Na barca feia ,
De Phlegetonte ,
A negra veia
Surcando vai. »

GABÇÃO.

CANTATA.

Á NOITE. *slack*

Ja o sol de purpureas froxas luzes
 Croa as ferventes cerulas campinas,
 Banhando aos arquejantes andaluzes
 No mar as alvas fumegantes clinas.

As Horas os disjunguem; *mar*

E ao brando somno o deus nos thetyos braços
 Manso e manso, abandona os membros laços.

Saíem do asylo das horrendas gruttas
 Com as nocturnas aves agoureiras,

As sombras vergonhosas;

Pelos valles diffundem-se rasteiras,

Até que unidas ás do annoso bosque,

Afoitas mais e mais surgem e engrossam,

E do mundo se apossam.

Emtanto para o Occaso a noite dobra

O veo apavonado,

Que sóbre o seu azul manto estrellado

Invejosa estendera

A aurora vigilante.

No remaço do arroio murmurante

Ja fervem a chuveiros

u. d. 22

Os reflectidos tremulos luzeiros.

Graças a Amor! assoma a feliz Hora

Tirada no seu coche

De cem Desejos férvidos, alados,

Em que me prometteu a minha Nize

De ouvir os meus queixumes namorados,

Na floresta de platanos que assombra

A entrada da caverna veneranda,

D'onde em mil borbotões de escuma o Monro

Fervendo o seu liquor pereane manda.

Nize gentil, será, meu bem, possibil

Que hoje eu colha as dulcissimas primícias

De minhas esperanças vigorosas,

Do deus frecheiro pelas mãos mimosas

Da tua boca fonte de caricias,

De teus olhos travessos

Em meu peito plantadas

Sempre de ardentes lagrymas regadas?

As portas d'alma, Alfenó patenteia

À celeste alegria:

Fogem d'ella os cuidados roedores,

E os pallidos temores.

Com branca pedra nota este almo dia.

Adeus, mágoas, adeus amargo pranto;

Torna, fruta, comigo ao ledo canto.

Ja Morpheu, do Lethes rindo,

Vai de sonhos rodeiado,

Sôbre o mundo fatigado

Molles somnos espargindo.

Dorme tudo, ó Nize bella!
 So Alfeno e Philomella
 Ternas queixas modulando
 Vão turbando

O nocturno mudo horror.

Sancto amor que tens o ninho
 Do meu bem nos meigos olhos,
 Um pungente breve espinho
 Tu elege dos abrolhos
 Que em mim crava a saúde,
 Fere n'alma a tarda Nize;
 Sôbre as azas da vontade
 Voará ao seu pastor.

Eis desço ao valle. Eis entro o angusto bosque:
 Que scena incantadora! Os ares cruzam
 Immensos fuzilantes vaga-lumes:
 Em quanto outros oravados
 Nos frondosos docels perenes brilham;
 Estulando a floresta os ceos sagrados
 De exhalações, de estrellas adornados.
 Triste de mim! Não vejo a linda Nize,
 Por mais que a selva entôrno
 Com os ávidos olhos investigo!
 Vara gentil de ricos lavradores,
 A cruel me desdenha
 Prole de honrados miseros pastores.
 Vivem inda os amores,
 Inda susurra o virginal segredo
 La no Latmio rochedo;

Alta noite acolhendo
 No seio cavernoso
 Da grande Cynthia o numen venerando,
 Que ao acaso entregando
 O govérno do carro luminoso,
 Dentro de veo nubloso
 Sôbre os hombros dos zephyros baixava,
 Endymião buscando,
 Que entre ovelhas lanigeras jazia,
 E nos braços do anado pegureiro
 Do Olympo, e de si mesma, se esquecia.
 Ah! lembre-te, inhumana, a triste sorte
 Da bella Daphne esquiva,
 Que desdenhando altiva
 Do aureo pastor de Admeto
 O ternissimo affeto,
 E os ardentes queixumes lastimosos,
 Que suado e anhelante
 Com rota voz em seu alcance espalha
 Ao vento o afflicto amante,
 Sôbre a margem paterna
 A bella fugitiva o corpo digno,
 Em justa pena da dureza interna,
 De improviso sentiu interiçar-se,
 E em aspera cortiça
 A nivea pelle morbida tornar-se;
 Em rígidas raizes tortuosas
 Pelo attonito rio os pés entraram:
 Os braços torneados

labung

Duros galhudos troncos se fizeram,

E pelo ar se estenderam :

E os dourados cabellos ondeantes

Per elles se espalharam

Em verdénegras folhas susurrantes.

Em louro transformada ,

Com a nova sombra aos campos maravilha

Do azul Peneu a filha.

Phebo... Mas estremece a silva espessa,

O sonoro bulicio d'agua cessa:

Bocejando os Favonios rugidores

Surgem dos tenros calices das flores.

Acceito o agouro , Amor, é Nize! é Nize!

Repentino clarão as trevas fere...

Nova fragancia os ares embalsama...

É o meu bem que chega .

Omnipotente deus aos teus ministros

Do meu pobre rebanho a guarda entrega;

Em quanto Alfeno á sombra

Das fuscas azas da amorosa noite

Na molle gramma passa

Doces momentos da aurea nympha ao lado,

Digno de ser dos deuses invejado.

Alfeno ditoso

Te dá mil louvores ,

Ó deus dos amores !

No ceo luminoso ,

Nas lubricas agoas ,

No reino das magoas

Despotico imperas ;
Tu so da dor geras
Celeste prazer.
Angelica Nize ,
Amor , que alegria !
A Jove me iguala :
Quer goste a ambrosia
Na Olympica sala ,
Que da alma Erycina
Na face divina
Se esteja a rever.

DOMINGOS MAXIMIANO TÓRRÉS.

Uma das mais lindas poesias de Maximiano
Tórres é a que elle intitidou — *Cantata á Noite.*

FRANCISCO MANUEL.

CANTATA I.

MEDEA.

Ja de Colcos a fera ardente Maga
 Horridos versos murmurado havia, *curioso*
 Ao som de atroz conjuro e negra praga
 Ja tinha amortecido a luz do dia;

Ja co' a fôrça do incanto
 Os implacaveis monstros subjagara
 Na feia habitação do eterno pranto,
 E á voz terrível, ao potente aceno
 A triforme carranca enfim curvara
 Do rei das sombras a feroz consorte.
 Embebidas n'um férvido veneno
 As roupas nupciaes, brilhante ornato,
 Em que ia disfarçada, alegre a Morte *discreta*
 Instrumentos da raiva, e do ciúme,
 Punindo a vil traição do sposo ingrato,
 O invisibil per arte aereo lume

Pouco a pouco atejavam
 Nas lisas carnes da real donzella,
 E a preferida, a bella,
 Miseranda rival desesperavam.

Descendente do Sol, do deus fegoso ,
Tu , zelosa frenetica Medea ,
Foste colhér ao carro luminoso
Tenue fatal porção da luz phebea ,
Talhaste fulvo anel da ignea trança ,
E d'elle urdiste asperrima vingança.
Estás desafrentada ? estás contente ?
Nas garras da afflicção Creúsa expira :
 Jason sem alma a sente ,
Jason , que te offendeu, Jason delira ,
Brama de horror, de angustia desfallece ,
E mais que teu furor teu dó merece :
Eis o envolve , o consterna amargo lucto ,
Foi falso, foi traidor, foi reo sem fructo.
Que novo crime , insolito, execrando,
 Que atrocidade insana
Vas contra a natureza aparelhando ?
Poupa os filhinhos, barbara , inhumana ,
 Poupa os meigos filhinhos,
 Elles são innocentes ,
Elles inda tem jus aos teus carinhos.
 Não ves que , descontentes ,
 Não vês que , enternecidos ,
A teu fado, a teu mal dão mil gemidos ,
 Soluçam, tremem , choram ,
Se lamentam do pae , e a mãe deploram ?
Oh ceos ! no coração da Maga horrenda
 Natureza e vingança
Arma fervente pertinaz contenda :

Ora a ternura suspirando amança
 Dos zelos a raivosa tempestade,
 Ora de agro despeito
 Ao vigoroso impulso
 Cede a benigna maternal piedade :
 Emfim do irado peito
 Foge, voa carpindo Amor expulso.
 Eis a mãe, (já não mãe) qual impia furia,
 Medonha e desgrenhada,
 Te faz, oh natureza ! atroz injuria .
 A tua doce voz em vão lhe brada,
 Em vão lhe representa, em vão lhe pinta,
 Com mimoso pincel, com vária tinte
 Aureos instantes, scenas deleitosas,
 Nos meninos gentis, em vão lhe aponta
 De amor snave as prendas carinhosas :
 Co' as imagens brilhantes
 Se assanha do divorcio a crua affronta,
 Dobra-se a pena, a raiva se requinta,
 Já lança mão dos candidos infantes,
 E empunhando mortifero instrumento,
 Com que a ternura espanca,
 No cerrado aposento
 Estas vozes crueis do peito arranca :
 « Longe, affectos piedosos,
 Longe, materno amor : estes que eu mate,
 São prole de Jason, são criminosos,
 Detestavel porção de um peito ingrato.
 Morra, morra com elles a memoria

Do perfido consorte.

Justiça , indignação, dae-me a victoria ,

Cessa de murmurar, oh natureza!

Recebe as tenras victimas, oh Morte ! »

N'isto, em chammas do inferno a Maga acceza,

Vibra o ferreo punhal contra os mesquinhos

Lacrymosos filhinhos :

Ao acto de os ferir lhe cai per terra;

Mas a dextra fatal de novo o aferra.

Infancia , formosura , a dor, e o pranto

Nada o terribil impetu embaraça ,

Um após outro os miseros traspassa :

Tu , ciúme cruel , tu pódes tanto!

No horror da morte as victimas arquejam,

E, inda sentindo a filial ternura,

A mãe, o algoz acarinhar desejam.

Ella, mais que rochedos sêcca e dura ,

Denso véo luctuoso

Sôbre os rotos cadaveres estende,

E aos olhos tristes do culpado esposo

A triste scena renovar pretende...

Ei-lo, ah! ei-lo, convulso , arrebatado ,

Derriba a porta da horrorosa estancia

Nô liso pavimento ensanguentado :

Ferro mortal brandindo ,

Corre a Medea com terribil ancía.

Ao vê-lo, em novas furias se afogueia,

Relampagos aos olhos sacudindo

A torva Maga, e subito meneia

Com rapido susurro a tenue vára,
Que ás longas vestes do perjuro applica :

Elle treme, elle pára,

Calado, immobil, qual estátua fica :

Porém se perde a voz, e o movimento,

Conserva illesos vista e sentimento.

Logo o funebre véo Medea alçando,

Do falsario Jason a angustia dobra,

Aponta ao spectaculo nefando,

Mostra-lhe os filhos, e a traição lhe exprobra.

Depois, abominando os impios lares,

Theatro de seus horridos furores,

As suberbaas abobadas atroa

Com mil imprecações, com mil clamores,

E em leve salto se arremessa aos ares,

E pelos ares voa

De aligeros dragões n'um carro enorme,

Dadiva de Prosérpina triforme.

Das Górgonas, das Furias negro bando

Retorce os olhos, que arremedam brazas,

A segue, e vai correndo, e vai crestando

Com rubro facho ardente ao vento as asas.

Unisono alarido

A sanhuda caterva aos ceos levanta;

É da brutal fereza

O triumpho atrocissimo decanta.

O sol na escuridão fica sumido;

Negreja horrorisada a natureza;

Montanhas ergue o mar, vulcões a terra

Aos sons , que o coro estygio desencerra ;
E entretanto o miserrimo consorte
Jaz entre os filhos , a lutar co' a morte.

Triumphe (os mostros clamam ,
E a Compaixão suspira)
Triumphe , reine a Ira ,
Caia , pereça Amor.

Teus raios , oh vingança!
Jamais , jamais se apaguem ,
Sempre o altar te alaguem
Ondas de rubra cor.

Pasmae , tartareas hydras ,
Pasma , infernal tyrano :
Inda o furor humano
Transcende o teu furor.

Da atroz Medea o nome
Em perennal memoria
Será do Averno a gloria ,
E dos mortaes o horror.

Tropel de acerbos males
O mundo assalte e fira ,
Reine , triumphe a Ira ,
Caia , pereça Amor.

CANTATA II.

IGNEZ DE CASTRO.

Longe do caro esposo Ignez formosa
Na margem do Mondego ,
As amorosas faces aljofrava
De mavioso pranto :
Os melindrosos candidos penhores
Do thalamo furtivo ,
Os filhinhos gentis , imagem d'ella ,
No regaço da mãe serenos gozam
O somno da innocencia.
Côro subtil de aligeros Favonios ,
Que os ares embrandece ,
Ora enlevado affaga
Com as plumas azues o par mimoso ,
Ora , sôlto , inquieto
Em leda travessura , em doce brinco ,
Pelæ amante saudosa ,
Pelos tenros meninos se reparte ,
E com tenue murmúrio vai prender-se
Das aureas tranças nos anneis brilhantes.
Primavera lonçan , quadra macia

Da ternura, e das flores,
Que á bella natureza o seio esmalta,
Que no prazer de amor ao mundo apuras
O prazer da existencia,
Ta de Ignez lacrymosa
As mágoas não distrahes com teus incantos.
Debelde o rouxinol, cantor de amores,
Nos versos natúraes os sons varia,
O limpido Mondego em vão serpeia
C'um benigno susurro, entre boninas
De lustroso matiz, almo perfume;
Em vão se doura o sol de luz mais viva,
Os ceos de mais pureza em vão se adornam
Por divertir-te, oh Castro!
Objectos de alegria amor enjoam,
Se amor é desgraçado.
A meiga voz dos zephyros, do rio
Não te convida o somno:
So de ja fatigada
Na lucta de amargosos pensamentos,
Cerras, misera, os olhos;
Mas não ha para ti, para os amantes
Somno placido e mudo;
Não dorme a phantasia, amor não dorme:
Ou gratas illusões, ou negros sonhos
Assomando na ideia, espertam, rompem
O silencio da morte.
Ah! que fausta visão de Ignez se apossa!
Que scena, que espectáculo assombroso

A paixão lhe afigura aos olhos d'alma !
 Em marmoreo salão de altas columnas
 A solio magestoso e rutilante,
 Jancto ao regio Amador, se cré subida;
 Graças de neve a purpura lhe envolve;
 Pende angusto docel do tecto de ouro;
 Rico diadema de radioso esmalte
 Lhe cobre as tranças, mais formosas que elle;
 Nos luzentes degraus do throno excelso
 Pomposos cortezãos o orgulho acurvam;
 A lisonja sagaz lhe adoça os labios;
 O monstro da politica se aterra,
 E se Iguez perseguia, Iguez adora.

Ella escuta os extremos,

Os vivas populares, ve o Amante
 Nos olhos estudar-lhe as leis, que dicta;
 O prazer a transporta, Amor a incanta;
 Premios, dadivas mil ao justo, ao sabio
 Magnanima confere,

Rainha esquece o que soffreu vassalla :
 De sublimes acções orna a grandeza,
 Felicita os mortaes, do sceptro é digna;
 Impera em corações... mas ceos ! que estrondo
 O sonho incantador lhe desvanece !

Iguez sobresaltada

Desperta, e derepente aos olhos turvos
 Da vistosa illusão lhe foge o quadro.
 Ministros do furor, tres vis algozes,
 De buídos punhaes a dextra armada,

Contra a bella infeliz bramindo avançam.
 Ella grita, ella treme, ella descora;
 Os fructos da ternura ao seio sperta,
 Invocando a piedade, os ceos, o Amante;
 Mas de marmore aos ais, de bronze ao pranto,
 Á suave attração da formosura,
 Vós, brutos assassinos,
 No peito lhe enterrais os impios ferros.
 Cai nas sombras da morte
 A víctima de amor, lavada em sangue,
 As rosas, os jasmins da face amena
 Para sempre desbotam.
 Dos olhos se lhe some o doce lume,
 E no fatal momento
 Balbucia, arquejando : « esposo ! esposo ! »
 Os tristes innocentes
 Á triste mãe se abraçam,
 E soltam de agonia inutil choro.
 Ao suspiro exhalado,
 Final suspiro da formosa extincta,
 Os Amores acodem.
 Mostra a prole de Ignez, e a tua, oh Venus!
 Igual consternação, e igual belleza:
 Uns dos outros os candidos meninos
 So nas azas differem,
 (Que jazem pelo campo em mil pedaços
 Carcazes de marfim, virotes de ouro)
 Subito voam dous do côro alado :
 Este raivoso, a demandar vingança

No tribunal de Jove;
 Aquelle a conduzir o infausto annúncio
 Ao descuidado Amante.
 Nas cem tubas da Fama o gran' desastre
 Irá pelo Universo :
 Hão de chorar-te, Ignez, na Hircania os tigres,
 No torrado certão da Lybia fera
 As serpes, os leões hão de chorar-te.
 Do Mondego, que attonito recúa,
 Do sentido Mondego as alvas filhas
 Em tropel doloroso
 Das urnas de crystal eis vem surgindo,
 Eis, attentas no horror do caso infando,
 Terriveis maldições dos labios vibram
 Aos monstros infernaes, que vão fugindo.
 Ja croam de cypreste a malfadada,
 E, arrependando as nitidas madeixas,
 Lhe urdem saudosas lugubres endeixas.
 Tu, Echo, as decoraste,
 E, cortadas dos ais, assim resoam
 Nos concavos penedos, que magoam:
 Toldam-se os ares,
 Murcham-se as flores:
 Morrei, Amores,
 Que Ignez morreu.
 Misero esposo,
 Desata o pranto,
 Que o teu incanto
 Ja não é teu.

Sua alma pura
Nos ceos se encerra :
Triste da terra
Porque a perdeu !
Contra a cruenta
Raiva ferina,
Face divina
Não lhe valeu.

Tem roto o seio,
Thesouro occulto,
Barbaro insulto
Se lhe atreveu.

De dor e espanto,
No carro de ouro,
O numen louro
Desfalleceu.

Aves sinistras
Aqui piaram,
Lobos uivaram,
O chão treneu.

Toldam-se os ares,
Murcham-se as flores :
Morrei, Amores,
Que Ignez morreu.

CANTATA III.

LEANDRO E HERO.

De horrenda cerração croada a Noite,
 Surgira ha muito da cimeria grutta,
 Tapando ao longo ceo co' as azas longas,
 Reina em meio Uníversono:
 Occupam-lhe os degraus do negro throno
 A Tristeza, o Silencio,
 O Médo, a Solidão, o Amor, e o Crime;
 Voam-lhe emroda lugubres phantasmas,
 Aves sinistras pousam-lhe no gremio.
 Eis manso e manso as nuvens se entumecem,
 Eis o líquido péso
 Rompe os enormes carregados bojos,
 Em torrentes snsurra e cai na terra.
 Rebentam furacões, flammejam raios;
 O estrondoso trovão no ceo rebrama;
 O Helesponto nas rochas ferve e ronca.
 Tu, abydeno amante,
 Tu vélas n'este horror com a saudade.
 Ja corres insoffrido ás ermas praias,
 Donde é teu uso arremessar-te ao pégo,

E, déstro nadador, tallhando as vagas,
Teus gostos demandar na opposta margem.
Ao longe em celsa tórre, estancia cara

De Hero, sol dos teus dias,

O brilhante signal, o amigo Inne
(Que é no facho de Amor per ella acceso)
Ves entre as sombras sciotillar a espaços,
E como que te acena, e te suspira.

Debalde o mar bramindo, o ceo troando,
Teu impetu ameaçam;

Ardem-te n'alma os sofregos desejos;
Fulgurante illusão, dourando as trevas,
N'um quadro tentador te offrece aos olhos
Glórias a furto, vívidos prazeres,
Doces mysterios, que da luz se temem.

A sagaz Esperança

Te reforça, te incita,

Jara aplacar-te o ar, pôr freio ás ondas;
Dar-te aos suspiros da suave amada.

Attento á meiga voz, que attrai, que mente,
No montuoso pelago te arrojas:

Á quéda repentina alteia um grito

O corvo grasnador na dextra parte;

E os echos, despertando ao som medonho,
Gemem nas brutas cavernosas fragas.

O triste agouro te irripia as carnes,

Teus cabellos erriça;

Mas prevalece amor; e, expulso o médo,
Fórças a equorea tumida braveza.

Metade ja do trãnsito afanoso
 Industria e robustez vencido haviam :
 N'isto a procella horrisona recresce;
 Tingem sombras do inferno os véos da noite
 Que o subito relampago retalha;
 Braveja o mar, aos astros se remontam
 Sérras e seřras de fervente espuma:
 Carrancudos tufões arrebatados
 Dobrando a fôrça, a raiva, luctam, berram,
 E revolvem do pelago as entranhas :
 Rochedo immobil, afferrado á terra,
 Rebate apenas o horroroso assalto....
 Ah Leandro infeliz! tu ja fraqueias,
 A destreza, o vigor nas mãos, nas plantas
 Ja, misero amador, ja te fallecem.
 Procuras o distante, o caro lume,
 Astro benigno, que te influe e guia,
 Olhas, ves que te falta,
 Que desapareceu, que jaz extinto :
 Suspiras, esmoreces
 Da tua doce luz desemparrado.
 Invocas o gran' deus, que rege os máres :
 De teus rogos não cura, immoto e surdo.
 Invocas de Nereu potente as filhas :
 Ellas ardem por ti; mas, invejosas
 Do objecto incantador, que lhes preferes,
 Ás maritimas furias te abandonam.
 Hero invocas e Amor e os Ceos e a Sorte :
 A Sorte é implacabil ;

Dos males, que dispõe, não se arrepende;
Teus dias signalou de um termo infausto.
Debalde te auxilia o deus mimoso,
O alado creador de teus suspiros,
Dos amorosos bens, que desfructaste;
O facho luminoso em vão meneia
 Para encurtar-te as sombras,
E mais facil tornar a undosa estrada;
 Em vão co' as azas brandas
Tenta arrasar os orgulhosos máres.
Sôbre altõs escarceos o Fado escuro
 Folga, triumphã e reina,
Punge, ameaça, desespera os ventos,
Enrola a morte nas horrendas vagas:
Ella, prompta a seu mando, ella accommette
 O deploravel môço:
Eis dos olhos gentis lhe turva o lume;
O tardo movimento eis lhe sopeia,
Pelas aguas o embebe, e de Hero o nome
Do ancioso coração n'um ai lhe arranca.
Abaixo, acima co' as cavadas ondas
Vai, vem mil vezes o infeliz mancebo....
Ai! ja sem vida aqui, e alli vagueia
Á discrição do mar, e o mar com elle
De Sésto ás praias subito arremete;
Dá contra a torre de Hero, alli rebenta,
E deixa o triste corpo á margem nua.
Tu entretanto, carinhosa amante,
Que fazias, (oh ceos!) que imaginavas?

Solitaria, anhelando,
Nas trévas espantosas,
Nos altos ventos, alterosos máres
Lias de feio azar presagios feios.
Emtórno-á viva luz, que vigiavas,
(Que em raro véo com arte involto havias,
Resguardando-a dos ares indignados)
Emtórno á viva luz eis de improviso
Negro insecto voou, zuniu tres vezes,
E á terceira apagou a esperta chamma;
(Foi no ponto funesto, em que o mancebo
Com teu nome adoçou o extremo arranco)
Do repentino assombro espavorida,
Attonita, convulsa,
O agourado clarão não renovaste.
Em âncias implorando os deuses todos,
E mais que todos o que em ti reinava,
A bem do afouto desvelado amante
Ao numen indulgente, á mãe piedosa
Mil incensos, mil victimas votaste.
Depois, cevando a revoltosa ideia
Em terríveis imagens,
Ora do môçó audaz o usado arrôjo
Reprovavas comtigo;
Ora a cega imprudencia maldizias,
Com que em tam desabrida horribil noite
A perigosa senha aventuraras....
Ah triste! contra ti não te conjures:
Foi lei dos Fados a imprudencia tua.

Hero desanimada,
 Mettida em profundissimo lethargo,
 Jaz sem tino, e sem voz, até que aponta
 A purpúrea manhan no ceo ja ledo.
 Farto o cruel Destino,
 Adelgaçara os ares,

Ao pégo a mansidão restituíra,
 Depois que a terna víctima saúdosa
 Foi suffocada nas voragens feras.
 Elle, o duro oppressor dos desditosos,
 Elle do almo prazer que os dous gozaram,
 Está vingado em parte, e da vingança
 Á desesperação commette o resto.

Hero! ah Hero infeliz! tu pelas aguas
 Humida vista, suspirando, alongas.
 Não ves o nadador, por quem desmaias,
 Que tea bem não fluctua
 Pelas ondás desertas.

Eis a consternação te inclina os olhos
 Á pedregosa areia
 Onde o desventurado está sem alma.
 Que vista! que terror! as alvas carnes,
 Rôtas nas rochas pelo embate undoso,
 Inda gotejam sangue, aberta a boca,
 Parece que inda quer, que inda procura
 Chamar-te, oh Hero! murmurar teu nome.

No espectáculo horrendo,
 Misera, tu reparas,
 Tu... ceos! não lhe acudis! tu reconheces

O querido semblante, e corpo amado,
Entre as sombras da morte inda formoso :

Com pallidez, que a pinta,

Gritas, arquejas, desesperas, fremes,
Deitas as mãos de neve ás tranças de ouro,
E as tranças de ouro, delirando, arrancas.
Levada emfim de um impetu raivosa,
Te arremessas da tórre, e dás e entregas
O teu ai derradeiro ao mudo amante.
La jazem sobre a areia luctuosa

As víctimas do Fado;

Nas angustias mortaes a linda môça
Inda, estendendo os amorosos braços,
Tenta apertar o suspirado objecto.
Apiedados delphins nas ondas surgem,
E altos sons (ó prodigio!) derramando,
Lamentam juncto á praia o duro caso;
As mesmas nymphas invejosas de Hero
Soluçam de pezar nos vítreos lares.
Um marmoreo padrão se erige em breve;
Compadecidas mãos a historia triste
Gravam na lisa pedra : a pedra existe;
Mas o monstro voraz, que roe penedos,
Comendo em parte a funebre scriptura,

So deixa solettrar-lhe

O remate piedoso,

Em meus piedosos versos trasladado,
Carpido ao som da lira :
Inda agora de oovi-lo Amor suspira :

— *Aos dous amantes*

De Abydo e Sesto

Ardor funesto

Deu negro fim.

Foram-lh' algoszes

Os seus extremos:

Mortaes, amemos,

Mas não assim. —

BOCAOE.



A SÉSTA.

D'um sereno ribeiro ás frescas margens
Bordadas de boninas
Na mão nevada repousando a face,
Lilia, a mais bella das gentis pastoras,
Socegada dormia.
Ella dormia; e zephyro ligeiro
Tímido e respeitoso
Nem mesmo ousava susurrar-lh'entórno.
Mais placida corria a debil onda,
E o plumoso cantor nem murmurava.
O sol, que no Zenith
Vibrava raios na mais alta esphera,
Par'acia afastar-lhe ao longe a calma.
Espesso freixo, que rodeiam myrthos,
Longe estendia a cúpula frondosa,
E vaidoso do abrigo, que prestava,
De namorado requebrava os ramos.
Aos pés da nympha a médo se beijavam,
Quasi afogando o gózo,
Sem lascivo arrulhar, meigas pombinhas.
Mal lhe cubria os membros delicados
Pouco avaro sendal, candido e fino.
Via-se a perna, resvalando a furto,

De pulido marfim, que d'alvo cega;
Via-se a fórma do elegante corpo,
E o delicado seio,
Suave palpitando
Em doce voluptuoso movimento.
Dos labios entre-abertos lhe spirava
Mais divino perfumè, que ambrosia,
Pouco restava ao soffrego desejo
Debil imaginar d'almos thesouros;
Julguei da equorea Chypre nas florestas
Ver a meiga Erycina de cançada
Por Adonis chamar, que adormecera.
Manso e manso aproximado, em cada passo,
Confuso, arrebatado
Julgando commetter um sacrilegio.
Afasto a medo os ramos invejosos,
Ah! Lilia reconheço! Lilia, a ingrata,
Que ha muito me fugia: corro a ella;
Começo a lhe beijar as roseas faces;
Beijo-lhe as niveas mãos, e os garços olhos;
Nas veias me pullula ardor celeste.
Osculo ardente
Do brando seio
Ja sem receio
Lhe ouso roubar.
Prazer celeste
Lhe entr'abre os lames,
E mil queixumes
la a formar.

Vou applaca-la...

Balbuciamos...

E ambos ficamos

Sem respirar.

ANONYMO.

65666026



